

IV CONGRESSO DA

OPAE

Piracicaba

* Designer Edu Grosso



Entre rios e raízes:
Arte Educação como
semente

Caderno de Resumos

Fernando Bueno Catelan (Org.)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Congresso da OPAE Piracicaba (4. : 2025 : Piracicaba, SP)
IV Congresso da OPAE Piracicaba [livro eletrônico] : entre rios
e raízes : arte educação como semente : caderno de resumos /
[organização Fernando Bueno Catelan]. -- São Paulo : OPAE, 2025.
203 p. : il. color.
PDF

Disponível em: <<https://opae.com.br/publicacoes/anais-conopae/>>

Vários autores.
Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-980069-4-5

1. Educação - Congressos I. Catelan, Fernando Bueno. II. Título.

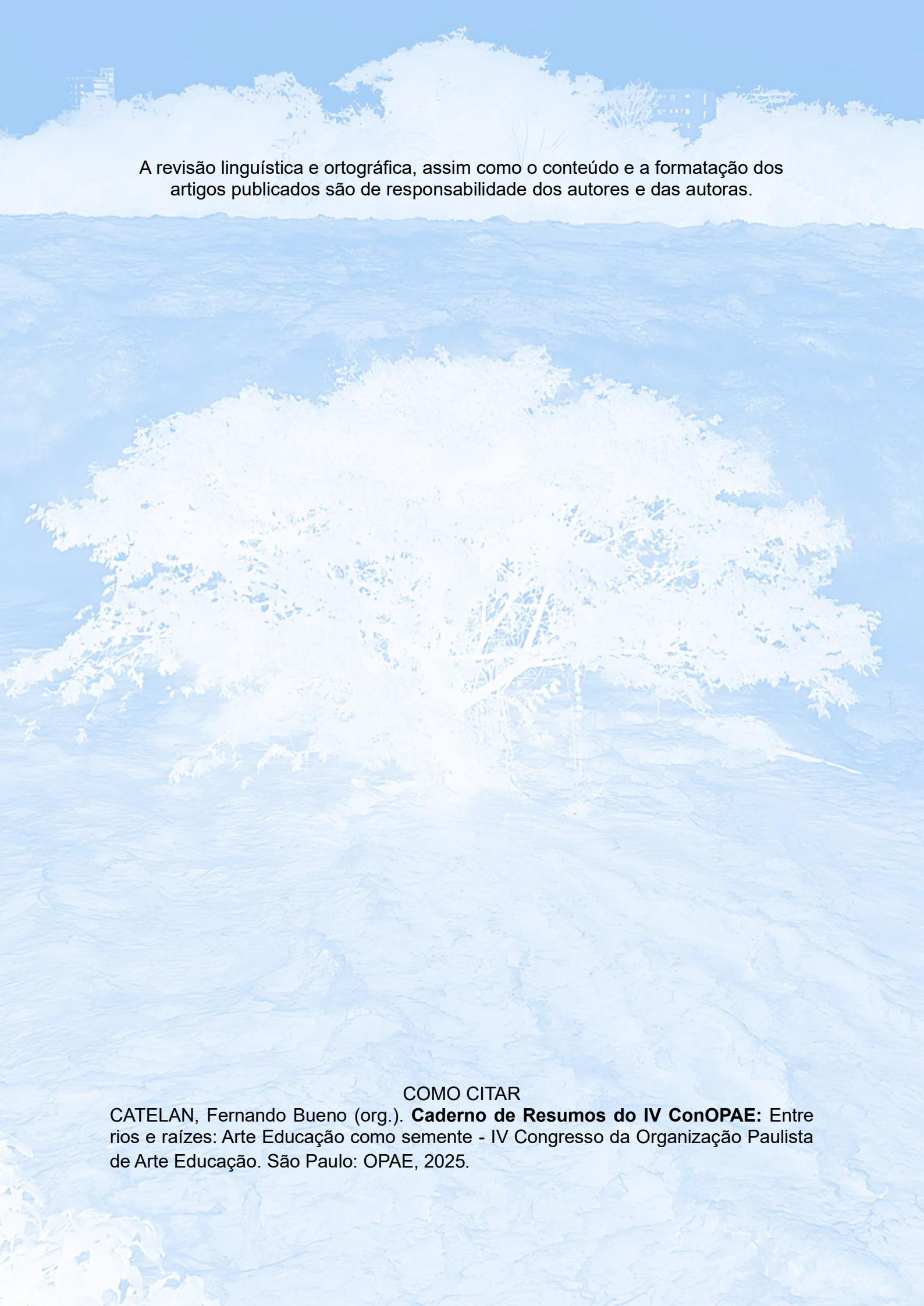
25-283209

CDD-370.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Congressos 370.6

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



A revisão linguística e ortográfica, assim como o conteúdo e a formatação dos artigos publicados são de responsabilidade dos autores e das autoras.

COMO CITAR

CATELAN, Fernando Bueno (org.). **Caderno de Resumos do IV ConOPAE: Entre rios e raízes: Arte Educação como semente - IV Congresso da Organização Paulista de Arte Educação**. São Paulo: OP AE, 2025.

COMISSÃO CIENTÍFICA

Coordenação

Dr. Fernando Bueno Catelan

Pareceristas

Dra. Ana Amália Tavares Bastos Barbosa

Dra. Ana Marcia Akauí Moreira

Dra. Camila Serino Lia

Me. Cassio Almeida dos Santos

Dra. Eliane Aparecida Andreoli

Dra. Eliane Patricia Grandini Serrano

Dra. Elisângela de Freitas Mathias

Dr. Fernando Bueno Catelan

Me. Joab da Silva Barboza

Dr. José Minerini Neto

Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi

Dr. Pio de Sousa Santana

Dra. Priscila Leonel de Medeiros Pere

Dra. Rejane Galvão Coutinho

Dra. Roberta Jorge Luz

Dra. Rosa Iavelberg

Dra. Scarlet Buzzi

Dra. Sonia Leni Chamon

COMISSÃO ORGANIZADORA

Dra. Ana Marcia Akauí Moreira

Dra. Eliane Aparecida Andreoli

Dra. Elisângela de Freitas Mathias

Dr. Fernando Bueno Catelan

Dr. João Cardoso Palma Filho

Me. Illo Wagi Soares Bueno De Camargo

Dra. Juliana Marcondes Bussolotti

Dra. Lucimar Bello Pereira Frange

Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi

Dra. Mirian Celeste Martins

Dr. Pio de Sousa Santana

Dra. Rejane Galvão Coutinho

Me. Rubens de Souza

Dra. Sonia Leni Chamon

Dra. Tarcila Lima da Costa



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
EIXO 1 - Brotando águas limpas em territórios secos (críticas sensíveis e políticas públicas)	15
Danças afro-brasileiras na EJA: Por uma Educação sensível, crítica e decolonizadora ... <i>Arantxa Melaine de Lima</i>	16
Diálogos dançantes: a dança na disciplina de Arte na Rede Municipal de Campinas <i>Maria Isabel Torres dos Santos</i>	18
Dancemos todos: processo de composição coreográfica coletiva..... <i>Mariana Cintra Limede</i>	20
O componente curricular arte, frente aos ataques: Caminhos para reflexões e (re) existência nestes últimos anos..... <i>Cassio Almeida dos Santos</i>	22
A invisibilidade de dança e teatro no ensino de arte no Brasil..... <i>Fernando Bueno Catelan</i>	24
Diálogos entre a Arte Educação Ambiental e a Encíclica Laudato Si no ano em que completa 10 anos de sua publicação..... <i>Maria Christina de Souza Lima Rizzi</i>	26
Não é permitido: análises da produção do documentário que conta casos da censura ao Punk Rock no Brasil	28
<i>Renan Costa de Negri</i> <i>Fernando Calderan Pinto da Fonseca</i> <i>Matheus de Moraes</i>	
Estudantes, uma obra de Ativismo	30
<i>Flávia Teodoro Alves</i>	
O currículo de arte na escola e a ampliação dos imaginários.....	31
<i>Rita Pisano</i>	
A cultura periférica na sala de aula: experiências do ensino de arte em escolas públicas do Capão Redondo	32
<i>Bruno de Tarcis Silva</i>	
Formação em Arte e (Re)Existência: vozes que ecoam da EFAPE para a rede estadual de ensino de São Paulo Afetos, mídias e potência na formação docente em Arte	34
<i>Ariene Alves Dupin</i> <i>José Jocélio Silva Albuquerque</i>	
Multiplica SP: a potência da formação colaborativa no ensino de Arte Formação docente e troca de experiências na educação pública paulista	35
<i>Gislene Maldonado Lara Mossini</i> <i>Debora Cristina Spirandelli Bastos</i>	

EIXO 2 - Terra vermelha em espaços verdes (histórias e memórias).....	36
O ensino de arte e as redes colaborativas na segunda metade do século XX	37
<i>Danilo Moreira Xavier</i>	
África Viva, Viva África: Uma abordagem decolonial na educação básica.....	40
<i>Illo Wagi Soares Bueno de Camargo</i>	
<i>Ademir Junior Francisco</i>	
Arte e Território: Poéticas do Espaço e Experiências Pedagógicas sobre os Mantos Tupinambás e o Imaginário Colonial.....	42
<i>Danielle Sallatti</i>	
<i>Andrea Coelho Lastória</i>	
Memórias de um artista não esquecido: fragmentos da história de Zé Risonho	44
<i>Ijuciara Aparecida Fernandes da Silva</i>	
<i>Renan Costa de Negri</i>	
Retornar para reencontrar-se: comunidade quilombola Engenho de Siqueira.....	46
<i>Gilvania Santos Silva</i>	
Educando com histórias: uma parceria literária.....	48
<i>Fernanda Provinciatto</i>	
Arte, história e memória: mediações com barro	50
<i>Isis Lourenço da Silva</i>	
Arte negra e resistência: como superar o racismo na escola por meio da educação artística	52
<i>Isabela Vitória Santana</i>	
Ancestralidade como um caminho para a Decolonialidade na Arte Educação	54
<i>Priscila Leonel de Medeiros Pere</i>	
Mapas Vocais	56
<i>Cecilia Ferreira Bortoli</i>	
EIXO 3 - Sementes do amanhã (infâncias).....	58
O brinquedo no processo de adaptação escolar	59
<i>Viviane Rodrigues Mestre Ruiz</i>	
<i>Tânia Cristina Desiderio da Silva</i>	
<i>Tatiane Vieira Martins</i>	
Objetivos do Desenvolvimento Sustentável em prática: o projeto Brincando e Aprendendo em uma escola do interior paulista	61
<i>Sonara da Silva de Souza</i>	
<i>Andrea Coelho Lastória</i>	
<i>Thais Angela Cavaleiro de Azevedo</i>	
<i>Carla Costa de Moraes</i>	
Do Lado de Fora: experiência e vivências na Educação Infantil.....	63
<i>Rosani Cristina Rigamonte</i>	
Turma do Lamba: O Uso de Gibis e Animações 2D na Sensibilização sobre Água e Saneamento com o público infantil	65
<i>Aguinaldo Brito Júnior</i>	
<i>Débora de Paula Papani</i>	
Corpos que brincam, territórios que cantam: infâncias e cultura popular em roda de festa.	66
<i>Maria Filippa Jorge</i>	

Sensibilização ambiental infanto-juvenil por meio da Arte e Educação: Peça teatral “A Turma do Lamba contra os inimigos da natureza”	68
<i>Mariane Alves de Godoy Leme</i>	
<i>Vittoria Leite Chaves Victorio</i>	
<i>Andréa Borges</i>	
<i>Murilo Ferreira de Sant'Anna</i>	
Desenhe o que sente: A construção gráfica infantil como linguagem emocional na arte- educação.	70
<i>Gabriela Hengles Santos</i>	
<i>Eliane Patricia Grandini Serrano</i>	
Quando não há mar, a arte inventa: infância, cidade e imaginação no trabalho do Grupo Esparrama	72
<i>Luciana da Conceição</i>	
Colcha de retalhos – histórias, brincadeiras e ludicidade na educação básica.....	74
<i>Cristina Maria da Silva</i>	
A arte do brincar em família: autonomia criativa e fortalecimento de vínculos.....	76
<i>Julia Corrêa Giannetti</i>	
A arte na educação infantil e o conceito estético: entre formação e responsabilidade	78
<i>Daniela Farto Brugnerotto de Aguiar</i>	
<i>Liana Arrais Serodio</i>	
EIXO 4 - Um passo além do provável (processos diversos)	80
Materiais educativos sobre morcegos - Alterando a perspectiva através do conhecimento (Cartilha Morcegos e Vampiros: entre a ciência e a ficção).....	81
<i>Vinicius Kenji De Moraes Sato</i>	
<i>Andrea Coelho Lastória</i>	
Metamorfose Expressiva: observando e vivenciando o ensino de arte no Curso de Pedagogia.....	83
<i>Mirian Celeste Ferreira Dias Martins</i>	
<i>Milena Gomes Ribeiro de Carvalho</i>	
<i>Penelope da Silva Lima do Amaral</i>	
“Por dentro da Célula”: Abordando a dinâmica celular por meio de um jogo didático no Ensino Médio	85
<i>Beatriz Estevam</i>	
<i>João Vitor Ferro Mazzei</i>	
<i>Renan Fantine</i>	
<i>Taitiany Karita Bonzanini</i>	
Gruda! Processos educativos cartográficos em artes visuais.....	87
<i>Livia Dotto Martucci</i>	
A dança no mundo animal: musicalidade e movimento como ferramentas para o Ensino de Ciências	89
<i>Giulia Nunes de Aguiar Souto</i>	
<i>Anna Beatriz Queiroz Di Souza</i>	
<i>Isabella de Freitas Bento</i>	
<i>Carolina Pacchioni Monteiro</i>	
<i>Taitiany Karita Bonzanini</i>	
Cultura Oceânica com Minecraft®: arte e ludicidade	91
<i>Maxine Mitie Machado Ishizaki</i>	
<i>Larissa Barcelos Plaques</i>	
<i>Anderson Victor dos Santos</i>	
<i>Levi De Zen Itepan</i>	
<i>Rosebelly Nunes Marques</i>	

Oficina de jogos com foco no ensino e na saúde mental	93
<i>Gustavo Lopes da Silva</i>	
<i>Déborah Mikaela Ferreira</i>	
<i>Levi De Zen Itepan</i>	
<i>Rosebelly Nunes Marques</i>	
Arte e inclusão: elaboração de recursos didáticos para o ensino de astronomia utilizando materiais táteis.....	95
<i>Maria Rita Gomes Da Silva</i>	
<i>Vitória de Oliveira Filgueiras</i>	
<i>Larissa Barcelos Plaques</i>	
<i>Maxine Mitie Machado Ishizaki</i>	
<i>Robert Marcio Calazans Junior</i>	
<i>Rosebelly Nunes Marques</i>	
Geleiras em Jogo: uma expansão de AcquaQuest no ensino lúdico da água	97
<i>Monise Brotto dos Santos</i>	
<i>Charles Albert Medeiros</i>	
<i>Levi De Zen Itepan</i>	
<i>Rosebelly Nunes Marques</i>	
Arte para o estudo da chuva: uma proposta para o Ensino de Ciências	99
<i>Taitiany Karita Bonzanini</i>	
<i>Marcia Regina Balbino</i>	
Água Educast: os podcasts como ferramenta educacional para a gestão dos recursos hídricos	101
<i>Murilo Ferreira de Sant'Anna</i>	
<i>Taitiany Karita Bonzanini</i>	
EIXO 5 - “Correndo” sobre as águas férteis (ações e práticas).....	103
A Ocupação Ana Mae Barbosa e as Ativações OPAE: uma experiência colaborativa entre arte, educação e instituições culturais	104
<i>Pio de Sousa Santana</i>	
Cartografias culturais: a experiência do passaporte cultural no ensino de arte em Lençóis Paulista/sp	105
<i>Márcio Antônio Roda De Oliveira</i>	
<i>Eliane Patrícia Grandini Serrano</i>	
Práticas artísticas e ética animalista na experiência da Coletiva Animalia.....	107
<i>Carla Santana Soares Bulcão</i>	
Entre o cotidiano e o extraordinário: O Jogo de Improviso como caminho formativo crítico no ensino de Teatro nos Anos Iniciais.	109
<i>Francisco Souza Da Silva</i>	
Modelo Vivo colaborativo como performance e sua potência para ensaiar novas percepções	111
<i>Sérgio Silva Costa Júnior</i>	
<i>Helena Tavares Coutinho Pinto da Silva</i>	
<i>Camila Reginaldo Johansen Longo</i>	
O saber-fazer dos ofícios manuais: uma proposta de educação contra a alienação do trabalho abstrato.....	113
<i>Caio Netto dos Santos</i>	
Do digital ao concreto: arte-educação ambiental inspirados no jogo virtual Minecraft® ..	115
<i>Marcos Cesar Rodrigues de Miranda</i>	
<i>Charles Albert Medeiros</i>	
<i>Levi De Zen Itepan</i>	
<i>Rosebelly Nunes Marques</i>	

A Interface entre Arte e Educação na pedagogia do barro em Gabriella Marinho	117
<i>Eliane Patricia Grandini Serrano</i>	
Oficinas de cartografia social e da memória da liberdade, cambuci e vila mariana na cidade de São Paulo: patrimônio e participação	119
<i>Fernanda Eiras Rubio</i>	
<i>Pedro Luiz Stevolo</i>	
Caminhada como Prática Estética, Identitária e Educativa	121
<i>Nuana Câmara Soares</i>	
<i>Maria Luiza Ramos Tonussi</i>	
<i>Tatiane Regielle de Moraes</i>	
EIXO 06 - Entrelaçando ventos e marés - a escuta do eu/ambiente (ações, culturas e territórios)	123
Ação Educativa - Mini Pantanal Paulista: conhecer para preservar	124
<i>Autora</i>	
Rios que escutam, raízes que cantam: práticas musicais colaborativas no contraturno escolar	126
<i>Fernando Roberto Videira Batista</i>	
<i>Danieli Longo Benedetti</i>	
Semeando consciência ambiental: arte e ação na gestão de resíduos sólidos	128
<i>Amanda Aparecida Carlos</i>	
<i>Andrea Coelho Lastória</i>	
<i>Muryllo Benevente Batista</i>	
<i>Lais Vitória Oliveira Campion</i>	
<i>Júlia Vanucci Nasareth Menezes</i>	
<i>Felipe Souza de Almeida</i>	
<i>Catarina de Campos Dutra</i>	
<i>Nathalia Rizzato da Silva</i>	
<i>Madson Oliveria Rocha</i>	
<i>Isadora Feltrin Rodrigues</i>	
Papel transformado em arte sustentável: uma prática na sala de aula	130
<i>Karina Corrêa Costa Servette</i>	
<i>Juliana Davanzo Dionisio Bueno de Camargo</i>	
Arte educação ambiental: ciênciarte & bioarte em toda parte!.....	132
<i>Paulo E. Diaz Rocha</i>	
Literatura, Folclore e Arte: Será que dá jogo?	133
<i>Charles Albert Medeiros</i>	
<i>Levi De Zen Itepan</i>	
<i>Rosebelly Nunes Marques</i>	
O jogo dos deuses gregos: mitologia e aprendizagem criativa no ensino	135
<i>Larissa Barcelos Plaques</i>	
<i>Vitória de Oliveira Filgueiras</i>	
<i>Maria Rita Gomes da Silva</i>	
<i>Maxine Mitie Machado Ishizaki</i>	
<i>Rosebelly Nunes Marques</i>	
Das margens do Mogi Guaçu à sala de aula, arte-educação como semente de saberes ancestrais.....	137
<i>Karina Marchiori</i>	
<i>Eliane Patricia Grandini Serrano</i>	
Poéticas contracoloniais na arte-educação	139
<i>Oswaldo Pinheiro Da Silva</i>	
Cortejo do Boi - manifestação de encatamentos nas ruas do centro de São Paulo	140
<i>Sheila Cruz</i>	

EIXO 7 - Ambientes fortes (natureza/eu) e sensíveis (eu/natureza) (projetos)..... 142

PIME -Atividades Extensionista Curricularizada..... 143
Débora Gigli

O ensino das artes na educação básica e a decolonialidade dos saberes: uma proposta de ação emancipatória 145
Simone Laiz de Moraes Lima

O ateliê-laboratório do museu afro Brasil Emanuel Araújo no contexto didático - pedagógico para estágios supervisionados em artes visuais 147
Dália Rosenthal

Projeto Gota D'água: 30 anos de sensibilização sobre gestão da água nas bacias hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá 149
Priscila Marcon
Eduardo Paniguel Oliveira
Andréa Borges
Murilo Ferreira de Sant'Anna

Princípios e referências da Arte/Educação na realização de projetos socioambientais e ações pelo clima no terceiro setor 151
Carolina Teixeira Pires

Criação de curta-metragem como forma de ressignificação da autoimagem..... 153
Guilherme Massau de Moraes Santos
Eliane Patricia Grandini Serrano

Projetos Artístico-político-pedagógicos do Teatro de Grupo - um olhar sobre a práxis na educação não formal 155
Caio Sérgio de Castro Armada Floret Franzolin

O teatro fórum na bacia do Rio Juquery - projeto de pesquisa - reflexão 1º bimestre 157
Lucas Rosario Joia Chrispim

Projeto Folclorear: educação patrimonial e cultura caipira no ambiente escolar 159
Fernanda Colli

Pedagogias das Re[x]istências: por uma educação antirracista e decolonial 161
Janaína Farias de Souza Ferreira

EIXO 8 - Colorindo mundos (reflexões, poesias e contos)..... 163

Jogo do Belo - Educar através do desconforto artístico 164
Kiara Azevedo

Sementes Aladas..... 165
Magna Ivone Azevedo Sousa Silva

Retratos em trânsito: uma percepção do eu 166
Simej Silva Greb
Mirian Celeste Ferreira Dias Martins

Jardim colorido de todo mundo 168
Ana Helena Rizzi Cintra

Criação de brechas como abordagem para pensar relações multiespécie como novas formas de aprendizado..... 169
Camila Reginaldo Johansen Longo

Trajetórias na arte-educação: um olhar a partir da escrevivência 171
Sara Guimarães da Silva
Camila Josefa Nunes Rossato

Brincando com o mundo: buscando formas de resgatar a experiência 172
Helena Tavares Coutinho Pinto da Silva

Minidicionário Ilustrado do Dialeto Caipiracicabano	174
<i>Viviane Rodrigues Mestre Ruiz</i> <i>Tânia Cristina Desiderio da Silva</i> <i>Tatiane Vieira Martins</i> <i>Luciene de Albuquerque Santos</i> <i>Gabriela Aparecida Antônio da Silva</i> <i>Michelle Damásio da Silva</i>	
Marepe: arte sem medo de errar	176
<i>Ronaldo Bertaco</i>	
Reflexões didáticas no estágio de arte para pessoas com deficiência	178
<i>Eliane Aparecida Andreoli</i> <i>Andressa Sant'Ana Santos Ribeiro</i> <i>Isadora Coelho da Rocha</i> <i>Jose Americo Fortunato Ferreira</i> <i>Roberta Pereira da Silva</i>	
Arte Def: o jardim urbano pintado por Ana Amália	180
<i>Ana Amália Tavares Bastos Barbosa</i> <i>José Minerini Neto</i>	
EIXO 9 - Territórios do hoje e do amanhã (ciências ambientais)	182
O projeto Combinando Palavras e os saberes docentes: os possíveis entrelaçamentos entre a arte, a literatura, as diversidades e a Geografia	183
<i>Odair Ribeiro de Carvalho Filho</i> <i>Caroline Vieira de Souza</i> <i>Andrea Coelho Lastória</i> <i>Sandra Maria Maciel Nunes</i>	
Do espaço vivido à expressão artística: interdisciplinaridade e sustentabilidade no ensino de geografia	185
<i>Juliana Davanzo Dionisio Bueno de Camargo</i> <i>Joana Gabriela Coutinho Soares</i> <i>Andrea Coelho Lastória</i>	
Gabinete da Bagunça Curiosa: Arte-educação-ambiental e geociências em diálogo no território	187
<i>Ana Karoline de Oliveira Costa</i>	
Mapa mental colaborativo: percepções de intervenção de Educação Ambiental no Museu de Geociências da USP	189
<i>Priscila de Cassia Silva</i> <i>Leonardo José Cappucci</i>	
Arte educação na formação de professores de ciências	191
<i>Mateus Hurbano Bomfim Moreno</i> <i>Taitiany Karita Bonzanini</i>	
A presença do ensino de Geografia nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): aproximações possíveis nos Anos Iniciais	193
<i>Thais Angela Cavalcante de Azevedo</i> <i>Andrea Coelho Lastória</i> <i>Sonara Souza</i> <i>José Faustino de Almeida Santos</i>	
Nossos mapas, nossos mares: trançando ideias de novas conquistas para o mundo	195
<i>Sandra Maria Navarro Carnesecca</i> <i>Andrea Coelho Lastória</i>	

Territórios do Amanhã: um material didático propositor de conexões com as territorialidades e cidadanias.....	197
<i>Cau Palavicini Gallardi</i>	
<i>Isabella de Oliveira Facin</i>	
<i>Rosebelly Nunes Marques</i>	
<i>Andrea Coelho Lastória</i>	
Pesquisa, arte, política em rede: ações formativas, transformação e impacto ambiental	199
<i>Lilian do Amaral Nunes</i>	
<i>Ana Marcia Akauí Moreira</i>	
Conexão entre educação, ciência e sociedade: divulgação científica em redes sociais .	201
<i>Laura Vitória Montouro Reis</i>	
<i>Levi De Zen Itepan</i>	
<i>Charles Albert Medeiros</i>	
<i>Rosebelly Nunes Marques</i>	

APRESENTAÇÃO

Em tempos marcados por urgências ecológicas, sociais e educacionais, o Caderno de Resumos do IV Congresso da Organização Paulista de Arte Educação – OPAE surge como um registro significativo de reflexões e práticas que atravessam o campo da arte educação. Sob o tema "Entre rios e raízes: Arte Educação como semente", reunimos neste volume 95 trabalhos que, por diferentes caminhos, propõem pensar a arte como potência formativa e ferramenta de transformação.

O Congresso, sediado em Piracicaba – cidade onde o rio é também metáfora e memória –, tornou-se um espaço fértil de encontro, travessia e escuta. A metáfora dos rios e das raízes foi o ponto de partida para pensar a arte educação como gesto ancestral e visionário: as raízes que nos sustentam e os rios que nos movem adiante. Ao longo dos eixos temáticos que organizam esta publicação, desdobram-se práticas pedagógicas, investigações acadêmicas, experiências poéticas e ações educativas que evidenciam como a arte pode germinar sentidos, resistências e novos modos de habitar o mundo.

Os resumos aqui reunidos abordam desde políticas públicas e críticas sensíveis, passando pelas memórias e narrativas decoloniais, pela centralidade da infância, pela presença da natureza e dos territórios, até projetos que entrelaçam ciência, educação ambiental e linguagens artísticas. É uma coletânea diversa e potente, que reflete o compromisso da comunidade da OPAE com uma formação sensível, crítica e conectada com as múltiplas realidades do estado de São Paulo e do Brasil.

Mais do que uma simples reunião de trabalhos, este caderno é também um registro de um tempo. Um tempo em que a arte educação reafirma seu papel essencial na luta por dignidade, justiça socioambiental e direito à imaginação. Em cada texto, percebemos o esforço coletivo de semear possibilidades: de resistir às formas de silenciamento, de dar visibilidade às vozes das periferias, dos povos tradicionais, das

crianças, das comunidades quilombolas, dos corpos em dança e das memórias ancestrais.

O IV ConOPAE consolida-se, assim, como território de escuta e de criação. E este caderno, como extensão simbólica do Congresso, deseja ser instrumento de inspiração e continuidade. Que os rios de ideias aqui registrados encontrem novas margens para seguir fluindo. Que as raízes que aqui se firmam sustentem ainda mais encontros, trocas e movimentos.

Boa leitura — e que as sementes da arte educação continuem a germinar em cada canto onde houver o desejo de transformar o mundo pela sensibilidade, pela criação e pelo cuidado.

Fernando Bueno Catelan
Organizador do Caderno de Resumos
Presidente da OPAE
Julho de 2025



Entre rios e raízes:
Arte Educação como
semente

Brotando águas limpas em territórios secos

EIXO 1

**(críticas sensíveis e
políticas públicas)**

Danças afro-brasileiras na EJA: Por uma Educação sensível, crítica e decolonizadora

Arantxa Melaine de Lima

Resumo

O resumo aqui apresentado faz parte de um projeto de pesquisa atualmente desenvolvido no Instituto de Artes da Unesp junto ao Programa de Mestrado Profissional em Arte/ PROF-ARTES, reconhecido pela CAPES. O projeto tem como tema central a inserção de algumas danças afro-brasileiras na Educação de Jovens e adultos (EJA), buscando um caminho metodológico de ensino-aprendizagem que abarque uma pedagogia crítica e sensível em seu processo, que desvele nos corpos a identidade enquanto povo brasileiro formado por elementos afro-diaspóricos resultante da colonização. Visando, dessa forma, a possibilidade de conscientização por meio de um pensamento decolonizador através de diálogos inseridos nas práticas dançantes de algumas manifestações culturais de matriz bantu, que leva consigo a filosofia ancestral Ubuntu de vida e educação. A ponte com a EJA parte da minha observação como professora de artes nessa modalidade, por vezes relegada na história da educação brasileira, mas que possui grande potencial no desenvolvimento da cognição e sensibilidade por parte de seus alunos, onde os saberes carregados por eles se conectam com o que lhes é oferecido. É neste ponto que percebo que a maioria deles, aprenderam a viver e resistiram de maneira empírica, por diversas vezes criando suas defesas e se alijando de sensações e sentimentos, que ao seu entendimento poderiam torná-los vulneráveis a dura realidade. Através dessa percepção, creio que o trabalho com danças afro-diaspóricas brasileiras, numa linha somática e crítica, possa desenvolver essa sensibilidade reflexiva esquecida ou escondida por muitos, e mostrar dessa forma, que é preciso expressar-se de corpo inteiro, enfatizando a união de corpo-mente que por tanto tempo foi segmentada pelos colonizadores que aqui estiveram, estes que consideravam somente a força braçal e servil dos escravizados para gerar riqueza ao senhor colonizador, tolhendo a capacidade reflexiva dos mesmos, como se estes não pudessem pensar criticamente.

Entretanto, em pleno século XXI, ainda presencio a população proletária, e dentre eles meus alunos da EJA na mesma situação, com empregos dos quais são desvalorizados por terem a mesma conotação servil e braçal, tais como a limpeza, o atendimento, a organização do estoque do mercado, dentre outros. Ou seja, trabalhos considerados menos importantes que outros ditos essencialmente intelectuais. Vejo assim, a necessidade de reverter esse pensamento de que corpo é segmentado da cabeça, e trazer a dança para o cerne dessa questão. Creio que a cultura da resistência e da sensibilidade herdada através das performatividades negras reconfiguradas no Brasil, dentre elas a dança, podem ser evidenciadas e refletidas em ambiente escolar. É preciso mostrar que as mãos, os braços, as costelas e os pés que tanto trabalham, também pensam e refletem sobre a vida desde os primórdios da escravidão até os dias atuais. Penso que é preciso juntar os cacos da diáspora remontados no Brasil e reconhecê-los em nossos corpos.

Palavras-chave: danças-afrobrasileiras. educação. EJA. decolonização. educação-somática.

Diálogos dançantes: a dança na disciplina de Arte na Rede Municipal de Campinas

Maria Isabel Torres dos Santos

Resumo

Esta pesquisa investiga a inserção da dança como um dos eixos do ensino de Arte na educação básica e é motivada por um desejo de entender quais os espaços possíveis que a dança e o movimento possuem nas escolas regulares. Para isto, buscamos, por meio de entrevistas, encontrar e dialogar com docentes licenciadas em Dança que atuam como professoras de Arte na Rede Municipal de Campinas-SP. A intenção é compreender como estas professoras são capazes de realizar a gestão de sala de aula e organizar suas propostas de trabalho contemplando as quatro linguagens centrais da disciplina: Artes Visuais, Música, Teatro e Dança. Interessa-nos perscrutar de quais maneiras os conteúdos específicos de dança são inseridos em suas aulas, além de entender como estas linguagens articulam saberes e constroem conhecimento em Arte. Para tal, baseamo-nos, nesta pesquisa ainda em desenvolvimento, nas premissas de Araújo (2021), Icle (2012), Marques (1997), Valle e Zancan (2022), entre outros, com o anseio de contribuir, em uma perspectiva macro, nas estratégias de aplicação dos conteúdos de dança na sala de aula, promovendo a valorização desta linguagem e o acesso por parte dos/das estudantes da escola pública.

Palavras-chave: dança; arte; ensino.

Referências:

ARAÚJO, Christiane. **A dança na disciplina de Arte:** Transposição entre as linguagens artísticas. Campo Grande, MS: Life Editora, 2021.
ICLE, Gilberto. **O que é Pedagogia da Arte:** Pedagogia da Arte Entre-Lugares da Escola. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 11-22, 2012.
MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola.** Motriz Revista de Educação Física, p. 20-28, 1997.

VALLE, Flavia Pilla do; ZANCAN, Rubiane Falkenberg. **Dança na Escola... Para Quê?**. Revista Brasileira de Estudos da Presença, v. 13, p. e123696, 2022.

Dancemos todos: processo de composição coreográfica coletiva

Mariana Cintra Limede

Resumo

Este relato descreve o processo de composição coreográfica coletivo desenvolvido com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Araçatuba. A inserção da arte na escola, em especial da dança, é um espaço fértil para a criação e expressão dos estudantes. Entretanto, as apresentações em eventos escolares, muitas vezes se limitam às cópias de coreografias disponíveis na internet ou interpretação gestual da letra da canção. Autoras como Ana Mae Barbosa e Isabel Marques defendem a centralidade da experiência estética e da produção artística no ambiente escolar, valorizando não apenas a fruição da arte, mas também o fazer artístico como forma de conhecimento e expressão. O projeto descrito neste relato de experiência teve como objetivo investigar e refletir sobre o processo de criação coreográfica no contexto escolar como uma experiência estética e formativa. A partir de uma oportunidade de apresentar uma dança durante a Festa da Família da escola, em parceria com a professora polivalente e os estudantes, decidimos utilizar os saberes mobilizados sobre composição coreográfica nas aulas de arte para criar uma coreografia coletiva. Partindo de improvisações baseadas na técnica Klauss Vianna e na composição através de um processo de investigação provocativo para a construção de um corpo cênico (Miller, 2012), o processo mobilizou os estudantes que atuaram como intérpretes-criadores. No primeiro momento, a turma decidiu que escolheria uma música como elemento disparador e optou por “Canção da primavera”, composta por Márcio Camillo a partir do poema de Mário de Andrade. Iniciamos, então, improvisações relembrando os 7 tópicos corporais do estágio processo lúdico da técnica Klauss Vianna, descritos por Jussara Miller (2007). Ao longo das improvisações direcionadas, os grupos criaram pequenas células coreográficas que eram apreciadas pelos demais estudantes. Em seguida, após escuta atenta da música, discussão coletiva e mediação da docente, as células coreográficas eram reorganizadas para criação da coreografia. O processo durou cerca de dez semanas,

somando vinte horas de aula de arte. Após concluída a coreografia, os estudantes ficaram responsáveis por ensinar e ensaiar as crianças do 5º ano que também fariam parte da apresentação. Assim, nos dias em que não havia aula de arte, as professoras polivalentes mediarão os ensaios entre as turmas. O processo pedagógico, apesar de desafiador, permitiu a ampliação da autonomia, da expressividade e da sensibilidade dos estudantes. A culminância deu-se através da apresentação coreográfica no espaço escolar durante a Festa da Família aberta à comunidade e uma roda de conversa quando todos os participantes puderam compartilhar suas impressões a respeito do processo. Durante suas falas, os estudantes ressaltaram que a sensação de dançar uma coreografia criada por eles trouxe outra perspectiva sobre o trabalho além de segurança durante, não só o evento, mas também em suas próprias capacidades de criação. Portanto, o resultado superou nossas expectativas pois, além de uma apresentação, contribuiu também para o protagonismo estudantil, aumentando a autoestima dos indivíduos e sua confiança na criação.

Palavras-chave: arte-educação, dança, processo criativo, composição coreográfica.

O componente curricular arte, frente aos ataques: Caminhos para reflexões e (re) existência nestes últimos anos

Cassio Almeida dos Santos

Resumo

O ensino da Arte na sua posição de componente curricular, ao longo da história da Arte/Educação, sempre se constituiu como um território de disputa no currículo, uma vez que, historicamente esse processo da retirada da disciplina dos programas curriculares, bem como sua posição de estudos e práticas, advém de posicionamentos políticos, nos quais impactam a formação integral dos estudantes e sobretudo a elaboração de subjetivos, em que a formação estética, não se tem papel fundamental na construção de uma sociedade mais sensível e colaborativa.

O objetivo deste estudo consiste evidenciar o componente curricular Arte, traçando uma linha do tempo, a partir de ano de 2016, em que foi instituída a Reforma do Ensino Médio inicialmente pela Medida Provisória nº 746/2016, com os desdobramentos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) das etapas de Educação Infantil e Ensino Fundamental na sua versão homologada em 2017, e a do Ensino Médio, em 2018. Para isso foi realizada uma análise das resoluções de matrizes curriculares publicadas ao longo destes últimos anos (2020 a 2025) pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEDUC-SP), bem como os materiais digitais de Arte, compreendendo que há um esvaziamento e enfraquecimento do ensino de arte (em percurso) nas escolas da rede estadual. Tais fatores, evidenciam silenciamentos e descréditos com o ensino da arte para crianças, jovens e adultos matriculados na educação pública paulista, substituindo parte do tempo de Arte, para inserir disciplinas, como por exemplo, educação financeira e tecnologia e programação. Na análise, observa-se como a disciplina de Arte, vem sendo impactada com as reduções de carga horária, com retirada total e parcial do referido componente curricular de determinados anos e séries da educação básica, no intuito de cumprir o ideário mercantil na educação, instituídos pelos conglomerados empresariais.

Desse modo, a pesquisa busca também apontar e sistematizar elementos que indicam que ao longo destes últimos anos, o componente curricular vem sendo atacado veementemente, frente agenda neoliberal e ao neoliberalismo escolar com sua lógica individual e de competição, aspectos estes, que divergem dos propósitos de um ensino de arte emancipador. O avanço do apagamento do componente curricular Arte dos currículos, torna-se um ponto crucial, pela busca iminente a garantia de tempos curriculares instituídos por legislação, bem como a presença obrigatória da disciplina em todas as séries e anos de toda a Educação Básica, observa-se que tais reivindicações estão pautadas no Projeto de Lei nº 5983/2023, em tramitação no Legislativo. Os referenciais teóricos que dão base ao estudo, A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias, 2018, do Prof. Dr. José Carlos de Freitas, bem como a obra Currículo, território em disputa, 2013 do Prof. Dr. Miguel Arroyo, Ensino da Arte: memória e história, 2011 da Prof.^a Dr^a Ana Mae Barbosa.

Palavras-chave: currículo de arte; arte/educação; neoliberalismo; políticas curriculares

A invisibilidade de dança e teatro no ensino de arte no Brasil

Fernando Bueno Catelan

Resumo

Esta pesquisa analisa a ausência de valorização do ensino das quatro áreas de conhecimento das artes — Artes Visuais, Música, Dança e Teatro — nas políticas públicas e na formação de docentes no contexto escolar brasileiro, tomando como referência a pesquisa de doutorado de Arão Paranaguá de Santana (2010). Historicamente, as Artes Visuais e a Música têm ocupado destaque no ambiente escolar, enquanto Dança e Teatro têm figurado à margem, reduzidos a apresentações ocasionais e não inseridos como conteúdos a serem ensinados de maneira sistemática. De acordo com Santana, a tradição das Artes Visuais no ensino escolar brasileiro remonta à Academia Imperial de Belas Artes, enquanto a Música, desde a implementação do Canto Orfeônico nos anos 1940, ampliou sua importância e criou uma estrutura para a formação de docentes e inserção curricular. Em contrapartida, o Teatro não encontrou a mesma legitimidade, refletida no reduzido número de licenciados e licenciadas nesta área. Os dados do Inep (2022), analisados por Cruvinel e Silveira (2023), revelam que dos quase dois milhões de professora e professores no país, menos de 3% têm formação em uma das áreas de conhecimento das artes, e uma porcentagem ainda menor com formação em Teatro e Dança. Tal precariedade não se explica isoladamente por questões culturais ou estéticas, mas por uma estrutura de políticas neoliberais que incentivam a terceirização, precarização das relações de trabalho e redução de carga horária para docentes de Arte. Essas medidas tornam invisível e vulnerável a docência nas áreas de Dança e Teatro, prejudicando a formação crítica nas escolas. Exemplo significativo dessa desvalorização é a exclusão de Dança e Teatro da Prova Nacional Docente (PND) que faz parte do Programa Mais Professores para o Brasil, em vigor em 2025. A pesquisa evidencia, assim, a importância de uma reavaliação das políticas públicas para garantir a presença e a valorização das quatro áreas da arte no currículo escolar, considerando seu impacto direto na formação integral e crítica das(os) estudantes e

no fortalecimento de uma prática docente coerente com os anseios da área e as legislações vigentes.

Palavras-chave: políticas públicas em arte, formação docente, dança e teatro no currículo, educação escolar, formação em artes.

Diálogos entre a Arte Educação Ambiental e a Encíclica Laudato Si no ano em que completa 10 anos de sua publicação

Maria Christina de Souza Lima Rizzi

Resumo

Tanto a Arte quanto o seu Ensino têm se dedicado às questões relativas à enorme crise socioambiental que vivemos no planeta, expressando esteticamente temas como causas, consequências e desdobramentos dessa crise. Conhecer o que tem sido feito nestas áreas e as mudanças nos modos de vida que tem sido propiciadas é uma necessidade que se impõe para evoluirmos nesse sentido ou propormos mudanças ainda necessárias. Em 2015, o Papa Francisco, publica a Encíclica Laudato Si, inspirada no poema O Cântico das Criaturas, de Francisco de Assis, que neste ano completa 800 anos de escritura. A Laudato Si tem como subtítulo: Sobre o Cuidado da Casa Comum, que já explicita o caráter amoroso, coletivo e planetário das reflexões e propostas que nela são apresentadas. A publicação da encíclica gerou um movimento de ação e compromisso global intitulado Movimento Laudato Si. Este movimento nasce no meio da Igreja Católica Apostólica Romana, de forma não sectária. É aberto e dele fazem parte religiosos e leigos de várias linhagens espirituais e também pessoas ateias que entenderam a importância da mensagem e a urgência do momento em termos da nefasta atuação das ideias neoliberais que tem resultado em pobreza extrema, na injustiça climática e no enorme número de refugiados climáticos em deslocamentos sofridos e mortais, pelo mundo. O Movimento Laudato Si, por sua vez, deu origem aos Animadores Laudato Si. Estes animadores são membros do Movimento e formam uma comunidade global que incentiva suas comunidades locais a viver na prática o conceito de Ecologia Integral, um dos pilares da Encíclica. Trabalham para dar vida às propostas da Laudato Si cuidando da nossa casa comum. Estes trabalhos se desenvolvem também por meio da Arte e da Arte Educação. A partir de estudos e experiências vividas, pela autora, durante o Curso de Animadores Laudato Si: Cuidando da Nossa Casa Comum – 2025 é que o presente

texto se desenvolve apresentando conceitos, reflexões, urgências e ações nos Campos da Arte e da Arte Educação.

Palavras-chave: arte educação, crise socioambiental, ecologia integral.

Não é permitido: análises da produção do documentário que conta casos da censura ao Punk Rock no Brasil

*Renan Costa de Negri
Fernando Calderan Pinto da Fonseca
Matheus de Moraes*

Resumo

"Qualquer coisa que eles não entendessem, eles censuravam. Então, a gente não acredita em nada de bom que possa vir da censura." (Pierre e Val, membros da banda Cólera). A censura é uma sombra que acompanha a história da cultura brasileira, influenciando não apenas sobre o que foi produzido, mas também sobre o que foi silenciado, esquecido e/ou propositalmente apagado. Desde o período colonial é possível encontrar normas censórias que visavam coibir a livre expressão das ideias no Brasil. Durante o século XX, duas ditaduras assolaram as liberdades, porém, a trajetória apresentada no documentário Não é Permitido: um recorte da censura ao Punk Rock no Brasil, demonstra que a política de vetos atravessou os anos ditatoriais e permaneceu trabalhando intensamente nos primeiros anos da chamada Nova República. O documentário é fruto de longa pesquisa baseada em revisão bibliográfica e, principalmente, do esforço em identificar casos de censura às músicas do Punk Rock, disponíveis nos registros do Arquivo Nacional. A análise cuidadosa dos documentos e a busca por compreender o contexto e as políticas de repressão, permitiu a construção de um projeto aprovado pela lei de incentivo à cultura Paulo Gustavo, aprovado pela cidade de Cosmópolis (SP). Por meio de entrevista com artistas de bandas históricas como Cólera, Garotos Podres, Inocentes, Ratos de Porão e Ulster, é possível imergir em registros dos anos 1970 e 1980 que demonstram os mecanismos utilizados pelo Departamento de Censura de Diversões Públicas (DCDP) na busca de coibir a rebeldia punk e silenciar vozes dissonantes que sentiam na pele a dificuldade em viver na periferia da cidade de São Paulo e da região do ABC. O documentário permite compreender que a censura não servia apenas para coibir músicas de cunho político e de luta social, ela também atuava com frequência na busca pela manutenção dos valores morais e religiosos hegemônicos. O processo de

censura das letras que comporiam o álbum Miséria e Fome da banda Inocentes, apresenta o carimbo de veto em músicas que questionavam a vida submissa da população e denunciavam as torturas e repressões comuns do período, e também em músicas que clamavam pela não existência de religiões. No Parecer nº 1525/82, presente nos registros do Arquivo Nacional, é possível encontrar que na visão do censor, "o autor exprime toda a sua revolta contra a opressão, miséria e fome do povo, responsabilizando os dirigentes pelas chagas sociais e a violência mundial. Nega a religião e concita o indivíduo a sair da passividade e omissão em prol da liberdade. Considerando que tais composições, veiculadas irrestritamente, poderão influenciar negativamente o grande público e, possivelmente, estimular inquietações de ordem social, opino pela NÃO LIBERAÇÃO". O documentário conta com mais de 30 mil visualizações e já foi apresentado em cidades do interior de São Paulo como Piracicaba, Cosmópolis, Americana e Cordeirópolis, estando disponível para acesso gratuito em plataforma digital.

Palavras-chave: censura, ditadura, punk rock.

Estudantes, uma obra de Ativismo

Flávia Teodoro Alves

Resumo

Compartilharei a experiência de elaborar coletivamente, com duas turmas da EJA ao longo de 2024, o site específico Estudantes: dois murais lambe-lambe de 3,66 m² colados na entrada principal da EMEF Prof. Primo Pascoli Melaré. Localizada no distrito da Brasilândia, extremo norte de São Paulo — às margens do rio Cabuçu de Baixo (afluente do Tietê) e próximo à Serra da Cantareira —, a escola sofre as consequências da construção do Rodoanel, com partes do prédio interditadas há quase uma década, sem qualquer resposta do poder público. Foi nesse ambiente, marcado pelo abandono, que reafirmamos a potência e a urgência da Educação de Jovens e Adultos (EJA), segmento historicamente negligenciado pela SME/SP, que segue fechando turmas regulares. Para a criação dos painéis, nos inspiramos em três referências centrais: a icônica tela Operários, de Tarsila do Amaral; a releitura feita pelo artista Mundano (que pintou a mesma cena com lama tóxica de Brumadinho em um prédio de uma empresa de Mineração no centro de São Paulo/SP); e a série de lambe-lambes A Arte O Que É?, do artista Paulestinos/Átila Fragoso. Contamos ainda com a colaboração do muralista Raul Zito, experiente na técnica do lambe. Os murais foram inaugurados em novembro de 2024, durante a Semana Paulo Freire da escola. A presença dessa obra — contemporânea, ativista e coletiva — gerou um forte sentimento de pertencimento entre os estudantes da EJA, conferindo-lhes visibilidade perante a comunidade escolar. Desde então, os murais tornaram-se um símbolo de resistência, inspirando debates sobre arte pública e direito à educação na região.

Palavras-chave: muralismo, ativismo, lambe-lambe, Tarsila do Amaral, Mundano, Ativismo, EJA

O currículo de arte na escola e a ampliação dos imaginários

Rita Pisano

Resumo

O artigo apresenta a pesquisa de mestrado que discute a presença da Arte na escola como um espaço possível para a criação de poéticas diversas, destrinchando as relações estabelecidas na sala de aula entre alunos e professora, bem como os temas curriculares escolhidos para compor um curso de artes, a fim de perceber a importância da relação entre currículo e metodologia na criação de espaços criativos. O texto parte do olhar da autora sobre o seu curso de Arte no Ensino Médio e a tomada de consciência da importância do currículo como campo político na construção de experiências e repertório para a construção de conhecimento e confluências. O texto destaca que embora a presença da Arte na grade curricular seja importante, assim como a criação de espaços livres e afetivos na escola, a escolha do conteúdo curricular e o repertório de referências apresentado pela professora para construção de uma prática verdadeiramente anticolonial e emancipadora no ensino de Artes são elementos cruciais, embora muitas vezes negligenciados e é por este motivo que defende que metodologia de trabalho (criação de espaços livres, escuta, confluência) deve estar alinhada com um currículo que intencionalmente busque ampliar imaginários e apresentar narrativas não hegemônicas.

Palavras-chave: arte-educação, ampliação dos imaginários, currículo de artes, anticolonialidade.

A cultura periférica na sala de aula: experiências do ensino de arte em escolas públicas do Capão Redondo

Bruno de Tarcis Silva

Resumo

A Arte e a cultura da periferia têm ganhado relevância no cenário das artes, o rap, o hip-hop, o samba, os saraus, a literatura periférica, esta produção tem sido reconhecida em premiações, estudada na academia, expostas em museus do mundo todo. Nos Vestibulares encontramos questões com citações do grupo de rap como os Racionais Mc 's, das poesias de Maria Carolina de Jesus e Sérgio Vaz e o Exame Nacional do Ensino Médio de 2024, que em sua versão adaptada para pessoas que estão em regime prisional e socioeducativo trouxe no tema da redação: Desafios para a valorização da arte de periferia no cenário cultural brasileiro. Podemos ver que esta relevância consolidou uma estética periférica, que relaciona produção artística e território. No currículo da cidade de São Paulo e na Base Nacional Curricular Comum encontramos diversas habilidades que consideram a importância de reconhecer e analisar as manifestações artísticas das culturas locais. Mas a falta de materiais didáticos, o repertório cultural de professores, a ausência de referências de práticas pedagógicas ainda são lacunas para o ensino da arte e da cultura periférica nas escolas públicas da periferia. A organização de diversos coletivos culturais, por meio de seus trabalhos conquistaram alguns programas públicos na cidade programas de fomento e valorização a cultura potencializam produções artísticas da periferia o que aumenta e qualifica a produção de artistas da região aumentando a diversidade de linguagens e de produções realizadas na quebrada. Percebemos porém que ainda existe um distanciamento de práticas culturais e artísticas periféricas das aulas de arte em escolas da periferia. Pouco se consegue transportar do cotidiano dos estudantes para dentro da escola. O grafite do escadão, o baile funk no campinho, o samba do boteco, a capoeira da associação de bairro, o pipa nas lajes, as brincadeiras de rua, o futebol de várzea, os coletivos de música, teatro, dança, audiovisual, o estilo e as marcas de roupa, ou seja todo um universo simbólico que alimenta a cultura popular

em um território onde o abandono do estado gera os maiores índices de violência da cidade. Esta pesquisa investiga qual a importância da cultura local no currículo da escola pública e parte das seguintes perguntas: Como são trabalhadas as produções artísticas periféricas nas escolas públicas da periferia? Como professoras e professores de arte atuantes em escolas públicas no Capão Redondo, bairro da periferia de São Paulo, relacionam arte, cultura e território em suas aulas. Nossa referência é composta por autores da periferia como Sérgio Váz, Sabotage, Racionais Mcs, Ferréz, com os quais trilhamos um caminho na construção da identidade da cultura periférica, Paulo Freire e bell hooks ajudam a entender e analisar as relações entre educação e comunidade. Milton Santos referência nosso conceito de território e periferia. Por meio de uma narrativa autoetnográfica, que será enriquecida com relatos das professoras e professores de escolas da região. Pretendemos com este trabalho contribuir com as discussões sobre os desafios do ensino da arte e da cultura local em escolas públicas, principalmente nas periferias.

Palavras-chave: cultura periférica, arte de periferia, educação, arte

Formação em Arte e (Re)Existência: vozes que ecoam da EFAPE para a rede estadual de ensino de São Paulo Afetos, mídias e potência na formação docente em Arte

*Ariene Alves Dupin
José Jocélio Silva Albuquerque*

Resumo

Este trabalho compartilha a prática formativa realizada por nós, dois formadores de professores de Arte da rede estadual de ensino de São Paulo, vinculados à EFAPE – Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação. Atuamos na elaboração e gravação de formações voltadas aos professores de Arte desde os Anos Iniciais até o Ensino Médio, com foco nos componentes Arte e Arte e Mídias. Nosso compromisso é ser porta-vozes da Arte na rede, criando percursos formativos que dialoguem com o chão da escola, com as práticas dos professores e com as múltiplas linguagens artísticas contemporâneas. Partilhamos neste relato experiências marcadas por afetos, escuta sensível e o constante desejo de não ferir o fazer pedagógico na ponta, mas, ao contrário, potencializá-lo. A metodologia que adotamos está ancorada em pesquisas atualizadas, nos referenciais da arte-educação crítica, nos estudos das mídias e na escuta das demandas reais dos educadores. A cada formação, enfrentamos o desafio ético e profissional de propor caminhos que inspirem, respeitem e acolham os contextos diversos das escolas paulistas. Os resultados desse processo vêm sendo colhidos em forma de retornos sensíveis dos professores que nos assistem: relatos de reconhecimento, identificação e reconexão com a própria potência docente. O que propomos é um convite para pensar a formação em Arte como um lugar de (re)existência, onde a escuta, o estudo, a pesquisa e o cuidado se entrelaçam para construir possibilidades de ensinar e aprender Arte com sentido, pertencimento e transformação.

Palavras-chave: formação docente, arte-educação, EFAPE, escuta sensível, mídias digitais.

Multiplica SP: a potência da formação colaborativa no ensino de Arte Formação docente e troca de experiências na educação pública paulista

*Gislene Maldonado Lara Mossini
Debora Cristina Spirandelli Bastos*

Resumo

Este trabalho apresenta a experiência formativa vivida no âmbito do Programa Multiplica SP, na qual atuamos como formadores de professores de Arte da rede estadual de ensino de São Paulo, por meio da EFAPE – Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação. Nosso trabalho se baseia na formação entre pares, buscando construir um espaço de escuta, diálogo e criação coletiva. Elaboramos pautas formativas e conduzimos encontros que abrangem os componentes curriculares de Arte e Arte e Mídias, do Ensino Fundamental aos Anos Finais e Ensino Médio. Acreditamos que a formação continuada deve dialogar com as realidades vividas pelos professores nas escolas, reconhecendo suas trajetórias e potências. Nesse contexto, o Programa Multiplica SP se configura como um território fértil para a troca de saberes e práticas pedagógicas, promovendo uma formação que valoriza o afeto, o pertencimento e a mediação crítica das linguagens artísticas. As formações são pautadas por referenciais da arte-educação crítica e da educação estética, aliadas à escuta atenta das demandas reais da rede. Os retornos recebidos dos docentes que participam das formações evidenciam o impacto positivo dessa proposta: relatos de reconhecimento, valorização profissional e ressignificação do próprio fazer pedagógico. Entendemos que formar professores de Arte é também formar redes de (re)existência, onde os saberes sensíveis, as narrativas diversas e os vínculos formativos se entrelaçam em busca de uma educação mais significativa e transformadora.

Palavras-chave: formação entre pares, arte-educação, EFAPE, programa Multiplica SP, escuta e afeto.



Entre rios e raízes:
Arte Educação como
semente

Terra vermelha em espaços verdes

EIXO 2

(histórias e memórias)

O ensino de arte e as redes colaborativas na segunda metade do século XX

Danilo Moreira Xavier

Resumo

Esta comunicação apresenta os resultados da pesquisa de doutorado intitulada “Redes artísticas e teóricas a partir dos cursos de artes visuais na FAAP e na ECA USP em relação com o meio artístico e o mercado na segunda metade do século XX”. A pesquisa apresenta como problema o desenvolvimento da arte-educação em relação ao período de criação e implementação de cursos de arte no ensino superior em São Paulo. Destacam-se, na atividade dos professores envolvidos nos cursos, metodologias mais flexíveis em relação ao cenário político-pedagógico incentivado pelas legislações vigentes (LDB 1961 e 1971, Reforma Universitária), além do confronto entre práticas artísticas experimentais e a acentuação tecnicista em conformidade ao projeto desenvolvimentista dos planos de modernização da ditadura civil-militar, priorizando agendas tecnológicas e mercadológicas que deixaram de lado as particularidades do ensino de arte. Como hipótese inicial da pesquisa, indicou-se que coube aos professores e agentes do campo artístico as principais mudanças metodológicas e o formato de ensino na contemporaneidade, que se prolongam até os dias atuais. Esse formato inclui a relação dos núcleos de formação com espaços de profissionalização como museus, instituições e galerias. Houve também a ampliação de encontros formais e informais para debater a categoria contemporâneo, a criação de escolas experimentais e a participação em intercâmbios e convênios que buscaram inovações teóricas e conceituais. Nesses eventos destacavam-se o modo de operação das dinâmicas de trabalho coletivo e como os professores, artistas e agentes do campo artístico repensavam e questionavam o modo de vida pautado no capitalismo e na subjetividade neoliberal que buscam arrefecer as práticas colaborativas e o desenvolvimento do caráter público da arte. Esses debates são encontrados no trabalho dos docentes em projetos que resgatavam aspectos da pedagogia dialógica e libertadora, além de pesquisas e práticas em busca por

renovação nos rumos que tomavam o esgotamento do ensino modernista, tecnicista e a ausência da arte-educação no contexto escolar em diversos níveis do ensino.

A metodologia priorizou o levantamento de dados em fontes primárias e secundárias sobre a participação de professores e artistas no sistema de ensino superior na segunda metade do século XX. A pesquisa partiu do conceito de “rede como princípio operativo” (Freire, 2014), considerando a participação dos professores na criação de redes de trabalho e de amizades que funcionaram como combustão para a constituição dos eventos em torno dos cursos de arte. Esses dados foram analisados com base em uma bibliografia sobre a teoria dos afetos (Ortega, 2020; Lordon, 2015; Safatle, 2015; Dunker, 2015) e as redes de trabalho colaborativas enquanto modo de operação horizontal e descentralizado, pois observou-se a criação de diversos núcleos sobre as práticas contemporâneas relacionando universidade, campo artístico e mercado. A cadência de eventos demonstra o resgate do caráter coletivo (que estava em baixa na primeira metade dos anos 1970 devido aos processos agudos da ditadura) e oportuniza a existência de redes norteadas pelo afeto como modo de fazer política e arte, sobretudo como alternativa ao sistema oficial, artístico e educacional, e às demandas mercadológicas que alcançavam as grades de ensino com o avanço dos mercados industrial, das comunicações e de arte nos anos 1950, 1960 e 1970, respectivamente. São resultados desses encontros entre professores e artistas: a abertura de cursos – com na FAAP e na USP; escolas – Centro de Estudos ÁSTER; núcleos de estudos – Centro de Pesquisa de Arte Brasileira e Centro de Desenvolvimento de Produtos (CEDEPRO), na FAAP; criação de associações profissionais, como ABRA - Associação Brasileira de Arte-Educadores, APEAESP - Associação de Arte-Educadores do Estado de São Paulo, AMAE - Associação Mineira de Arte-Educadores, APAE — Associação Paranaense de Arte-Educadores, ARTEE — Associação de Arte-Educadores do Estado do Espírito Santo; publicações alternativas – Código, On Off, Artéria e QorpoEstranho; mostras de arte; ativação de galerias – Luisa Strina, Raquel Arnaud e Thomas Cohn; formação de grupos – Equipe 3, Arte/Ação, Manga Rosa, Viajou sem Passaporte, 3NÓS3, Tupinãodá e Casa 7; agrupamentos de artistas, como na mostra Pintura como Meio (MAC USP, 1984); cooperativa de artistas – Cooperativa Geral para Assuntos de Arte, a Cooperativa de Artistas Plásticos; novos modos de apresentação e defesa de pesquisas artísticas;

além de diversas contribuições teórico-conceituais que implicam nos formatos das classes e laboratórios direcionados aos materiais e técnicas mais expansivas e ampliadas ao entendimento tradicional da arte. Conclui-se que as trocas de experiências docentes e os trabalhos colaborativos oportunizaram a criação de redes de atuação, contribuindo para a sistematização de pesquisas e o aprofundamento de projetos para o ensino de arte. Trata-se de dispositivos políticos (Foucault, 2000; Agamben, 2009; Deleuze, 1990), organizados por professores para criar estratégias de atuação na área, contribuindo para repensar metodologias e práticas docentes, além de buscar percursos viáveis à instauração de categorias profissionais para o ensino de arte no país.

Palavras-chave: arte-educação, professores, redes colaborativas

África Viva, Viva África: Uma abordagem decolonial na educação básica

*Illo Wagi Soares Bueno de Camargo
Ademir Junior Francisco*

Resumo

A cultura afro-brasileira é um dos pilares da formação da identidade nacional, presente em diversas manifestações artísticas, religiosas, linguísticas e sociais. Neste presente trabalho, pretendemos relatar práticas metodológicas aplicadas na disciplina de eletiva realizada em uma escola estadual da cidade de Piracicaba, no Estado de São Paulo. Uma prática interdisciplinar entre Arte e Geografia, ministrada por um professor de cada área simultaneamente. Durante esse percurso, os professores puderam explorar as práticas culturais afro-brasileiras por região, destacando suas especificidades e influências no contexto histórico e geográfico do país, em que Arte e Geografia puderam atuar na compreensão ampla e crítica das manifestações culturais, promovendo o respeito à diversidade e o reconhecimento da riqueza cultural afro-brasileira. Com essa eletiva pretendemos criar um espaço de vivência e reflexão sobre a importância das culturas afro-brasileiras, promovendo o protagonismo estudantil e o diálogo entre diferentes saberes priorizando a formação integral, consciente e crítica, a partir de conceitos freirianos mediados através da pedagogia dos conteúdos socioculturais, permitindo assim a valorização da cultura popular e o reconhecimento das contribuições africanas para a construção da identidade brasileira. Entendendo cada vez mais a abordagem decolonial como um passo importante para combater o racismo e valorizar a diversidade. Nesse sentido, por meio da perspectiva decolonial buscamos aproximar a realidade social e étnica à construção de pertencimento e reconhecimento, principalmente, da cultura afro-paulista, reforçando a necessidade de uma conscientização cultural sobre os processos de apagamento de povos não-europeus. Esse trabalho interdisciplinar realizado durante o primeiro semestre de 2025, visou proporcionar aos estudantes experiências significativas integrando saberes artísticos e geográficos, possibilitando uma reflexão sobre o papel das culturas afro-brasileiras na história e na

contemporaneidade. Dessa forma, foram pensadas e organizadas atividades teóricas e práticas envolvendo música, desenho, pintura e colagem. Desde aulas expositivas abordando questões afrodiaspóricas e manifestações culturais remanescentes que resistiram e resistem no Brasil - mesmo depois de séculos de tentativas de apagamento e invisibilização - à produção de painéis, releituras e arranjos musicais de canções referentes as manifestações trabalhadas em sala de aula. Sobre as relações afrodiaspóricas e as influências culturais dos povos africanos de origem bantu no Brasil – séculos XVI-XIX e sudaneses no século XIX, no período colonial, buscamos um panorama mais generalizado sobre as interações desses povos aqui no Brasil e depois, especificamente, na região sudeste, contextualizando os elementos socioeconômicos que justificavam a vinda dos negros africanos, assim como as influências do ambiente físico e social que contribuíram para a constituição da cultura na região.

Palavras-chave: eletiva, perspectiva decolonial, manifestações afro-brasileiras

Arte e Território: Poéticas do Espaço e Experiências Pedagógicas sobre os Mantos Tupinambás e o Imaginário Colonial

*Danielle Sallatti
Andrea Coelho Lastória*

Resumo

Este trabalho apresenta um fragmento de uma pesquisa-experimentação desenvolvida na disciplina de Arte com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da cidade de São Paulo. A proposta consistiu em um exercício de pensamento que articula práticas artísticas e saberes interdisciplinares, com foco nas narrativas da etnia indígena Tupinambá, resultando em um seminário dos estudantes. As problemáticas abordadas envolvem questões de lugar, colonização, ecologia, produção artística e as relações entre saberes tradicionais e contemporâneos. A Arte, compreendida em suas dimensões materiais e imateriais, constitui uma forma de produzir conhecimento e perceber o mundo por meio de experiências sensíveis. Ao transitar por diferentes áreas do saber, a pesquisa propõe uma abordagem formativa e crítica que integra Arte, Geografia e Antropologia. Essa articulação possibilita aos estudantes refletirem sobre a complexidade dos territórios culturais, promovendo o entendimento da produção artística como linguagem de resistência e afirmação identitária. O conceito de espaço, conforme Santos (2006), é entendido como um conjunto de relações sociais, históricas e contemporâneas, que se materializam na paisagem por meio de processos desiguais e disputas simbólicas e materiais. A partir dessa perspectiva, propôs-se aos estudantes uma reflexão crítica sobre o imaginário colonial que contribui para a destruição e invisibilização simbólica e material de culturas indígenas. Essa lógica permanece nas dinâmicas de apropriação capitalista do espaço, desvinculadas de suas origens e desprovidas do reconhecimento das cosmovisões dos povos originários. Para aprofundar a discussão, foram estudados os Mantos Tupinambás dos séculos XVI e XVII, conservados em museus internacionais. O estudo desses artefatos estimulou o debate sobre a necessidade de uma catalogação crítica e ética, comprometida com a memória e a origem dos objetos. Em destaque, a recente devolução de um Manto Tupinambá pelo

Nationalmuseet (Museu Nacional da Dinamarca) ao Museu Nacional do Rio de Janeiro foi utilizada como ponto de inflexão para discutir a restituição de patrimônios materiais e imateriais. Nesse contexto, ressaltou-se a atuação de Glicéria Tupinambá — artista, pesquisadora e liderança indígena — que, ao confeccionar novos mantos, reafirma a ancestralidade, a memória coletiva e a preservação ambiental como dimensões fundamentais de sua cultura. Sua produção artística evidencia o papel da Arte como meio de regeneração cultural e resistência frente às violências históricas e contemporâneas. As práticas artísticas indígenas, portanto, revelam-se como formas críticas de leitura do espaço e do tempo, desafiando paradigmas coloniais. A hipótese central sustenta que a Arte pode ampliar a compreensão do espaço como uma instância social, onde experiências sensíveis, subjetividades e saberes diversos se entrelaçam. Nesse contexto, o espaço torna-se objeto de investigação para os estudantes, cujas pesquisas, inicialmente centradas nos Mantos Tupinambás, expandiram-se para incluir outras etnias, como os Maxakali e Tukano. Conclui-se que é urgente reconfigurar o currículo escolar com base em uma pedagogia decolonial para avançar contra os preconceitos. Isso exige a integração efetiva de saberes científicos e tradicionais nos materiais didáticos, na infraestrutura escolar e no acesso à informação, em favor de uma educação mais equânime, plural e crítica, comprometida com a diversidade epistêmica e a justiça histórica.

Palavras-chave: arte indígena, educação intercultural, mantos tupinambás, educação decolonial.

Memórias de um artista não esquecido: fragmentos da história de Zé Risonho

*Ijuciara Aparecida Fernandes da Silva
Renan Costa de Negri*

Resumo

A memória cultural de uma sociedade é composta por um vasto acervo de contribuições artísticas que, ao longo do tempo, moldam a identidade e a consciência coletiva de um povo. Contudo, a história da arte é, por vezes, seletiva e implacável, relegando ao esquecimento talentos que, em determinado momento, brilharam intensamente. O projeto “Entre Risos e Memórias: a vida de Zé Risonho em documentário” visa resgatar e valorizar a obra e a trajetória de um artista cujo impacto foi significativo, mas que, por razões diversas de uma indústria cultural perversa, não recebeu o devido reconhecimento e corre o risco de cair no esquecimento. Paulino Fernandes da Silva, batizado como Zé Risonho na cidade de São Paulo pelo rei do Baião, Luiz Gonzaga, faleceu em 11 de junho de 2025, aos 93 anos. Foi um artista completo e deixou sua marca na música, no circo, na rádio e no cinema brasileiro, e suas contribuições são lembradas por aqueles que estiveram ao seu lado dividindo palcos, sets de filmagem e também na plateia. Dono de uma memória riquíssima, até o fim da vida esbanjou o amor pela música e, mesmo com as deficiências nas mãos que a vida lhe impôs, continuou a fazer sua parte quando pegava a sanfona. Diante de uma sociedade onde a indústria cultural acaba limitando o conhecimento da diversidade artística, resgatar a história de Zé Risonho é dar voz à cultura popular e demonstrar que todo artista deve ser valorizado. Dono de um currículo extenso, Paulino já gravou compacto duplo em 1975 com Maria Fulô, sua irmã, tocou em programas de auditório e circos, se apresentou ao lado de Chacrinha, e participou de filmes como O Homem que Virou Suco de João Batista de Andrade. Foi grande amigo do cineasta Ozualdo Candeias, ícone do cinema brasileiro das décadas passadas. No filme O Capanga, o primeiro filme em Cinemascope brasileiro, exerceu o papel de Curumim onde teve grande destaque. Piracicabano de coração, durante o tempo em que morou na cidade foi reconhecido pela Câmara dos Vereadores e recebeu

homenagem do SESC e TV UNIMEP. Nos últimos anos, com mais de 90 anos, participou de shows com as bandas Cambalache e Malucos do Espaço em cidades como Mombuca, Capivari, Rio das Pedras e Piracicaba. Possui histórias marcantes para a cultura brasileira e memórias guardadas dentro de algumas malas que levou consigo em cada casa que morou. Com o resgate dos materiais culturais produzidos, dos documentos guardados em suas malas e das memórias de e acerca de Zé Risonho, o projeto “Entre Risos e Memórias: a vida de Zé Risonho em documentário” busca demonstrar que toda vida dedicada à arte merece ser registrada de maneira a dignificar seu talento. A proposta de trabalho é apresentar um pouco dos materiais e resgates de memórias deste grande artista. Abrir sua mala de recordações e apresentar o valor de um ser humano que tanto fez para a cultura brasileira.

Palavras-chave: Zé Risonho, memória, música, cinema, cultura popular.

Retornar para reencontrar-se: comunidade quilombola Engenho de Siqueira

Gilvania Santos Silva

Resumo

A pesquisa é sobre os ensinamentos movidos no território quilombola onde minha mãe Maria do Carmo nasceu e cresceu. Tem como intenção, estabelecer diálogos com a Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira situada (Rio Formoso – Pernambuco), registrar e apresentar alguns processos de ensinamentos quilombolas tendo como fundamentação os conceitos de oralituras como propõe Leda Maria Martins e da escrevivência proposta por Conceição Evaristo e a produção audiovisual. Durante a escrita da minha dissertação, foi surgindo uma vontade de falar mais sobre esses saberes e ensinamentos. Interessada em escutar e escrever ainda mais, a pesquisa do doutorado se propõe a criar mais um registro da história da comunidade Quilombola Engenho de Siqueira partindo de narrativas de familiares e pessoas que lá moram. Os quilombos são territórios de resistência e se existe o entendimento da sociedade e da academia sobre a importância da educação antirracista e/ou decolonial, não há como desconsiderar a existência dos saberes desses territórios, é preciso criar espaços para que mais estudos e produções audiovisuais sejam realizadas e publicadas a fim de registrar e gerar novas práticas a partir dos modos de organização dessas pessoas. Para qualquer projeto antirracista no Brasil, essas são fontes fundamentais de inspiração, investigação e referência para ampliar e fortalecer essas práticas. Assim, os modos como são produzidas as obras audiovisuais e cinematográficas também responsáveis pela forma que se contam as histórias e pelo modo de organização do ensino. Durante minha época como estudante de escola pública, sempre aprendi que quilombos eram apenas lugares de gente negra que sofria e lutava para viver. Na minha pesquisa de mestrado, escrevo: o quilombo como força vital de mulheres e homens que (re)existiram, daqueles e daquelas que ainda estão e daqueles e daquelas que escolheram ou tiveram que se deslocar. Portanto, para a efetivação de

um ensino decolonial e antirracista, é importante para entendermos e reconhecermos os modos de produção e existência dos conhecimentos dos territórios quilombolas.

Palavras-chave: quilombo, arte, educação, audiovisual

Referências

- EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.
- _____. Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: Pedagogia como prática da liberdade**. Editora Martins Fontes, 2018.
- _____. Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. Belo Horizonte: Editora Mazza Edições, 1997
- _____. Leda Maria. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma História feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos** / Beatriz Nascimento; organização Alex Ratts - 1ª edição - Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Educando com histórias: uma parceria literária

Fernanda Provinciatto

Resumo

Este trabalho apresenta a trajetória de uma parceria entre duas profissionais da educação – uma pedagoga e ilustradora, e uma psicopedagoga – unidas pelo propósito de transformar histórias em livros voltados ao público infantil. O encontro entre as autoras ocorreu em 2017, por meio de uma amiga em comum. Na ocasião, uma das histórias (Rebeca, a menina dos cabelos encaracolados) já estava escrita e ilustrada, enquanto a outra (Dona Branquinha) necessitava de ilustração. Apesar de dificuldades iniciais para publicação, em 2022 houve a retomada do projeto de forma independente. Ainda que com recursos limitados e pouca experiência no mercado editorial, foram lançados três títulos: os dois primeiros mencionados e um terceiro (O menino que sabia tudo), ilustrado em curto prazo para integrar um livro coletivo sobre inclusão. Em 2025, um quarto título está sendo publicado: Elefino, o elefante elegante. A história nasceu dos atendimentos psicopedagógicos de Juliana, ao perceber a necessidade de abordar, com as crianças, temas como autoestima, bullying e aceitação das diferenças. O livro conta a história de um elefante magro e fino, diferente dos demais elefantes grandes e robustos ao seu redor. Por causa disso, Elefino sofre bullying na escola e até mesmo dentro da própria família. No entanto, ele decide se reinventar, transforma sua característica em um ponto de força, e torna-se um influenciador de sucesso — e, acima de tudo, um elefante feliz. Um aspecto central da produção está nas ilustrações, que são feitas totalmente à mão, em aquarela, e só então digitalizadas para posterior diagramação. A escolha por essa técnica se fundamenta na crença da ilustradora no potencial transformador da arte feita à mão, alinhada à prática pedagógica que desenvolve na Casa Estúdio FeProvinciatto, sua escola de arte. Nesse contexto, o uso de ferramentas digitais seria incoerente com a proposta do projeto. A arte transforma porque atua diretamente sobre a sensibilidade, a percepção e a capacidade de expressão do ser humano. Ao possibilitar a construção de imagens que comunicam sentimentos, ideias e vivências, ela amplia o olhar,

desperta empatia e oferece um espaço de autoria e liberdade. No caso da infância, a arte ainda contribui para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social, sendo uma ferramenta potente na formação de leitores e cidadãos mais conscientes e criativos. O objetivo desta roda de conversa é compartilhar os desafios, aprendizados e conquistas vivenciados no processo de produção e publicação independente de livros infantis, além de dialogar sobre possibilidades de financiamento e valorização da literatura produzida por educadores. A participação pretende ainda refletir sobre o papel da narrativa, da ilustração artesanal e da educação artística na promoção da inclusão e no desenvolvimento da leitura na infância.

Palavras-chave: literatura infantil, produção independente, ilustração artesanal, aquarela, inclusão, bullying, arte e educação.

Arte, história e memória: mediações com barro

Isis Lourenço da Silva

Resumo

Os conhecimentos advindos da disciplina "Contar histórias e caminhar com ancestrais" da Prof^a. Dra. Priscila Leonel, através do Programa PROFARTES (Mestrado Profissional em Artes/2025), inspiraram-me a pensar e escrever sobre os caminhos que nos levam a acessar nossa ancestralidade. Caminhos estes que passam pela memória, pelo desconforto, pela resignificação e posteriormente, pela cura. Deste modo, refletindo como podemos mediar este processo através da arte - e encantada pelo processo escultórico com o barro - imediatamente iniciei experiências com modelagem junto aos estudantes da EJA, no CIEJA Ermelino Matarazzo, local onde atuo como professora de Arte. Tal sequência tem contribuído com minhas ações por uma educação decolonial, baseada nos Currículos da Cidade de São Paulo e nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tratam sobre a inclusão e obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena para Ensino Fundamental e Médio, nas redes Pública e Privada. Os objetivos têm sido resgatar tradições com a ótica afro-brasileira e indígena, utilizar o barro pensando em materialidades e no meio ambiente, confrontar a imposição de padrões estéticos e se reconectar com os saberes ancestrais. A sabedoria registrada através do símbolo Adinkra Sankofa, foi norteadora na realização deste trajeto. Resgatar nossos saberes, feitos importantes, e retomar narrativas é parte importante da superação de memórias desconfortáveis. É combater preconceitos raciais ainda vigentes, percebidos nas falas dos estudantes, contestando junto a eles o motivo da cristalização de alguns conceitos. A Metodologia Triangular de Ana Mae Barbosa conduz os processos. O que de início pode gerar estranhamento e resistência, durante o fazer dá lugar a imersões. Amassar a argila tornou-se metáfora para reprocessar dores do passado. Refletimos temas como trabalho e migração, a cerâmica e sua importância arqueológica e relembremos saberes familiares. As referências de mestras/mestres nordestinos e afrodescendentes foram estratégias de conectar as pessoas à cultura, valorizando a

identidade e o território. Apreciar o caminho, os momentos em roda, as partilhas e o que foi produzido é fomentar o fluxo do aprendizado, a coletividade e a circularidade. A modelagem com o barro no confrontou, nos ensinou e nos confortou.

Palavras-chave: arte, educação, identidade, decolonialidade, ancestralidade.

Referências

Livros

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: TAQ, 1979.
EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
MILLS, Charles W. O contrato racial. Edição comemorativa de 25 anos. São Paulo: Jandaíra, 2022.
GABRIEL, Caio; NUNES, Maicon; RUFINO, Rosana (org.). **1 Livro Griot do MNU**: Memórias de vida e de luta da Idosidade negra. 1. ed. São Paulo: Editora Sabedoria Griot, 2024.

Artigo

GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue; ZANELLA, Andrea Vieira. **Raça, corpo e arte**: contribuições de artistas negras/os para a reinvenção do mundo. Documento interno, 2021.

Documentos eletrônicos

JULIO, Ana Luiza dos Santos. **Por uma visão psicossocial da autoestima de negros e negras**. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, v. 24, p. 63-78, abr. 2011. Disponível em: <https://scispace.com/papers/por-uma-visao-psicossocial-da-autoestima-de-negros-e-negras-2hy4qrqsh3>. Acesso em: 6, abril, 2024.

Arte negra e resistência: como superar o racismo na escola por meio da educação artística

Isabela Vitória Santana

Resumo

O presente trabalho visa investigar possibilidades de como superar o racismo na escola por meio da arte-educação. Nesta pesquisa de Iniciação Científica se realizou uma revisão bibliográfica com diferentes tipos de documentos entre livros, artigos, teses, dissertações e textos on-line. Os escritos se baseiam em autores negros como Bell Hooks, Sueli Carneiro e Frantz Fanon que discutem educação e decoloniedade, como uma ferramenta para reflexão, a fim de promover a representatividade, valorização das culturas marginalizadas, pertencimento, expressão e a equidade social no ambiente escolar. O papel do professor para a superação do racismo na arte-educação é o seu papel mediador e político, tanto na escolha da obra, quanto na forma em que a obra e o aluno, vão se comunicar. Segundo Priscila Silva Vieira da Cunha e Lara Brum de Calais (p.490, 2019) “Através da arte é possível chamar atenção para o diferente e para as contradições sociais existentes e, a partir disso, promover a reflexão”. A arte periférica, negra e brasileira é um convite para refletirmos e conhecermos as diversidades culturais em um único espaço geográfico, como o Brasil, com suas múltiplas formas de manifestação, seu teor estético-político e considerá-las como inteligências também, tais como os grandes feitos artísticos europeus que são venerados desde sempre. Em contrapartida as manifestações periféricas, são excluídas do contexto escolar. Quando escolhemos falar de arte negra e/ou periférica, contribuímos para o combate a folclorização da cultura, fortalecemos a identidade e saberes dos povos negros. André Carminda (2011, p. 431) escreve que “(...) a arte pode tornar-se um meio para resistir, não pelo confronto, mas pela recusa de continuar a guerra”. A partir dessa reflexão, me veio interpretações ambíguas: A do arte-educador, quando ele se recusa a participar dessa guerra epistêmica no mundo da arte, onde ele escolhe qual lado valorizar e ter como conhecimento único e necessário, onde muitas vezes o belo é o erudito e o feio é o que está a margem. E o

tipo de resistência, como resistência ao racismo, que pode ser observado em obras e artistas que recusam a violência explícita mas trabalham com símbolos, performances, instalações e intervenções urbanas. Neste caso, como exemplo, as obras de Maxwell Alexandre, que utiliza a arte para valorizar o corpo negro e marginalizado sem reproduzir discursos de ódio ou confronto direto. Com tudo, a educação antirracista na arte-educação deve ser compreendida como um compromisso de transformação social, onde segundo Themis de Lima (p.54,2022) “Só os estudos podem modificar essas errôneas concepções e dar-lhes os valores legítimos(...)” a produção artística negra e periférica. Desta forma a arte educação não só combate ao racismo estrutural, mas possibilita que os alunos se vejam como protagonistas de suas próprias histórias, contrariando estatísticas e ocupando espaços.

Palavras-chave: arte-educação, racismo, resistência

Ancestralidade como um caminho para a Decolonialidade na Arte Educação

Priscila Leonel de Medeiros Pere

Resumo

Buscar formas ancestrais de ensino de artes pode ser um caminho para construir um processo de educação decolonial no qual os alunos possam descobrir a potência em sua própria história de vida e em suas raízes. Confiar na sua história é saber que é possível viver e experienciar arte no território. O foco desta pesquisa é levantar repertórios de conhecimentos ancestrais que possam contribuir na elaboração de formas de ensino decolonial e na ampliação de referências bibliográficas curriculares, tornando mais acolhedor e representativo para os alunos. Os autores latino-americanos apresentam uma crítica às ideias enraizadas de subalternidade do pensamento e da cultura dos povos colonizados. Como o peruano Aníbal Quijano, que discute a proposta colonialista hierárquica de conhecimentos, atrelada ao capitalismo, na Modernidade. E autores como Boaventura de Souza Santos (2019), evidenciam que a independência das colônias europeias não trouxe o fim do colonialismo, mas uma substituição por outras ações tão prejudiciais quanto, como o neocolonialismo, o imperialismo, ou o racismo. Santos (2019) reitera a importância de resgatar os saberes marginalizados e silenciados dos ancestrais. De acordo com Vanda Machado (2017) olhar estas outras ancestralidades, diferentes do colonizados, integramos, no processo educativo, os conhecimentos da humanidade, aos quais todos temos direito. Segundo ela, o sucesso dessa prática pedagógica está na possibilidade de vencer barreiras conceituais e simbólicas que bloqueiam nossos alunos (MACHADO, 2017, p.14). Assim, torna-se fundamental falar sobre leis que promovam a igualdade, principalmente no tocante a escola, para que estas práticas não sejam apenas iniciativas de alguns professores isolados, mas para que haja a reconfiguração do sistema educacional, tanto no tocante a postura, como no referente aos currículos. Dentre essas políticas há a criação da Lei nº 10.639/2003, que altera a Lei nº 9.304/1996, e institui dentro das diretrizes curriculares nacionais, temáticas

relacionadas ao Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana como obrigatórias em todos os ciclos da educação básica. Há a inclusão também do dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, como data a ser trabalhada na aula de artes, dentro do calendário letivo nas unidades escolares. Desse modo, é necessário um estudo voltado para a formação e prática docente pautando as relações étnico-raciais (mas não só), pois é nela que mora a tradução, a mediação de contextos e conteúdos condizentes à formação social e histórico-cultural brasileira, possibilitando o aluno a atribuir significado à sua existência naquele ambiente escolar e fora dele.

Palavras-chave: arte-educação, decolonialidade, ancestralidade, escola.

Mapas Vocais

Cecilia Ferreira Bortoli

Resumo

Desenvolvidos a partir de pesquisa qualitativa realizada para o trabalho de conclusão de curso da autora em 2015, os Mapas Vocais consistem em atividades artísticas empregadas em aulas de canto com o objetivo de proporcionar uma concretude às sensações experimentadas ao cantar. Na ocasião da pesquisa, o tema central foi a Educação Musical de Atrizes e Atores. Por meio de uma série de oficinas de musicalização para adultos, estruturadas com base na proposta de Conrado Silva (SILVA, 1983) e em um estudo preliminar dos pensamentos de Schafer (SCHAFFER, 1986), Koellreutter (KOELLREUTTER apud BRITO, 2001) e da Escola do Desvendar da Voz (WERBECK-SVÄRDSTRÖM, 2011), elaboramos reflexões sobre a educação musical de atores a partir dessas oficinas. Durante os encontros, diversas atividades foram exploradas, incluindo aquela que intitula este trabalho. As sessões foram filmadas, registradas em caderno de bordo e, posteriormente, assistidas e avaliadas por meio de questionários. Ao longo dos anos seguintes, a atividade dos mapas vocais foi aprofundada em práticas com alunos de diversas idades em aulas de música. Essa experiência reiterou o Mapa Vocal como um recurso facilitador para o aprendiz perceber possíveis tensões, áreas corporais menos familiares e as ressonâncias do canto. A dinâmica da atividade consiste em realizar marcações com lápis de cor ou giz de cera coloridos em desenhos da cabeça em perfil e do corpo humano, conforme as sensações percebidas durante a prática vocal. Nesses desenhos, são destacadas partes do corpo que necessitam de movimentação ao cantar, como o palato mole (fundo do céu da boca), dentes, língua, musculatura abdominal e caixa torácica, entre outras. O participante que preenche o mapa realiza uma marcação com uma cor aleatória para compor a legenda dos sons utilizados, que podem ser provenientes de Exercícios de Trato Vocal Semiocluído (ETVSO) ou de vogais. A escolha pedagógica pela percepção das ressonâncias tem sido adotada por muitos professores de canto e se refere a uma prática de valor empírico. Embora não seja o único caminho possível

para a aprendizagem do canto e possa ter origens controversas, muitos docentes relatam bons resultados com sua aplicação. Na experiência da autora, a atividade descrita tende a facilitar a percepção de todos os participantes quanto a tensões excessivas na garganta, além de evidenciar a presença de partes do corpo importantes para o canto que não estavam presentes na percepção anterior do aprendiz. A escolha pelo título "Mapa Vocal" justifica-se pelo aspecto imagético da atividade, possibilitando, inclusive, comparar diferentes imagens produzidas em distintos momentos do desenvolvimento musical e vocal.

Palavras-chave: pedagogia vocal, canto, educação musical.

Referências

BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador**: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2001.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. 2. ed. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada; Magda R. Gomes da Silva; Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

SILVA, Conrado. **Oficina de Música**. Revista Ar'te, São Paulo: ECA-USP, n. 6, 1983.

WERBECK-SVÄRDSTRÖM, Valborg. **A Escola do Desvendar da Voz**. 3. ed. Tradução de Jacira Cardoso, Jacira de Souza, Maria Regina Arena e Mechthild Vargas. São Paulo: Antroposófica, 2011.



Entre rios e raízes:
Arte Educação como
semente

Sementes do amanhã

EIXO 3

(infâncias)

IV CONGRESSO DA
OPAE
Piracicaba

O brinquedo no processo de adaptação escolar

*Viviane Rodrigues Mestre Ruiz
Tânia Cristina Desiderio da Silva
Tatiane Vieira Martins*

Resumo

A adaptação escolar implica em mudanças emocionais e comportamentais do estudante que migra do ambiente familiar, doméstico, para o escolar exigindo da criança habituar-se a um novo ambiente, a uma nova rotina rodeada por crianças e adultos desconhecidos por muitas horas no dia. A mudança provoca reações emocionais cuja intensidade varia de estudante para estudante e influencia em sua adaptação ao ambiente escolar. Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1988), a criança pode apresentar inúmeras dificuldades emocionais quando inserida no ambiente escolar, como: chorar, ficar muito calada, adoecer, recusar-se a brincar, a comer, a dormir, retorno às fases anteriores do desenvolvimento (como urinar ou evacuar na roupa), uso da chupeta ou paninho. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi empregar a construção de quebra-cabeças com materiais acessíveis e de baixo custo como ferramenta pedagógica de acolhimento e desenvolvimento socioafetivo para amenizar as dificuldades apresentadas por 25 estudantes do Jardim II, com 5 anos de idade, de uma escola municipal de Piracicaba no processo de adaptação escolar. Foram construídos dois quebra-cabeças com inspiração no Tangram e nas Torres de Hanói, Londres, com o tema da animação “Divertida Mente”, da Disney Pixar. Para o primeiro quebra-cabeça os estudantes coloriram e decoraram ilustrações da animação, que foram coladas em papel cartão, recortadas em tiras para formar as peças do quebra-cabeça, montados em uma base elaborada com caixa de leite e rolo de papel colorido, sendo feito um por criança; o segundo quebra-cabeça foi confeccionado com cilindros de polietileno (flutuadores do tipo espaguete para piscina), em três cores diferentes, cortados em partes menores, distribuídos em cores variadas em três torres elaboradas com retalhos de madeira, fixadas em base do mesmo material e decoradas pelos estudantes. A finalidade desse quebra cabeça era deixar cada torre com uma única

cor e a sala foi dividida em 5 grupos, que de forma conjunta decidiu como montar as torres. A escolha do tema se deu, pois, a animação desperta o interesse dos estudantes, e suas personagens (Alegria, Raiva, Ansiedade, Medo, Nojo, Inveja, Tédio, Vergonha) serem emoções vivenciadas na transição do ambiente doméstico para escola. Todos os estudantes se envolveram na construção e montagem dos brinquedos, pontos que demonstram que o quebra-cabeça trabalhou o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e as funções executivas, de atenção, resolução de problemas, criação de estratégias, concentração, persistência, trabalho em equipe, coordenação motora, raciocínio lógico, para identificar padrões e combinações possíveis. Essa combinação de atividades contemplou os cinco campos de experiência da BNCC: "O eu, o outro e o nós", "Corpo, gestos e movimentos", "Traços, sons, cores e formas", "Escuta, fala, pensamento e imaginação", e "Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações". A construção do próprio brinquedo fez parte de todo um ciclo de criar e brincar, com trocas importantes entre os estudantes e professores, redução de tensões, promoção de um ambiente escolar acolhedor, lúdico e criativo, sendo uma ferramenta pedagógica importante para superar as dificuldades emocionais geradas no processo de adaptação escolar.

Palavras-chave: brincar, adaptação escolar, reciclagem, educação Infantil, quebra-cabeça.

Objetivos do Desenvolvimento Sustentável em prática: o projeto Brincando e Aprendendo em uma escola do interior paulista

*Sonara da Silva de Souza
Andrea Coelho Lastória
Thais Angela Cavalheiro de Azevedo
Carla Costa de Moraes*

Resumo

O presente trabalho caracteriza-se como relato de experiência de uma prática educativa ocorrida no ano de 2023, em uma escola municipal de anos finais do Ensino Fundamental, em um município do interior paulista. Tal prática teve como objetivos apresentar os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) aos estudantes; desenvolver alguns dos ODS durante as atividades do projeto como o 3 (Saúde e bem-estar), 4 (Educação de qualidade), 5 (Igualdade de gênero), 11 (Cidades e comunidades sustentáveis), 12 (Consumo e produção responsáveis) e 16 (Paz, justiça e instituições eficazes), diretamente; integrar os estudantes entre si e ao ambiente escolar, pensando em amenizar a evasão, ampliar a identidade dos estudantes com o espaço escolar e criar um ambiente de harmonia entre os membros da comunidade, além de tornar o ensino de Geografia mais dinâmico. O projeto expandiu-se para além das aulas de Geografia, tornou-se interdisciplinar e mobilizou a todos com jogos e brincadeiras. Ademais, abriu as portas da instituição para que o movimento da juventude do município, que ocorria em praças públicas, pudesse apresentar suas atividades de “Batalhas de rima”, o que incentivou vários estudantes a aprenderem mais sobre rima e repente e se identificassem ainda mais com a escola. Tais atividades pautaram-se inicialmente nas aulas de Geografia, a partir do Currículo em Ação, que explicita os ODS durante as Situações de Aprendizagem e implementa a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), além de alinhar-se à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). O evento estimulou a arte e potencializou o ensino a partir de dinâmicas que foram além das tradicionais aulas presentes no cotidiano escolar.

Palavras-chave: agenda 2030, objetivos do desenvolvimento sustentável, ensino de geografia, interdisciplinaridade, anos finais do ensino fundamental.

Do Lado de Fora: experiência e vivências na Educação Infantil

Rosani Cristina Rigamonte

Resumo

Este é um Projeto Educação Ambiental que conta com a parceria entre a UNIFUNVIC - Polo Mococa-SP e o Departamento Municipal de Educação, o qual vem sendo desenvolvido desde o ano de 2011, buscando através desta iniciativa estruturar diretrizes que possibilitem a existência de uma Política Municipal de Educação Ambiental. Esta ação foi estruturada pela Coordenação do Curso de Pedagogia, que elaborou as atividades pedagógicas, discussões teóricas e materiais didáticos que foram utilizados na capacitação de gestores da Rede Municipal de Educação. A construção das diretrizes e metodologia deste Projeto ocorreram de forma participativa, em que os temas foram discutidos com o grupo de gestores e avaliado constantemente. Os conteúdos construídos nortearam a transformação destas Escolas em espaços educadores mais sustentáveis, propagando reflexões e ações que buscaram proporcionar a construção de uma Educação Ambiental crítica e significativa para todos os membros que compõem a sua comunidade. A espinha dorsal deste projeto sedimentou-se na construção de hortas escolares, jardins comestíveis, recuperação de praças, como laboratórios de experiências que proporcionaram a observação da natureza e seu movimento. Possibilitando a produção de alimentos e muitos ensinamentos, através dos quais se buscou sensibilizar desde professores, merendeiras, serventes, alunos, pais e a comunidade em geral, propondo o convívio mais harmonioso com o meio em que vivem. Sensibilizar os indivíduos é a base de qualquer mobilização social que possa transformar, de alguma forma, o contexto em que vivemos. O grupo envolvido neste projeto foi composto pelos gestores de 21 Escolas Municipais de Educação Básica (19 Escolas Educação Infantil e 02 Escolas de Ensino Fundamental I – zona rural). A experiência dos últimos anos do projeto foi muito intensa e significativa. O grupo estava ávido para compartilhar as experiências vivenciadas neste percurso. E o caminho proposto foi a organização de um e-book com as experiências de cada uma

das escolas envolvidas. Trocas, fazeres, saberes, a escola precisa destas ações, e as crianças merecem nosso engajamento nesta transformação. Ao oferecer a possibilidade das crianças terem contato diário com a natureza, especialmente num espaço escolar, faz com que elas se aproximem, criem intimidade e estreitem laços. Neste processo, a natureza passa de algo distante e inatingível, para ser um ambiente acolhedor, no qual se pode confiar e sentir que se faz parte.

Link do e-book:
https://drive.google.com/file/d/13SNM9P6ikh47v_10K98XoyShPgn71CbB/view?usp=sharing.

Palavras-chave: educação ambiental, educação infantil, vivência na natureza.

Turma do Lamba: O Uso de Gibis e Animações 2D na Sensibilização sobre Água e Saneamento com o público infantil

*Aguinaldo Brito Júnior
Débora de Paula Papani*

Resumo

Este artigo relata a experiência de educomunicação do Consórcio Intermunicipal das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí (Consórcio PCJ), por meio da produção de materiais de sensibilização sobre os temas de gestão da água e saneamento, com a Turma do Lamba, personagens originais da entidade, criados pelo Programa de Educação e Sensibilização Ambiental, voltados para abordagens com o público infanto-juvenil. Entre 2020 e 2023, foram realizadas a produção de 05 gibis e 03 desenhos animados. As histórias abordam assuntos próximo à vida das pessoas e como a gestão da água e o acesso ao saneamento básico impactam o dia a dia da sociedade, ao retratar representantes da sociedade, dos órgãos de operação e regulação do saneamento e, propriamente, dos animais que dependem dos rios. Essas cartilhas, inicialmente distribuídas diretamente nas escolas em papel impresso, foram produzidas a partir de um Convênio de Cooperação, firmado em 2018, com a Agência Reguladora dos Serviços de Saneamento das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí (ARES-PCJ), que resultou no Projeto Saneamento é + (mais). A partir de 2020, após a publicação das duas primeiras cartilhas, o Consórcio PCJ foi o responsável pelo lançamento de outras três. Nesse mesmo ano foi lançado o primeiro desenho animado, com enredo adaptado de uma das histórias dos gibis. A coleção é composta pelos seguintes títulos: Volume 1: “A água é de graça?”, Volume 2: “Algo não cheira bem...”, Volume 3 “O rio começa aqui!”, Volume 4: “Um crime contra as águas” e o Volume 5: “De olho na água”. Os gibis estão disponíveis de forma online na Biblioteca Digital da organização, enquanto os vídeos podem ser assistidos pela plataforma Youtube, no canal oficial do Consórcio PCJ.

Palavras-chave: educomunicação, saneamento básico, educação ambiental, água

Corpos que brincam, territórios que cantam: infâncias e cultura popular em roda de festa.

Maria Filippa Jorge

Resumo

Pesquisa realizada com crianças sobre danças e canções populares: Carnaval e Festa do Boi. Uma investigação sensível sobre danças típicas e cultura popular, narradas por crianças em movimento. Fomentar a criança como pesquisadora, artista e conhecedora do mundo. Trazer as danças como práticas culturais vivas, como linguagem afetiva, política, estética e ética. Refletir sobre o papel da escola e dos educadores como guardadores de memória e criadores de futuro. Apontar como a cultura popular é território de resistência, sobretudo em tempos de padronizações, e apagamentos. Um corpo infantil onde o chão e seu suporte, dançando o mundo com curiosidade. Esse corpo dança frevo, corre atrás do boi, tocando o tambor, o triângulo e a flauta. Foi assim que ouvi as crianças: com o ouvido do coração e os olhos da emoção. Esta pesquisa é uma travessia pelo Brasil que habita os quintais, os batuques e os sonhos da infância. Pesquisar a cultura popular, e aproximá-la da cultura infantil. A Arte como dispositivo de pesquisa e encantamento, sendo o grande mote e disparador de todo o processo. Participaram da pesquisa, crianças de 4 a 6 anos, alunos da Emei Ignácio Henrique Romeiro, sala multietária, sob a regência da Professora. O processo aconteceu com a apresentação de obras de arte visuais, de diversos artistas, sobre o boi, frevo, samba. Suscitando discussões, reflexões e rodas de conversa sobre cultura popular, com o auxílio da literatura infantil, para embasar. Reverberou em: oficinas, escutas, vivências corporais, construção de textos coletivos. A cultura popular como campo de afeto e conhecimento, memória coletiva e resistência, vinculada à cultura das infâncias. O poder da cultura popular como uma ferramenta potente contra colonial, e resistência em contrapartida a estética do liso, que invade o imaginário das crianças e as contamina com um padrão único. As danças como linguagens do corpo, que ensinam ritmo, ancestralidade, escuta e pertencimento.

Como as artes visuais dialogam com o corpo das crianças? Ao olhar uma obra de arte, a criança não observa como um adulto. Ela encarna. Ela vira cor, vira forma, vira aquilo que vê, e que faz sentido para ela, partindo das suas referências. A arte visual não é só imagem, é convite para habitar seu corpo inteiro. Por isso, em muitos contextos educativos, as crianças reencenam, recriam, reimaginam o que veem, criam e copiam gestos, performances espontâneas diante de obras. Isso é uma forma política de estar no mundo. É o corpo se insurgindo contra a passividade. As artes visuais dialogam com o corpo da criança. O corpo, se emancipa, escuta, é provocado, celebra. Em seus desenhos, existem gestos de autonomia. Ao observar uma obra, o corpo reinventa-se, brinca e resiste. O corpo da criança é mapa e bússola que dança e canta a cultura popular. Reinventando-a e marcando seu corpo com expressões e gestos, transformando-se em memórias. Que sejamos capazes de aprender com seus passos, com seus giros, com seus olhares.

Palavras-chave: infância, artes educação, cultura popular.

Sensibilização ambiental infanto-juvenil por meio da Arte e Educação: Peça teatral “A Turma do Lamba contra os inimigos da natureza”

*Mariane Alves de Godoy Leme
Vittoria Leite Chaves Victorio
Andréa Borges
Murilo Ferreira de Sant'Anna*

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados de sensibilização ambiental sobre a gestão da água e saneamento, obtidos com a realização da peça teatral “A Turma do Lamba contra os inimigos da natureza”, uma produção com personagens originais do Consórcio Intermunicipal das Bacias Hidrográficas dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí (Consórcio PCJ). A peça teatral “A Turma do Lamba contra os inimigos da natureza” percorreu mais de 100 municípios da região das Bacias PCJ, dos anos de 2022 a 2025, sendo apresentada em escolas públicas municipais e espaços culturais dos municípios, atingindo mais de 5 mil participantes que tiveram oportunidade de assistir à apresentação. A criação da peça teatral teve como objetivo a sensibilização e educação ambiental do público infanto-juvenil sobre a importância da boa gestão dos recursos hídricos e a preservação dos rios que compõem as Bacias Hidrográficas dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí. A encenação se estrutura na interação lúdica e didática, com linguagem acessível, de 09 (nove) personagens que compõem a “Turma do Lamba”, girando em torno dos personagens centrais: os peixes falantes, Lamba (inspirado na espécie Lambari), contestador e defensor ambiental, e o Sr. Mandílson (da espécie Mandi), um peixe velho e crítico em relação às ações humanas; o Pescador, contador de histórias e amante da natureza, ao lado da sua neta Lalá, uma garota inteligente e curiosa, e a Dora Reguladora que representa os profissionais da regulação dos serviços de saneamento. A história parte da narrativa da versão da Lalá antes de ter consciência sobre o meio ambiente, denominada Sujismunda; neste contexto, aparecem a Sra. Poluição, repleta de lixos pelo seu corpo e que é muito irritada, pois seria linda se não fosse pelo homem e sua poluição; o Desper...dício é uma personagem que surge com o desperdício das pessoas; e a Senhorita Seca que

representa um ser temeroso que surge com o excesso de desperdício, de poluição e desmatamento. De forma divertida, as personagens de poluição, seca e desperdício vão desaparecendo da história conforme as informações de educação ambiental vão se apresentando na peça. A história foi baseada nas cartilhas e videoanimações da Turma do Lamba, produzidas também pelo Consórcio PCJ, abordando a importância da contribuição da população para a garantia de água para todos, com assuntos temas como: “De onde vem a água que chega na minha torneira?”; “Por que é importante economizar água nas atividades diárias?”; “Os problemas do descarte inadequado de resíduos sólidos nas ruas e nos vasos sanitários”. O corpo da peça teatral se dá por diálogos entre as personagens, músicas contemporâneas e cantigas populares. O teatro é um projeto de educomunicação sobre a importância da preservação dos recursos hídricos, que integra o Programa de Educação e Sensibilização do Consórcio PCJ. No contexto do IV Congresso da OPAE (ConOPAE 2025) e na temática "Entre rios e raízes: Arte Educação como semente", a potência das experiências artísticas nos processos educativos, promovendo o pertencimento das crianças ao ambiente natural, como as águas e os rios, e o florescimento de práticas de preservação do meio.

Palavras-chave: arte, educação ambiental, educação básica, educomunicação, teatro.

Desenhe o que sente: A construção gráfica infantil como linguagem emocional na arte-educação.

*Gabriela Hengles Santos
Eliane Patricia Grandini Serrano*

Resumo

Este trabalho, em processo de desenvolvimento no curso de Licenciatura em Artes Visuais pela UNESP Bauru durante o ano de 2025, procura investigar a construção gráfica infantil como linguagem simbólica e emocional na infância. Parte-se da compreensão de que cada traço, cor e forma são manifestações gráficas da percepção do mundo e de si mesmos que as crianças, especialmente entre 6 e 9 anos, muitas vezes não expressam de maneira verbal. A arte, nesse contexto, aparece como um meio genuíno de escuta e construção subjetiva, sendo fundamental no processo de formação integral da criança. O estudo conta com uma pesquisa de campo, que está sendo desenvolvida em um colégio particular na cidade de Bauru. O projeto “Emocionário: desenhe o que sente” faz parte do clube de enriquecimento artístico do colégio, e é inspirado no livro “Emocionário: diga o que sente” de Cristina Nuñez Pereira. O projeto em questão propõe 10 encontros, nos quais os educandos, de 2º e 3º anos do ensino fundamental anos iniciais, exploram cinco emoções escolhidas por eles próprios — saudade, tédio, vergonha, coragem e ansiedade — através da abordagem triangular, proposta por Ana Mae Barbosa (1998). Para cada emoção, usamos dois encontros, que de maneira alternada, se desdobram em três momentos: a apreciação de obras, a contextualização dos sentimentos e produção artística de suas emoções. Essas produções realizadas no clube são analisadas a partir do pressuposto de que o desenho na infância vai além de um aspecto lúdico e se mostra como uma importante forma de expressão subjetiva do universo emocional que existe dentro de cada criança. No contexto dessa prática, se destaca o papel do professor-artista, que com a sensibilidade de quem produz e a sabedoria de quem ensina, assume um lugar de escuta atenciosa e sensível, se tornando dessa forma um facilitador para a instrumentalização emocional por meio da expressão artística. Essa escuta sensível não se limita à observação técnica, mas se torna uma ação

pedagógica profunda, mediando a relação da criança com sua própria interioridade. Os primeiros resultados do projeto evidenciam como o desenho funciona como uma via potente para que as crianças aprendam a nomear, se sintam confortáveis para compartilhar e tenham ferramentas para elaborarem suas emoções, quando inseridas em um ambiente seguro e acolhedor. Em diálogo com autores referência no assunto, como Jean Piaget (1999), Nancy Rabello (1996) e Philippe Greig (2004), compreende-se que o desenho infantil não é apenas uma representação externa, mas um modo de pensar, sentir e comunicar, contribuindo para a valorização da arte como meio de formação emocional, subjetiva e simbólica da infância, além de fortalecer o olhar da arte-educação como prática de cuidado.

Palavras-chave: arte-educação, desenho infantil, professor-artista

Quando não há mar, a arte inventa: infância, cidade e imaginação no trabalho do Grupo Esparrama

Luciana da Conceição

Resumo

Este trabalho investiga a capacidade da imaginação na transformação do espaço urbano, a partir do espetáculo Navegar, realizado pelo Grupo Esparrama, coletivo teatral que desenvolve criações voltadas à infância a partir da janela de um apartamento no centro de São Paulo, de frente para o Elevado Presidente João Goulart, o Minhocão. A proposta é refletir sobre como a arte, por meio da atividade teatral, pode reinventar o cotidiano e instaurar outras formas de relação com a cidade. Tomando como referência teórica o enfoque histórico-cultural de Lev Vigotski, em diálogo com a poesia de Manoel de Barros, a pesquisa articula o conceito de imaginação como elemento central no desenvolvimento humano e como força criadora que ultrapassa as condições objetivas do real. Se para Vigotski a imaginação é uma função psíquica superior, desenvolvida na interação social e a partir do contato com o mundo, permitindo ao sujeito transformar a realidade e criar novos significados por meio da combinação de elementos da experiência, para Manoel de Barros ela se concretiza na afirmação radical do poeta onde “tudo aquilo que não é inventado é falso”. Tal enunciado nos convoca a perceber o mundo não apenas tal como é, mas tal como pode vir a ser — já sendo ou não. Nesse sentido, a arte é compreendida como forma técnica e simbólica capaz de tensionar os limites da realidade dada, instaurando frestas e possibilidades de reinvenção da percepção. Ao transformar o Minhocão, estrutura urbana rígida, símbolo de uma cidade verticalizada, excludente, cinza e de concreto, em um mar imaginário, o Grupo Esparrama desloca os sentidos do espaço e propõe um novo uso para a cidade. A janela se torna palco, a rua vira plateia, e o concreto se converte em cenário poético onde crianças podem navegar com seus corpos e emoções. Quando não há mar, a arte cria um. A análise toma como base registros do processo de criação cênica de Navegar, realizada em 2018, entrevistas com os artistas e materiais documentais, buscando compreender como a

infância, enquanto categoria social, é mobilizada para intervir criticamente no espaço urbano. O estudo também dialoga com perspectivas que concebem a cidade como espaço de disputa e criação, reconhecendo as crianças como sujeitos ativos e participantes na construção dessa realidade. A imaginação é, assim, uma ferramenta política, capaz de ressignificar territórios, ampliar possibilidades de existência e afirmar a infância como força de transformação. Navegar por um mar de concreto é mais do que uma metáfora: é um gesto poético-político que afirma o direito das crianças à cidade, à arte e à invenção de outros mundos possíveis. A imaginação é a semente plantada no urbano pelo Grupo Esparrama, com vistas a florescer outras paisagens.

Palavras-chave: arte, cidade, grupo esparrama, imaginação, infância.

Colcha de retalhos – histórias, brincadeiras e ludicidade na educação básica

Cristina Maria da Silva

Resumo

Uma colcha de retalhos, imaginação, criatividade, afeto, pertencimento e escuta afetiva. O artigo “colcha de retalhos – histórias, brincadeiras e ludicidade na educação básica tem como objetivo valorizar e difundir a prática de contação de histórias dentro das salas de aula, incentivar a leitura, valorizar as memórias ancestrais e culturais, refletir sobre o pertencimento e identidade, promover uma escuta afetiva entre os profissionais da educação e os educandos, estimular a criatividade e a ludicidade dentro do ambiente escolar, propiciando uma aprendizagem significativa e contextualizada, além de promover uma reflexão sobre como a contação de histórias pode ser usada como ferramenta de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental. A contação de histórias é uma prática que atravessa o tempo, é uma forma de transmissão de saberes, valores e um resgate ancestral. Nas salas de educação básica, a contação de histórias apresenta-se como um importante recurso didático, pois, desperta a curiosidade dos educandos, estimula a criatividade, estimula a criticidade, além de ser uma importante fonte de prazer. As histórias encontradas em livros, filmes, teatro, contações de histórias, e conversas informais, remetem o ouvinte a novas situações, o que faz despertar interesse e expectativa, além de uma formação sensível. No chão de escola, propor o uso de uma “estética literária” é uma missão difícil. No dia a dia encontramos educadores resistentes no que diz respeito a exploração de atividades que despertem a imaginação e a criatividade. E o que fazer para mudar esse cenário? Contar histórias, apresentar situações que proporcionem acolhimento, leitura compartilhada, roda de conversa, atividades artísticas, leituras poéticas e principalmente, “o brincar e vivenciar”. O presente diálogo propõe fazer uma reflexão sobre qual o papel da arte dentro da escola, como ela se desdobra a partir de uma contação de história tendo como base uma colcha de retalhos. A partir desse encontro, serão costurados memórias afetivas, identidade, pertencimento,

escuta criativa, estímulo a criação artística e a escrita. Serão abordados reflexões e diálogos com os autores RODARI, Gianni (2021), HERNÁNDES-HERNÁNDES, Fernando. ANGUITA, Marisol (2025), SOARES, Magda (2023), FREIRE, Paulo (2020), SPOLIN, Viola (2017).

Palavras-chave: arte-educação e alfabetização, contação de histórias, pedagogia desobediente, arte e infância.

A arte do brincar em família: autonomia criativa e fortalecimento de vínculos

Julia Corrêa Giannetti

Resumo

O encontro da arte-educação com a diferença, acontece no Centro de Reabilitação de Piracicaba e propõe inserir as famílias com vivências lúdicas e criativas que não se limitam ao olhar reabilitador, e sim, oferecer uma oportunidade de viver juntos a experiência do brincar, da descoberta das inúmeras formas de ser. Ao incentivar a atuação centrada na família, na potência de cada um para se descobrir dentro das suas possibilidades. Com o olhar para cada criança a partir de suas características, para cada família e suas realidades, a equipe interdisciplinar traz a escuta ativa e propõe o mergulho na experiência do brincar e da arte-educação, para aos poucos, ir permeando o cotidiano e as diversas formas de estar no mundo, com a escuta ampliada das crianças e da família perante as barreiras encontradas em cada dia a dia. Os grupos trazem a proposta de viver juntos experiências lúdicas em família para ampliar a noção de experiência criativa. Com a integração das linguagens artísticas, cantigas embalam o brincar, tecem com elementos visuais que embalam o movimento corporal e o brincar. Tais vivências ampliam a noção do cuidar para as relações sociais em que a criança está inserida e busca-se interligar o brincar ao ritmo diário, com a oportunidade de viver juntos a ludicidade. As famílias vão se permitindo e resgatando o espírito lúdico, abrem-se para a descoberta de inúmeras formas de ser, criar e de brincar, chegando a explicitar que a vivência traz prazer e escuta para eles e, assim, reflete na relação com as próprias crianças. Nas propostas validamos a comunicação através da linguagem corporal, da liberdade para a criança explorar o ambiente e os objetos, a partir disso podem se comunicar e se sentir ativas no mundo. Com essa confiança, ela vai se envolvendo com o grupo e nas propostas mais direcionadas. Ao se entregar para o brincar, o adulto cuidador, permite-se mergulhar na fragilidade e uma reconexão acontece! Percebe-se então, que todos são capazes, até mesmo quem ele acreditava ser tão frágil, sua criança com algum transtorno e deficiência, e

que ela podendo agora ser olhada de dentro da brincadeira, acontece ali um reencontro que fortalece esse vínculo de dentro para fora, refletindo uma confiança em ambas as partes, uma escuta e aceitação das diversas formas de existir. Podemos sentir em famílias que passaram pelos grupos que vão se fortalecendo com a própria história através do brincar com a arte, se entregam e aos poucos vão assumindo que o que era frágil hoje é força no caminhar, e também, no brincar!

Palavras-chave: arte e diferença, brincar, fortalecimento de vínculo, modelo social; criatividade.

A arte na educação infantil e o conceito estético: entre formação e responsabilidade

*Daniela Farto Brugnerotto de Aguiar
Liana Arrais Serodio*

Resumo

O eixo 3 do Ciclo de Seminários da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Piracicaba propõe como tema “Artes e o Conceito Princípio Estético”, colocando em pauta o (des)envolvimento do senso estético e crítico por meio da arte na formação das crianças. Ao tratar da arte na Educação Infantil, não nos referimos à experiência de uma linguagem entre outras, mas um conhecimento sensível, relacional e ético, que envolve o corpo, a escuta, o gesto e a imaginação no mundo. A experiência estética não está separada da experiência de mundo. O modo como os adultos e as crianças se relacionam com os materiais, as cores, as melodias e os espaços revela uma maneira singular de pensar, sentir e construir significados para se relacionar no mundo. É nesse contexto que a arte na escola assume um papel significativo, afigurando o processo educativo do cotidiano vivido pelas crianças e também pelos adultos. Dialogando com Bakhtin (2003), especialmente sobre arte, ciência e vida, compreendemos que estes campos não devem estar separados ou unidos de forma mecânica. Para Bakhtin, a unidade entre esses domínios só é possível quando o sujeito os unifica com seu ato responsável, atravessando de forma ética a relação com outro sujeito. De certa maneira podemos dizer que o ético e o estético só existem porque há o outro que nos mobiliza no mundo. Assim, quando há vontade de saber, responsabilidade por aquilo que se vive, uma compreensão pode levar à criação. As diferentes linguagens da arte, nesse sentido, não podem se isentar dos valores da vida, assim como a vida não pode se eximir da qualidade da arte. Na prática pedagógica, o inegável compromisso da profissão com o conhecimento e, humano, com a vida nos desafia a repensar a função da arte na escola. Para tanto, busca-se, com a proposta do Ciclo de Seminários, refletir sobre as experiências estéticas vivenciadas nas escolas para construir outros sentidos, ao experimentar materiais, lidar com o inacabado e se reconhecer como sujeitos criadores, entre outros, também

criadores de outras obras. A arte na escola, nessa perspectiva, está vinculada à responsabilidade do educador: cabe a ele garantir diálogos para ampliar a relação da produção estética com a vida cultural, para que as propostas não sejam reduzidas a moldes prontos ou à reprodução de técnicas, mas que expressem o vivido e promovam escuta e autoria. O conceito estético está alinhado à qualidade da experiência, à potência da subjetividade, à forma que a criança e o modo como se envolve e se transforma a partir do que ele cria e vê o outro criar. A estética, aqui, é ética: implica compromisso com o que se propõe e com o modo como se convive com a arte na escola. Assim, refletir sobre arte e conceito estético na educação infantil é pensar na potência das linguagens das infâncias, é reconhecer que a arte deve atravessar o cotidiano escolar de forma viva, crítica e potente não como exceção, mas como parte constitutiva da experiência educativa na responsabilidade docente.

Palavras-chave: arte na escola, educação Infantil, estética.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade. In: **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. XXXIII-XXXIV

CAMPOS, Paulo Cesar de. **Arte na relação entre sujeitos no cotidiano escolar: narrativas de um professor bakhtiniano**. 2023. 1 recurso online (140 p.) Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/15668>. Acesso em: 6 jun. 2025.



Entre rios e raízes:
Arte Educação como
semente

**Um passo além do
provável**

EIXO 4

(processos diversos)

Materiais educativos sobre morcegos - Alterando a perspectiva através do conhecimento (Cartilha Morcegos e Vampiros: entre a ciência e a ficção)

*Vinicius Kenji De Moraes Sato
Andrea Coelho Lastória*

Resumo

O presente trabalho exhibe os resultados até o presente momento de um Projeto de Extensão sobre Educação Ambiental e materiais didáticos, desenvolvido desenvolvido no Departamento de Economia, Administração e Sociologia – LES, na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz – ESALQ, com financiamento pelo Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo – USP. O objetivo central do projeto é levantar, analisar e, principalmente, produzir materiais didáticos destinados a subsidiar processos de Educação Ambiental em contextos escolares. A ideia é desenvolver novos materiais didáticos para professores em atuação na Educação Básica e para estudantes em formação inicial, com intuito de promover a formação cidadã e a consciência socioambiental para escolares. O projeto prioriza a definição, a abrangência, os usos, a diversidade e as diversas concepções de materiais didáticos, incluindo sua relação com as novas tecnologias. Com abordagem qualitativa, focada no ensino-aprendizagem de noções e conteúdos de Educação Ambiental, o projeto envolve a Arte, numa perspectiva interdisciplinar. Vinculado ao Laboratório Didático de Licenciatura e Trabalho Docente da ESALQ – USP, o material produzido no projeto pode ser considerado artesanal e inédito. O material a ser abordado refere-se a uma cartilha nomeada “Morcegos e Vampiros: entre ciência e ficção”, apresentando relações e diferenças entre morcegos, mamíferos presentes no cotidiano da maioria das pessoas, e vampiros, clássicos vilões da cultura pop. A cartilha busca desmistificar noções populares sobre os morcegos, apresentando-os em comparação a figuras fictícias dos vampiros, demonstrando que esses animais se encontram distantes desses monstros, e, além disso, possuem importantes papéis nos ambientes em que habitam, promovendo assim tópicos inerentes a Educação Ambiental. Concomitante a isso, o material traça paralelos da mitologia dos vampiros com os morcegos reais,

utilizando de conceitos conhecidos sobre essas criaturas (como poderes) para elucidar características dos animais (neste caso, apresentando a habilidade do voo e ecolocalização como semelhantes a habilidades de vampiros). A cartilha conta com ilustrações inéditas apresentando espécies de morcegos locais, de ocorrência no estado de São Paulo e município de Piracicaba, apresentando características ecológicas e morfológicas desses animais, como *Desmodus rotundus*, *Artibeus lituratus* e *Myotis nigricans*, além de apresentar a figura dos vampiros em comparação aos morcegos. Trata-se de um material didático que busca cumprir com o objetivo do projeto que diz respeito a produzir novos materiais para a reflexão educativa sobre sustentabilidade, ressignificando uma Educação Ambiental Escolar. No presente projeto, morcegos são apresentados em uma nova luz, retirando-os da sombra do vampiro e colocando-os como parte fundamental da natureza, e consequentemente, da vida humana. Consideramos pertinente apresentar a citada cartilha, voltada para a temática da Educação Ambiental no contexto da localidade de Piracicaba- SP, no IV Congresso da OPAE: entre rios e raízes: Arte Educação como semente.

Palavras-chave: educação-ambiental, cartilha, morcegos, fauna, ficção.

Metamorfose Expressiva: observando e vivenciando o ensino de arte no Curso de Pedagogia

*Mirian Celeste Ferreira Dias Martins
Milena Gomes Ribeiro de Carvalho
Penelope da Silva Lima do Amaral*

Resumo

Viver a experiência da arte na formação inicial em Pedagogia é fundamental, mesmo com a carga horária limitada do curso. A partir de uma percepção ainda limitada da arte e de algumas leituras e experimentações, alcançam-se questões metodológicas que ganham profundidade ao se tornarem intervenções realizadas e compartilhadas. Compreender as metamorfoses expressivas envolve não apenas o conhecimento sensível alimentado por experiências estéticas, mas também perceber as transformações que ocorrem ao longo de um breve projeto pedagógico. As experiências provocadas e acompanhadas pela professora e vivenciadas pelas estudantes de Pedagogia Milena e Penélope revelam os desafios e descobertas da turma da disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de Arte, cursada no primeiro semestre de 2025. Milena, ao observar sensivelmente o interesse especial de uma criança com espectro autista em sua turma de cinco a seis anos, decidiu explorar o tema “espaço”. A turma já demonstrava interesse pelo assunto, mas o projeto potencializou essa curiosidade. Um cartaz com o universo gerou rodas de conversa sobre planetas, e um desenho de foguete o estímulo para que cada criança criasse seu próprio “espaço imaginado”. Ao final, os desenhos revelaram o que cada um absorveu do processo, com destaque para a felicidade geral e o envolvimento da criança autista — justamente a que inspirou o projeto. A escuta atenta dos interesses infantis e a valorização da inclusão oportunizaram uma experiência pedagógica rica, com participação ativa de todos. Já Penélope, encantada pela fábula musical Pedro e o Lobo de Prokofiev, criou um projeto com crianças de dois a três anos. A escuta da obra aconteceu em três momentos, sempre respeitando a atenção possível à faixa etária. Em diferentes contextos e ambientações de escuta, foi percebido um aumento significativo da atenção a cada audição, acompanhado por reações variadas,

conforme novos elementos eram inseridos para estimular a percepção e a curiosidade das crianças. A obra, pouco presente no repertório infantil, surpreendeu-as com seus acontecimentos, ritmos e timbres, despertando o vínculo entre som e narrativa. Ao final, diferentes instrumentos musicais foram apresentados, e as crianças recontaram a história à sua maneira, mobilizando tudo que vivenciaram dentro e fora da escola. Compreender a metamorfose expressiva vai além de entender o movimento da vivência artística infantil: é criar experiências estéticas a partir da escuta e observação sensível — como nos exemplos da inclusão de uma criança com autismo e da escuta infantil de uma música erudita. É também oferecer cores, formas, sons, ritmos e narrativas que revelam as sutilezas da linguagem artística, da materialidade por meio da experiência sensorial. Trata-se de sensibilizar os corpos e organizar tempos e espaços por meio de uma pedagogia da escuta, capaz de cultivar aprendizados potentes e interdisciplinares e viver o papel mediador de aproximar-se e aproximar a arte da vida.

Palavras-chave: educação infantil, arte, experiência sensorial, metamorfose expressiva, mediação cultural.

“Por dentro da Célula”: Abordando a dinâmica celular por meio de um jogo didático no Ensino Médio

*Beatriz Estevam
João Vitor Ferro Mazzei
Renan Fantine
Taitiany Karita Bonzanini*

Resumo

O ensino de Biologia Celular no Ensino Médio enfrenta desafios significativos devido à natureza abstrata do conteúdo, que opera em uma escala microscópica e, portanto, distante do cotidiano dos estudantes. A carência de recursos laboratoriais em muitas escolas e as abordagens tradicionais de ensino, que reduzem conteúdos a descrições isoladas, por exemplo, ao trabalhar célula são estudadas as organelas de forma individual, aprofundam ainda mais essa dificuldade, restringindo a assimilação da dinâmica integrada e simultânea dos processos celulares. Com o objetivo de minimizar essa fragmentação e também englobar o dinamismo celular, propomos o jogo didático “Por Dentro da Célula”, fundamentado nas teorias de Piaget (1978), que destaca o jogo como ferramenta de assimilação ativa por meio da experiência concreta; e de Vygotsky (2007), que enfatiza a importância da mediação social na Zona de Desenvolvimento Proximal, na qual o aluno, em colaboração com pares, atinge resultados mais elevados. O jogo foi desenvolvido para turmas do Ensino Médio e simula o funcionamento celular por meio de um tabuleiro representando uma célula animal; cartas de missão contextualizadas e com temas amplamente conhecidos, como secreção de insulina, alimentação e reprodução; itens celulares como ATP, mRNA e lipídeos; e perguntas de múltipla escolha que contemplam os conteúdos de biologia celular, incluindo questões sobre a estrutura e função das organelas. Os jogadores cumprem as missões ao percorrer rotas entre as organelas, respondendo questões coletivamente para adquirir os recursos necessários e avançar no processo celular. Dessa forma, o jogo promove o raciocínio lógico, trabalho em equipe e articulação dos conteúdos. O jogo foi aplicado no primeiro semestre de 2024 e em duas turmas de ensino médio de uma escola pública técnica do Estado de São Paulo,

um total de 72 estudantes. A aplicação possibilitou aprimorar as regras e modo de jogar, . Foi notório o elevado engajamento dos estudantes, inclusive daqueles com menor participação em aulas expositivas, além de facilitar a compreensão da interdependência entre as organelas. Concluímos que o jogo “Por Dentro da Célula” é capaz de aperfeiçoar a abordagem tradicional ao concretizar o abstrato e aproximar o conteúdo do cotidiano dos estudantes, favorecendo a visualização integrada dos processos celulares, proporcionando a construção de conhecimento acerca de conteúdos base como as funções das organelas, e promovendo aprendizagens significativas por meio da cooperação entre os estudantes.

Palavras-chave: jogo educativo, dinâmica celular, abordagem lúdica, ensino de ciências.

Gruda! Processos educativos cartográficos em artes visuais

Livia Dotto Martucci

Resumo

O artigo é a pesquisa-intervenção das cartografias poéticas da curadoria, das ações educativas e do material didático de arte/educação do Gruda! Arte Pública, como também a caracterização de processos de ensino/aprendizagem e criação em artes visuais a partir de seus Mapas Poéticos Pedagógicos. Para tal, elencamos três pistas para nos guiar no trabalho da pesquisa: pista 01. Do Grude ao Gruda! pesquisas autônomas e intervenções sociais por meio das artes visuais, educação, culturas colaborativas, circuitos/redes e arte urbana; pista 2. Da curadoria à cartografia: percurso vivencial de transmutação entre a produtora, educadora e curadora para a pesquisadora e vice-versa; e pista 3. Processos educativos cartográficos em artes visuais: a descoberta da curadora-cartógrafa. É uma pesquisa qualitativa com análises e reflexões associadas ao pensamento pós-estruturalista por meio da perspectiva metodológica cartográfica (Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia), com procedimentos técnicos bibliográficos e exploratórios. No primeiro momento, caracterizamos as origens e conceitos dos processos de produções artísticas e culturais nos quais a curadora-cartógrafa fez sua experiência para a criação e execução dos objetivos traçados. André Mesquita (2008), Claudia Paim (2009) e Rebecca Solnit (2016) cartografaram, respectivamente, a arte ativista e as ações coletivas, os coletivos e iniciativas coletivas e a história do caminhar das mulheres em espaços públicos. Seguindo para o segundo momento, percorremos os traços e pontos da curadoria ao encontro com a cartografia. Trouxemos pesquisadores como Ivair Reinaldim (2015), Cauê Alves (2010), Cristiana Tejo (2010), Lisete Lagnado (2008), Ivo Mesquita (1993) e Jens Hoffmann (2017) para dialogarmos sobre arte contemporânea e o papel da curadoria. Denise Milan (1998) e Flávio Motta (1977) nos pontuam sobre a cidade e a arte pública. Tony Buzan (2009) nos mostra mais sobre a eficiência dos mapas mentais e Luciano Bedin da Costa (2014). Ingressamos então no terceiro momento, com a cartografia se entrelaçando com o método Paulo Freire

(2016 e 2005), com a Educação Multicultural e com as práticas do caminhar e suas pedagogias, focando nas derivas. Os Mapas Poéticos Pedagógicos do Gruda! e suas reverberações enquanto propostas para práticas pedagógicas, nos auxiliam a caracterizar os processos de ensino/aprendizagem e criação em artes visuais, por meio de ações de formação de professores e de práticas no ensino fundamental e no ensino superior. Para este momento utilizamos o apoio de Johnny Alvarez, Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros (2020) para adensarmo-nos ainda mais na cartografia, como método de pesquisa-intervenção e como território existencial. Ivo Mesquita (1993) , vem nos iluminar com a sua conceituação de curadora-cartógrafa, que nos coube perfeitamente para a apropriação do papel da pesquisadora diante da pesquisa. Paulo Freire nos encanta e nos traz as palavras geradoras. Adentrando nos caminhos da arte/educação, Rejane Coutinho (2011) nos guia na formação de professores e Ivone Mendes Richter (2011) sobre multiculturalidade. Já Verônica Veloso (2021) embasou encantadoramente nossas práticas educativas.

Palavras-chave: cartografia, curadoria, artes visuais, material didático, arte/educação, coletivos.

A dança no mundo animal: musicalidade e movimento como ferramentas para o Ensino de Ciências

*Giulia Nunes de Aguiar Souto
Anna Beatriz Queiroz Di Souza
Isabella de Freitas Bento
Carolina Pacchioni Monteiro
Taitiany Karita Bonzanini*

Resumo

Este trabalho discute uma atividade didática que demonstra como a integração entre Arte e Ciências contribui para a aprendizagem de conceitos científicos e a sensibilização ambiental, aproximando o saber escolar das vivências e curiosidades dos alunos. A partir da linguagem musical e corporal, que estimulam a criatividade e a liberdade artística, este trabalho buscou favorecer uma compreensão mais abrangente sobre as características dos seres vivos e as relações que estabelecem com o meio ambiente, desenvolvendo uma aula mais dinâmica e motivadora. Para tanto, estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, de uma Universidade Pública do Estado de São Paulo, foram orientadas, no decorrer de uma disciplina curricular, a planejarem atividades didáticas que relacionassem Arte e Ciências para o exercício do estágio curricular supervisionado obrigatório. Sendo assim, foi organizada uma atividade com duração de 100 minutos para o estudo dos seres vivos, envolvendo música e dança, tendo como participantes 60 alunos do 2º ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública estadual. Considerando a faixa etária da turma e o tema escolhido, foi selecionada a música Ciranda dos Bichos, da dupla Palavra Cantada, lançada em 2013, por possuir uma melodia simples e instrutiva, que narra comportamentos e características dos animais. O objetivo da atividade foi o de contextualizar os diversos movimentos no reino animal com seus diferentes modos de vida (terrestre, aquático e aéreo). Para isso, inicialmente, os estudantes foram incentivados à movimentação rítmica com movimentos livres, embalados pela melodia da música exibida em aula. Em seguida, foi provocada uma discussão, com a mediação das licenciandas que conduziam a atividade, sobre as características tanto dos animais que foram citados na música, quanto de outros não

abordados pela canção. Foram também exibidos vídeos para exemplificar como os animais citados na atividade se locomoviam, e a dança foi incluída para discutir as motivações e efeitos do movimento utilizado como estratégia de corte no reino animal. A partir disso, os estudantes foram incentivados a apresentarem seus próprios conhecimentos e compreensões sobre como os animais viviam na natureza e seu papel no meio ambiente, ocorrendo também intervenções didáticas das licenciandas, para que pudessem somar à discussão conhecimentos científicos. A experiência revelou que as aulas de Ciências podem ser contextualizadas através da arte e, assim, estimular diferentes áreas do desenvolvimento infantil, como a cognitiva, motora, socioafetiva e a artística. Foi possível observar que a dança promoveu tanto a compreensão quanto a participação e o protagonismo dos alunos na construção de conhecimentos, já que a turma mostrou-se motivada em expressar-se verbalmente após a movimentação corporal, compartilhando e construindo saberes. Esses resultados indicam que a relação Arte e Ciência favorece a criação de espaços positivos de interação e educação, incentivando um olhar mais consciente e cuidadoso para o ambiente e os seres vivos.

Palavras-chave: arte-educação, expressão corporal, música, interdisciplinaridade, meio ambiente, metodologias ativas.

Cultura Oceânica com Minecraft®: arte e ludicidade

*Maxine Mitie Machado Ishizaki
Larissa Barcelos Plaques
Anderson Victor dos Santos
Levi De Zen Itepan
Rosebelly Nunes Marques*

Resumo

Declarada em 2017 pela Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), a Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030) busca promover a produção de conhecimento e divulgação científica em virtude das mudanças climáticas que afetam os oceanos. A inserção de conteúdos presentes no Currículo Azul, que deriva de uma Proposta de Lei para inserção da Cultura Oceânica no currículo escolar de todo o país, auxilia não apenas em práticas envolvendo a educação ambiental, mas traz para o debate o papel do cidadão na preservação e conservação dos oceanos e dos recursos naturais nas zonas costeiras. O uso de recursos didáticos pode melhorar a apresentação desses conteúdos na educação formal e não formal, considerando-se que grande parte da população brasileira não tem contato direto com o oceano. O presente trabalho propõe um mergulho artístico-educativo na Cultura Oceânica por meio da confecção manual de elementos inspirados no universo pixelizado do jogo virtual Minecraft®, buscando de forma lúdica e sensível, aproximar o público de conteúdos científicos e dos impactos que as mudanças climáticas provocam na vida marinha. Para que os efeitos das mudanças climáticas sobre os ecossistemas marinhos se tornem mais compreensíveis, foram selecionados seres vivos associados à este habitat, como as tartarugas-marinhas, que podem migrar milhares de quilômetros para retornar à terra para depositar seus ovos. Com o aumento da temperatura, elas correm risco de um desequilíbrio na proporção entre machos e fêmeas, comprometendo a sua reprodução. Já os corais formam estruturas vivas conhecidas como recifes que sustentam uma grande biodiversidade. Estes animais estão associados a dinoflagelados do gênero *Symbiodinium*, uma relação simbiótica em que os corais obtêm a maior parte da sua nutrição por meio da

fotossíntese. Com o aquecimento dos oceanos, os corais expõem esses organismos, processo conhecido como branqueamento, tornando-se mais frágeis e suscetíveis à morte, colocando em risco todo o ecossistema que suportam. Para tornar todas essas questões compreensíveis de forma mais acessível, foram selecionados alguns elementos presentes no jogo Minecraft®, como a tartaruga-marinha, os ovos de tartaruga-marinha e corais de diferentes cores. A confecção dos materiais teve início com a extração das texturas dos arquivos do jogo, redimensionadas e adaptadas para compor modelos tridimensionais, garantindo fidelidade ao conteúdo base e a viabilidade da montagem. O processo envolveu etapas de impressão, recorte, plastificação e construção utilizando materiais acessíveis, reforçando a proposta de um recurso pedagógico democrático e replicável em diferentes espaços educativos. Ao todo, foram confeccionados dezesseis modelos tridimensionais que despertam reconhecimento e interesse, especialmente em jovens, familiarizados com o estilo visual do Minecraft®, que atua como uma linguagem de entrada, gerando vínculos afetivos com o conteúdo e abrindo caminho para aprendizagens mais profundas. Essa conexão entre o virtual e o material torna a experiência mais lúdica e envolvente do que uma explicação formal sobre a Cultura Oceânica e mudanças climáticas, sendo nesses espaços que unem aprendizado e afetividade que o conhecimento se firma e se consolida.

Palavras-chave: mudanças climáticas, educação ambiental, recurso didático.

Oficina de jogos com foco no ensino e na saúde mental

*Gustavo Lopes da Silva
Déborah Mikaela Ferreira
Levi De Zen Itepan
Rosebelly Nunes Marques*

Resumo

Os jogos se fazem presentes desde muito cedo na vida humana, desde as primeiras brincadeiras até os processos complementares na aprendizagem lúdica e eficiente, nos diferentes níveis de ensino. As atividades lúdicas no ambiente educacional visam proporcionar a integração, a diversão e a cooperação, estimulando o raciocínio lógico, promovendo a saúde mental e o bem-estar dos estudantes. Nesse contexto, o Centro de Referência em Ensino de Ciências da Natureza (CRECIN), objetiva o ensino de ciências da natureza, por meio da elaboração e aplicação de jogos. Assim, este trabalho tem por objetivo apresentar o desenvolvimento de oficinas de jogos para alunos de graduação e de pós-graduação em um ambiente universitário, com a finalidade de demonstrar a importância deste tipo de inserção no ensino como recurso didático, bem como ofertar momentos de descontração dos alunos. O planejamento das ações se dividiu em etapas, sendo a primeira a análise da dimensão dos espaços, como salas de aula e ambientes de convívio, mapeando mesas, cadeiras, o conforto dos jogadores e as possibilidades para alocar os materiais. Quanto aos jogos, foram elencadas produções comerciais e autorais do grupo CRECIN, utilizando-as em momentos de estudo sobre a compreensão de formas, de texturas e de regras aplicadas, possibilitando a inclusão e acessibilidade. A seleção dos jogos focou em estimular o raciocínio dos estudantes por meio da leitura e do estudo das mecânicas, utilizados para aprendizagem, possibilitando uma maior abrangência de temas associados às áreas de atuação dentro da universidade. Ao todo, foram oferecidos 14 jogos em 3 momentos para estudantes de graduação (licenciatura em Ciências Agrárias, Licenciatura em Ciências Biológicas, Engenharia Agrônoma, Engenharia Florestal, Gestão Ambiental, Ciências Econômicas, Administração e Ciências Biológicas), e para alunos de diversos programas de pós-graduação, abrangendo

temas como agricultura familiar, controle de ervas daninhas, gestão de recursos hídricos, fotossíntese e ecossistemas, astronomia, geleiras, dentre outros. Deste modo, as oficinas proporcionaram aos estudantes momentos para obtenção de conhecimento, além de resolução de problemas, competição saudável, trabalho em equipe e estímulo da criatividade e cooperação, possibilitando aos estudantes alternativas na transposição do conhecimento para futuras oportunidades na área da docência. Em relação à saúde mental, os momentos de diversão e entretenimento promoveram a interação, o sentimento de pertencimento e o bem estar ao obterem bons resultados e vencerem desafios. As oficinas despertaram o interesse dos alunos, engajando a participação ativa, fornecendo indícios de que essa abordagem apresenta uma melhor interação e dinâmica entre os participantes, criando um ambiente mais saudável, tranquilo e promovendo uma aprendizagem eficiente e significativa.

Palavras-chave: jogos de tabuleiro, atividades lúdicas, bem-estar.

Arte e inclusão: elaboração de recursos didáticos para o ensino de astronomia utilizando materiais táteis

*Maria Rita Gomes Da Silva
Vitória de Oliveira Filgueiras
Larissa Barcelos Plaques
Maxine Mitie Machado Ishizaki
Robert Marcio Calazans Junior
Rosebelly Nunes Marques*

Resumo

A aplicação de atividades lúdicas e interdisciplinares é essencial na prática pedagógica do ensino de ciências. Porém, a área de ciências da natureza ainda apresenta desafios no desenvolvimento de materiais que levem em consideração as questões de inclusão, visando uma prática pedagógica abrangente como, por exemplo, para pessoas com baixa visão ou cegas. Neste ponto, o ensino de astronomia, muitas vezes baseado em observações e uso de ferramentas ópticas, demanda materiais acessíveis, tanto em espaços formais quanto não formais como museus, centros de ciências e observatórios. Assim, a transposição de conteúdos para formatos acessíveis ainda esbarra em dificuldades de elaboração ou falta de experiência. Considerando isso, este projeto une a arte e astronomia na confecção de materiais táteis que podem ser utilizados em salas de aula e espaços não formais, somando acessibilidade e criatividade ao conteúdo científico, e contribuindo para uma educação mais equitativa e sensível. A pesquisa buscou por produções, conteúdos, modelos de jogos educativos, dados sobre acessibilidade e práticas pedagógicas inclusivas. Para isso, foram consultados artigos acadêmicos, publicações especializadas nas áreas de educação, astronomia e inclusão, além de materiais elaborados por instituições dedicadas à divulgação científica e ao ensino acessível. Essas referências serviram de base para selecionar quais informações seriam utilizadas na construção dos conteúdos e na escolha dos materiais e abordagens mais adequadas para o público-alvo. Assim, o recurso didático foi fundamentado na linguagem sensorial como meio de aprendizagem, utilizando de materiais acessíveis como forma de simplificar o processo de produção. Composto por oito painéis táteis

confeccionados em placas de madeira com estruturas compostas por isopor, cola e barbante, são representadas as quatro fases da Lua e quatro constelações (Pégaso, Câncer, Ursa Menor, Cruzeiro do Sul). Para cada fase lunar foi modelado um relevo diferente, permitindo que os estudantes, sem observar, interajam por meio do tato e percebam as mudanças não apenas do formato da Lua ao longo do ciclo lunar, mas também que diferenciem os modelos, como o caso das fases cheia e nova. Para as constelações, linhas de barbante foram coladas a pequenas esferas de isopor, resultando no desenho destas, como os modelos trabalhados nas observações do céu noturno, que instigam a imaginação para se entender o formato de cada agrupamento estelar. Dessa forma, este trabalho demonstra a união de ciência, arte e inclusão em uma proposta didática acessível e sensível às diversas formas de aprendizagem. Com materiais simples e de baixo custo, é possível ampliar o acesso ao conhecimento científico para além das barreiras visuais, por meio do tato e da imaginação, favorecendo uma experiência de ensino mais rica e acolhedora. Iniciativas como esta reforçam a importância de repensar práticas tradicionais e propõem um olhar mais humanizado e criativo sobre o ensino de astronomia, incentivando educadores a adotarem abordagens mais inclusivas e interdisciplinares.

Palavras-chave: acessibilidade, interdisciplinaridade, corpos celestes.

Geleiras em Jogo: uma expansão de AcquaQuest no ensino lúdico da água

*Monise Brotto dos Santos
Charles Albert Medeiros
Levi De Zen Itepan
Rosebelly Nunes Marques*

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma expansão temática do jogo didático AcquaQuest, inspirado no Quest® da Grow Jogos e Brinquedos Ltda., cuja proposta é apoiar os professores na socialização de conteúdos específicos, ampliando o leque de possibilidades pedagógicas para mediação do tema “água”, e estimulando o processo de ensino-aprendizagem e as habilidades cognitivas dos estudantes por meio do lúdico. O jogo foi desenvolvido baseando-se nos princípios da aprendizagem ativa e significativa, que é facilitada pelo aspecto atrativo, divertido e motivador dos jogos de tabuleiro modernos. Possuindo mecânica de perguntas e respostas, AcquaQuest é destinado aos anos finais do Ensino Fundamental e foi elaborado para permitir sua aplicação híbrida (remoto e presencial), podendo ser utilizado como ferramenta de revisão, diagnóstico, reforço ou avaliação formativa. São necessários um mínimo de 2 e um máximo de 6 jogadores; porém, é possível dividir os participantes em equipes de até 3 jogadores, atribuindo um peão a cada equipe. Dessa forma, além do modelo competitivo, adiciona-se o aspecto cooperativo, no qual cada integrante da equipe de jogadores deve dialogar com os demais, estimulando o debate de ideias, e chegar a um consenso quanto à resposta apresentada. O objetivo do jogo consiste em atravessar todo o tabuleiro antes dos demais jogadores. Para isso, cada participante deve responder corretamente às perguntas das cartas e quantificar a confiança de sua resposta utilizando a ficha de aposta. O primeiro jogador ou equipe que chegar à casa "FIM" no tabuleiro, vence. A construção do jogo original se deu por meio da ferramenta Canva®, sendo composto por 1 tabuleiro, 6 peões, 1 ficha de aposta, 90 cartas de perguntas e 5 cartas de desafio. A expansão apresentada nesta versão do jogo contará com 30 cartas e incorporará o universo das geleiras,

conectando o conteúdo escolar às questões urgentes da atualidade e ampliando o repertório de assuntos que podem ser explorados em sala de aula, permitindo que tópicos relacionados à água no contexto das mudanças climáticas e da importância dos ecossistemas gelados para a manutenção do equilíbrio ambiental, sejam abordados. Além disso, reforça o compromisso com a articulação entre os conteúdos curriculares e os temas da contemporaneidade, como a preservação da água e a crise climática, principalmente no contexto em que a Organização da Nações Unidas declaram 2025 como o 'Ano Internacional da Preservação das Geleiras', aumentando a conscientização global sobre a importância crítica das geleiras e da neve no ciclo hidrológico e no sistema climático. Dessa forma, AcquaQuest: Geleiras em Jogo se apresenta não apenas como uma expansão que amplia o universo do jogo, mas também como uma possibilidade pedagógica que contribui para o fortalecimento de práticas educativas interativas, contextualizadas e significativas, apoiando os professores na mediação de conteúdos específicos de forma dinâmica e criativa.

Palavras-chave: instrumentos educativos, jogos didáticos, ensino fundamental.

Arte para o estudo da chuva: uma proposta para o Ensino de Ciências

*Taitiany Karita Bonzanini
Marcia Regina Balbino*

Resumo

Envolvendo a Ciência e a Arte, elaborou-se uma Sequência Didática (SD) – disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/976> - embasada na estratégia didática Aprendizagem Centrada em Eventos (ACE) que focaliza a chuva como um motivador de múltiplas aprendizagens para trabalhar a temática água como conteúdo curricular na Educação Básica. O material, de caráter interdisciplinar, sugere a inserção da didática multissensorial como proposta educacional, visando possibilitar aos alunos reconhecer o mesmo fenômeno por diferentes sentidos e ampliar as informações científicas do meio natural. Nesse sentido, buscou-se materiais que pudesse sensibilizar os estudantes para o estudo da temática, selecionando-se filmes, obras de arte, fotografias, músicas, literatura, poemas etc. Esta busca objetivou sugerir recursos diversificados para tratar o tema em questão, facilitando e motivando o aprendizado. A Sequência Didática, composta por dez atividades, inicia “pelas subjetividades (percepções, sensações, interpretações), para favorecer um olhar mais atento para a chuva. (...) Percorre o conceito de chuva, de precipitação, de nuvem e por outros que se relacionam a estes, e que buscam favorecer a compreensão de como ocorre o processo de formação e ocorrência deste fenômeno” (BALBINO, 2023, p. 15). Nesse sentido, a SD apresenta sugestões que vão desde a construção de um Taumatópio, como obras “Marinha - Estudo com nuvem de chuva” de John Constable; A beleza da chuva - Leonid Afremov; “Belle-Ile, Efeito de Chuva” - Claude Monet; “Chuva em Etretat” - Claude Monet; “Chuva” e “Ponte na Chuva” – Vincent van Gogh, com sugestões de questões investigativas sobre a forma pela qual a chuva é retratada nas obras, os elementos que representam uma chuva mais calma, ou mais forte (cores utilizadas, traçado), conhecimento de outras obras que retratam a chuva ou destes artistas, as diferenças principais entre as obras apresentadas e as semelhanças destas com a realidade,

incentivando os estudantes a também retratarem suas impressões sobre a chuva. A obra “A coleta da neblina” de Brígida Baltar, também foi apresentada quando trabalhado os conceitos de nuvem, e a diferenciação entre névoa e vapor d’água. Músicas como “Chuva No Brejo”, do compositor Moraes Moreira e “Oh, Chuva” de Luis Carlinhos, assim como cenas do filme “Cantando na chuva” (Direção: Stanley Donen, Gene Kelly) também estão presentes na proposta didática. Segundo Araújo-Jorge (2007) combinar arte com a ciência como parte de uma estratégia pedagógica possibilitam o desenvolvimento de novas intuições e compreensões. Ainda segundo a autora, a arte precisa ser incluída na educação científica não apenas para tornar as coisas mais belas, mas porque a arte nos auxilia a observar e apreciar coisas da natureza que aprendemos a ignorar e/ou não nos ensinaram a ver. A autora ainda afirma que a arte e a ciência “são necessárias para o completo entendimento da natureza e de seus efeitos nas pessoas” (p. s/nº), contribuindo para o alcance dos objetivos da SD, que ao ser avaliada por professores, foi considerada favorecedora de práticas motivadoras e facilitadora da aprendizagem.

Palavras-chave: arte, ciências ambientais, água, sequência didática.

Água Educast: os podcasts como ferramenta educacional para a gestão dos recursos hídricos

*Murilo Ferreira de Sant'Anna
Taitiany Karita Bonzanini*

Resumo

Nesse artigo relatamos parte dos resultados obtidos com uma pesquisa de mestrado, intitulada “Vozerio da Água: o uso de podcasts para ensino e aprendizagem sobre gestão de recursos hídricos”, junto ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (ProfCiamb), associada da Universidade de São Paulo (USP), finalizada em 2024, que investigou as demandas, desafios e possibilidades do uso de podcasts por professores do Ensino Básico como ferramenta didática para fomentar discussões sobre a gestão da água e seus impactos à sociedade. Discute-se, nesse artigo, o potencial dos podcasts como uma forma de arte, à medida que pode ser utilizado para: criação de conteúdo, realizar uma narrativa e promover interação com um determinado público. A metodologia da pesquisa envolveu a constituição de um grupo focal, composto por 15 professores do Ensino Básico, que participam do Projeto “Gota d’Água”, promovido pelo Consórcio Intermunicipal das Bacias Hidrográficas dos Rios Piracicaba Capivari e Jundiá (Consórcio PCJ), sobre o uso pedagógico das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e os conhecimentos dos participantes sobre podcasts. A análise dos dados contribuiu para a elaboração de um material didático educacional, o “Água Educast”, em formato digital, composto por sete episódios de podcasts e materiais complementares de apoio, como textos e vídeos. Este material articula arte e educação pois envolveu: 1. Criação de conteúdo a partir de processos que envolveram uma expressão criativa: seleção de temas para os episódios, a elaboração do roteiro para a produção, a escolha de vozes e sons, a edição do material de áudio; 2. Elaboração de uma narrativa artística: seleção de formas para apresentar os temas dos episódios, de formas de interação entre os participantes ou como o narrador se apresenta, e a relação delas com os sons escolhidos; 3. Interação com um determinado público: cuidados com o tipo de conexão

a ser estabelecida com o ouvinte, para que se sinta atraído pelos temas tratados, ou até possa sentir-se convidado a participar da conversa e, principalmente, dada a natureza e objetivo do podcast elaborado, leve-o a refletir sobre os temas abordados e a se envolver cognitivamente com a narrativa apresentada. Os resultados da pesquisa apontam que os podcasts podem configurar uma ferramenta didática que articula arte e educação, seu uso ou produção requer envolvimento intelectual com as técnicas dessa arte, somadas a conhecimentos específicos que, nessa pesquisa, envolveram um recurso precioso: a Água. Além disso, os episódios, assim como os rios, carregam conhecimentos e, assim como sementes, ao serem ouvidos podem germinar e frutificar em novas construções de conhecimentos e reinterpretações sobre a relação humano e ambiente; provocam o pensamento crítico, de uma forma sensível e única, em prol da promoção de transformações ecológicas e sociais.

Palavras-chave: podcasts, gestão hídrica, educomunicação, educação básica.



Entre rios e raízes:
Arte Educação como
semente

"Correndo" sobre as águas férteis

EIXO 5

(ações e práticas)

A Ocupação Ana Mae Barbosa e as Ativações OPAE: uma experiência colaborativa entre arte, educação e instituições culturais

Pio de Sousa Santana

Resumo

Este artigo relata e analisa a experiência de parceria colaborativa entre o Itaú Cultural e a Organização Paulista de Arte-Educação (OPAE) no contexto da Ocupação Ana Mae Barbosa, realizada em 2025, na cidade de São Paulo. A partir da curadoria e coordenação de quatro ativações artístico-pedagógicas integradas à programação da ocupação, proponho uma reflexão crítica sobre os modos de ativar o legado de Ana Mae Barbosa na contemporaneidade. As ações, concebidas em diálogo com os fundamentos da Abordagem Triangular, envolveram artistas/professores de diversas linguagens – artes visuais, dança, teatro e música – em práticas colaborativas com o público. O artigo discute como essas ativações funcionaram como dispositivos de experiência, escuta e memória, mobilizando o pensamento relacional, a pedagogia sensível e o entrelaçamento entre arte contemporânea, formação docente e mediação cultural.

Palavras-chave: arte-educação, práticas colaborativas, mediação cultural.

Cartografias culturais: a experiência do passaporte cultural no ensino de arte em Lençóis Paulista/sp

*Márcio Antônio Roda De Oliveira
Eliane Patricia Grandini Serrano*

Resumo

Este trabalho apresenta uma proposta pedagógica que visa estreitar as relações entre escola, cultura e cidade, por meio da criação do Passaporte Cultural no município de Lençóis Paulista/SP. A iniciativa busca ampliar o acesso de estudantes da rede pública aos equipamentos culturais locais, valorizando a experiência estética como parte fundamental da formação cidadã. A proposta fundamenta-se na Abordagem Triangular (Barbosa, 2010) e no pensamento freiriano (Freire, 1996), compreendendo a educação como prática dialógica, crítica e transformadora. A metodologia envolve a elaboração de uma cartografia dos espaços culturais da cidade, incluindo levantamento fotográfico, visitas mediadas, entrevistas com agentes culturais e construção de fichas técnicas dos espaços. O Passaporte Cultural atua como dispositivo mediador, organizando percursos culturais e incentivando o registro das experiências vivenciadas pelos estudantes. A proposta se desdobra em três momentos pedagógicos: contextualização e reconhecimento dos espaços culturais; apreciação por meio de visitas orientadas e intervenções artístico-pedagógicas; e produção, reflexão e ressignificação das experiências vividas. Ao promover o contato direto dos estudantes com a cultura local, amplia-se a percepção sobre o território, fomenta-se a memória coletiva e fortalece-se o desenvolvimento de um olhar sensível e crítico sobre o mundo. Assim, a escola atua como elo entre os sujeitos e os bens culturais, potencializando aprendizagens que ultrapassam os muros escolares e se expandem para a vida. Este estudo evidencia que percursos culturais, quando mediados de forma intencional, contribuem para a formação de sujeitos mais conscientes, participativos e sensíveis às expressões culturais de seu entorno.

Palavras-chave: arte educação, cultura, percurso cultural, abordagem triangular, formação cidadã.

Práticas artísticas e ética animalista na experiência da Coletiva Animalia

Carla Santana Soares Bulcão

Resumo

O trabalho apresenta reflexões teórico-práticas sobre a atuação da Coletiva Animalia, grupo formado por artistas-pesquisadores que desenvolvem ações no campo da arte contemporânea, da ética animalista e das relações multiespécies. A pesquisa parte da pergunta: como práticas artísticas ativistas podem operar como dispositivos educativos em direção a uma pedagogia não antropocêntrica? O objetivo central do trabalho é compreender de que forma essas práticas contribuem para a construção de uma arte-educação sensível às urgências éticas do presente. Como objetivos específicos, propomos mapear as estratégias visuais e performativas desenvolvidas pela Coletiva Animalia; refletir sobre sua inserção crítica no campo das pedagogias não hegemônicas e das que valorizam a coexistência entre espécies; e discutir a potência educativa de ações artísticas realizadas em espaços públicos. A hipótese que orienta o trabalho é a de que, ao deslocar a centralidade humana e propor experiências de relação com o outro — humano e não humano —, as ações da Coletiva produzem fabulações éticas que operam como sementes de transformação pedagógica. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e o uso de metodologias interdisciplinares. O referencial teórico articula autores como Donna Haraway (2021), Vinciane Despret (2024), Corine Pelluchon (2024), Olga Pombo (2008), Paulo Freire (2022) e Ailton Krenak (2022), buscando dialogar com perspectivas que desafiam as separações modernas entre natureza e cultura, sujeito e animalidade, estética e política. Os resultados parciais indicam que a Coletiva Animalia, ao atuar por meio de performances, instalações e ações gráficas, amplia o campo da arte-educação ao promover uma escuta atenta ao que é frequentemente invisibilizado: os corpos não humanos, os ruídos urbanos, os restos e as margens. Em alinhamento com o tema do ConOPAE 2025, propomos pensar a arte como gesto que semeia vínculos afetivos

e éticos com o mundo, abrindo caminhos para uma educação comprometida com a vida em sua diversidade.

Palavras-chave: arte contemporânea, ética animalista, relações multiespécies, pedagogia não antropocêntrica, práticas performativas.

Entre o cotidiano e o extraordinário: O Jogo de Improviso como caminho formativo crítico no ensino de Teatro nos Anos Iniciais.

Francisco Souza Da Silva

Resumo

A construção de novas possibilidades de aprendizagem para desenvolver autonomia e emancipação, em contrapartida aos esquemas de atividades automatizadas e autoritárias que descaracterizam o saber e o fazer artístico em seu potencial transformador. A reflexão que proponho neste artigo tem como base as análises realizadas, a partir do trabalho de campo e estudos teóricos sobre ensino de Teatro, especificamente com duas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (2º ano), que fazem parte da pesquisa de mestrado realizada junto ao Programa em Rede Nacional de Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES), no Instituto de Artes da UNESP-SP. A partir das noções de jogo de Huizinga (2018), Caillois (1990) e Joana Lopes (2017) buscou-se compreender como imaginário e realidade podem se encontrar na formação artística e social de crianças, em um momento liminar que mistura o real e um outro lugar extra cotidiano, que permite ser e viver situações desejadas ou conhecidas, mas que não vivenciaram de fato. Por meio da observação-participante, o professor-artista-pesquisador reinventa seu lugar no processo de aprendizagem, compreendendo como deve agir para propor vivências emancipatórias, compreendendo a criança como sujeito histórico que reflete e atua ativamente na construção da realidade. Os jogos são atividades que seguem regras assumidas pelos integrantes do grupo, e que podem ser alteradas por ele, contudo a existência de regras definidas previamente é obrigatória. Estas servem para que os jogadores entendam os limites e possibilidades para desenvolver o jogo. O jogo é uma situação temporária, que ocorre em determinado tempo e espaço, e apesar do caráter de divertimento não deve ser considerado que é praticado sem seriedade, tendo em vista, que a seriedade é tratada como algo com valor produtivo, o jogo também é atividade humana. Crianças e adultos estão no mesmo mundo, compartilhando coisas, confrontando ideias, sentindo e questionando, procurando respostas, porém

com ferramentas diferentes para viver e interpretar os espaços e as relações. As crianças escutam as conversas dos adultos, assistem (ou ouvem) os noticiários televisivos, leem e veem as manchetes das revistas nas bancas de jornais, enquanto passam acompanhadas de seus pais, veem os “memes” e as publicações nas redes sociais, dessa forma, possuem um leque de informações que precisam ser processadas e interpretadas. A pesquisa evidencia que os jogos de improvisação teatral, aliados a rodas de conversa, funcionaram como dispositivos pedagógicos capazes de ativar reflexões sobre temas diversos, expressando questões oriundas do repertório sociocultural das crianças. As cenas criadas geraram novos questionamentos e ampliaram os olhares sobre as temáticas abordadas, reafirmando o jogo como uma atividade humana séria e significativa, que favorece a escuta, a criação e a atuação crítica das crianças.

Palavras-chave: ensino de teatro, anos iniciais, jogo de improvisação, emancipação.

Modelo Vivo colaborativo como performance e sua potência para ensaiar novas percepções

*Sérgio Silva Costa Júnior
Helena Tavares Coutinho Pinto da Silva
Camila Reginaldo Johansen Longo*

Resumo

Este trabalho discute o processo artístico e performático, em caráter coletivo, das oficinas de modelo vivo colaborativo realizadas regularmente por um grupo de estudantes de arte de uma universidade pública. Tendo como base estudos da relação de corpo e espaço com foco em autonomia e contracolonialidade, a discussão ocorre em relação a concepções de jogo performático e câmbio de papéis entre pessoa que desenha e pessoa que posa como uma característica intrínseca ao formato colaborativo de uma oficina de modelo vivo. O ponto de partida é a construção de um espaço coletivo que busca dar a ver e permitir todas as potencialidades da percepção corporal do grupo ampliando-as para além do sentido da visão, onde o desenho se torna não o motivo fundador dos encontros, mas um de seus registros dentro do jogo performático coletivo que está em constante construção. Nesse sentido, todos os corpos presentes na oficina integram o espaço performático de forma horizontal, junto com demais objetos, cheiros, sons e conversas, a performance deixa de se limitar aos corpos humanos e passa a ter uma concepção expandida de relação e percepção inter-corpórea e extra-corpórea. Um dos objetivos das oficinas se torna então uma reflexão e um tensionamento do que é autorizado ao corpo fazer e ver, dentro das ações performativas que permeiam a oficina. Se busca refletir e reelaborar os papéis assumidos a partir dos gestos que cada um dos corpos cria durante os encontros, desde os corpos-performers, aos corpos-desenho e corpos-observadores. Dentro de tal espaço é onde a performance é capaz de suspender os dispositivos de regulação corporal coloniais operantes e fundar outros novos que tenham como finalidade a exploração poética como um ensaio para outros rituais protocolares de sensorialidade, promovendo novas formas de perceber a si, ao grupo e aos espaços. Assim, o espaço colaborativo do modelo vivo extrapola os limites do ateliê e integra os corpos

presentes na performance com o entorno, ampliando a dinâmica perceptiva da performance.

Palavras-chave: performance, educação, modelo-vivo.

O saber-fazer dos ofícios manuais: uma proposta de educação contra a alienação do trabalho abstrato

Caio Netto dos Santos

Resumo

Este estudo investiga o potencial pedagógico em oficinas de marcenaria que tem como foco o resgate do trabalho concreto combativo à alienação gerada pelo trabalho abstrato (Marx, 2024). Assim, buscamos evidenciar como a educação pelas artes, ofícios manuais e processos conscientes de criação podem instaurar uma consciência produtiva no sujeito outrora reduzida pelos trabalhos reproduzidos mediante repetições alienantes no capital contemporâneo. Parte-se da premissa de que a venda da mão-de-obra ao capital – intensificada pela racionalização técnica, divisão e consequente alienação de tarefas – dissocia o trabalhador do produto final, do processo produtivo e de sua própria capacidade criativa e valorização pessoal (Morris, W. 1882). Segundo Willis (2016) essa lógica está tão inserida na sociedade que é reproduzida até mesmo na escola e corroi as capacidades do sujeito - corpo, mão, mente - desde a formação básica reduzindo o indivíduo à condição sempre-já de classe trabalhadora e mercadoria. Para além das problemáticas do século XIX e XX que se atualizam enquanto material histórico das relações de trabalho, no contemporâneo também estamos sujeitos à mercantilização do “tempo de descanso”, ou não-trabalho, por dispositivos digitais que convertem atenção, interação, cliques, afetos e microdecisões (como o tempo de fechar os anúncios) em matéria-prima de dados (Faustino & Lippold, 2023) sempre-já consumidos enquanto valor e produtores de um distanciamento cada vez maior com nossas capacidades produtivas ao capturar nosso tempo e vontade produtiva com descargas de dopamina nas redes sociais. Esta dupla alienação – produtiva e existencial – configura um ciclo de reificação total do sujeito, no trabalho e no descanso. Contra esse paradigma, propõe-se uma educação emancipatória centrada no trabalho concreto, ancorada em três pilares: (i.) Reapropriação do valor de uso (Marx, 2024) mediante ensino de práticas artesanais abordando o ciclo total da matéria-prima, da colheita até o processamento

final, que restaura a relação sensível entre a matéria, meio ambiente, sujeito e o produto; (ii.) Recuperação do saber-fazer integral (Sennett, 2008) através do domínio de processos completos (projeto-execução-finalização) inserido e instaurado pelo ritmo do artesanal, contrastando com a fragmentação do trabalho abstrato e a aceleração digital; (iii.) Percepção e pertencimento ao presente comunitário inspirados em pedagogias indígenas que vinculam aprendizado à abordagem, discussão e resolução coletivas de problemas concretos diretamente relacionados ao meio/ambiente em que as pessoas se encontram (Munduruku, D. 2012). Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa (Bogdan & Biklen, 1994) de análise de relatos de experiência de alunos de marcenaria em escolas livres e centros culturais de São Paulo coletados durante oficinas mediadas pelo autor ora como docente ora como coordenador (2022 - 2025). Como estudo teórico-empírico, articulam-se clássicos e contemporâneos da crítica da economia política com teóricos da alienação digital e pedagogias decoloniais, sugerindo que a educação pelo trabalho manual pode operar como prática de desalienação ao restituir ao sujeito o conhecimento sobre o próprio processo produtivo e posiciona-lo frente a experiência estética do fazer dando pistas de superação sobre o paradigma do afastamento e da alienação produzidos pelo trabalho abstrato no contemporâneo como um cotidiano e condição insuperáveis do trabalhador.

Palavras-chave: educação de ofícios manuais, autonomia, educação emancipatória, alienação do trabalho, arte educação.

Do digital ao concreto: arte-educação ambiental inspirados no jogo virtual Minecraft®

*Marcos Cesar Rodrigues de Miranda
Charles Albert Medeiros
Levi De Zen Itepan
Rosebelly Nunes Marques*

Resumo

A arte-educação ambiental no Brasil é marcada por um caminho de resistência e transformação, e vem-se consolidando como campo estratégico para o desenvolvimento da sensibilidade crítica e do pensamento ecológico. Além do fazer artístico, a arte-educação precisa ser compreendida como uma prática epistemológica e social, capaz de mediar o diálogo entre criação estética e realidades culturais. Projetos que articulam práticas criativas, tecnologias acessíveis e temáticas ambientais encontram na escola um espaço fértil para semear novas consciências, onde a educação ambiental está profundamente vinculada à formação de sujeitos em diálogo, articulando alteridade, cuidado e escuta. Nesse sentido, desenvolver práticas educativas voltadas para o cuidado de si, do outro e do planeta são desafios constantes em uma sociedade que muda rapidamente, que podem ser amparadas com o uso de alegorias, modelos e jogos. O Minecraft® tinha, em 2023, cerca de 140 milhões de usuários ativos mensais, que utilizam a plataforma para criar mundos imaginários ou inspirados na realidade. Além do apelo massivo junto ao público infantojuvenil, o jogo é amplamente adotado por educadores, que exploram seu potencial como ferramenta pedagógica, seja por meio da criação de ambientes jogáveis, seja com a utilização de vídeos e construções em contextos de sala de aula (Minecraft Education). Com base nesse reconhecimento cultural e educacional, a escolha do Minecraft® como referência estética para modelos de exposição se justifica pela familiaridade visual que proporciona ao público e também por seu potencial de engajamento e aproximação afetiva. Ao traduzir elementos do jogo para o espaço físico por meio de modelos tridimensionais, a proposta cria uma ponte entre o universo digital e o mundo concreto, facilitando a mediação de conteúdos ambientais

e despertando o interesse para questões ecológicas complexas de forma lúdica, acessível e significativa. Assim, o objetivo foi promover a consciência ambiental por meio de exposições modelos 3D inspirados no Minecraft®, abordando diversos temas ecológicos com um público-alvo variado. Primeiramente, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre arte-educação, cultura digital e educação ambiental crítica, sendo elaborado o roteiro de apresentação, levando em consideração a temática e o público-alvo, para que a sequência, linguagem e abordagem tenham seu objetivo alcançado. Com os temas selecionados, partiu-se para a transposição das texturas, extraídas do jogo e redimensionadas, impressas, plastificadas e cortadas para aplicação sobre placas de poliestireno previamente moldadas. Os modelos produzidos foram reunidos em exposições agendadas ao público escolar e à comunidade em geral, atendendo uma média superior a 20 mil pessoas em um período de 30 meses. Os resultados evidenciaram o impacto significativo da proposta sobre os participantes da exposição, que interagiram com os modelos tridimensionais inspirados no Minecraft® e com os conteúdos ambientais apresentados. O formato visual acessível e esteticamente reconhecível gerou forte identificação, especialmente entre o público jovem, facilitando a aproximação com temas complexos como mudanças climáticas, preservação da biodiversidade e degradação de ecossistemas. A experiência despertou curiosidade, promoveu diálogos e incentivou reflexões críticas sobre as relações entre sociedade e natureza, destacando a viabilidade deste tipo de atividade, ampliando o repertório pedagógico e fortalecendo a formação crítica dos sujeitos.

Palavras-chave: ecologia, interdisciplinaridade, recurso didático.

A Interface entre Arte e Educação na pedagogia do barro em Gabriella Marinho

Eliane Patricia Grandini Serrano

Resumo

Quais implicações emergem quando uma artista se aproxima do campo da Educação? Gabriella Marinho, artista visual nascida no Rio de Janeiro, não apenas responde a essa indagação, como também a incorpora em sua prática artística, evidenciando o potencial transformador da arte quando articulada com processos educativos. Em suas palavras: “a principal intenção dos meus processos artísticos é refletir e registrar minha existência a partir do espaço, subjetividade e corporeidade” (PIPA, 2025). A partir dessa perspectiva, compreende-se que, ao inserir sua produção artística no ambiente escolar, a artista oferece não apenas obras, mas também seu corpo e subjetividade como instrumentos de mediação estética e educativa. Essa entrega provoca uma imersão significativa dos estudantes em seu processo criativo. Gabriella Marinho (1993) é uma mulher negra, formada por mulheres negras, residente e atuante em São Gonçalo (RJ). Sua principal linguagem artística é a cerâmica, embora desenvolva uma extensa pesquisa sobre o barro e suas múltiplas possibilidades materiais e simbólicas. A presente investigação propõe-se a analisar o potencial pedagógico de sua obra, com ênfase nas ações desenvolvidas em instituições escolares. Trata-se de uma artista em plena atividade no circuito contemporâneo das artes visuais, tendo sido indicada ao Prêmio PIPA em 2023 e participado de diversas exposições nacionais e internacionais. Sua primeira exposição individual em São Paulo, intitulada *Ofício: Barro: Gabriella Marinho: Argila-Griô*, realizada em 2024 no Galpão de Oficinas de Criatividade do SESC Pompeia, reafirma sua atuação enquanto artista-pesquisadora e educadora. A mostra reúne 26 obras concebidas a partir de 2017 e oferece ao público uma compreensão não apenas da cerâmica enquanto linguagem poética, mas também de sua capacidade de articular saberes ancestrais e contemporâneos. Essa abordagem epistêmica do barro – enquanto matéria-prima e elemento filosófico – é levada por Marinho para o espaço escolar. A artista desenvolve,

de forma voluntária, oficinas de cerâmica em escolas públicas do estado do Rio de Janeiro. Nessas atividades, além de apresentar sua trajetória e produção artística, proporciona a crianças e adolescentes o acesso a experiências estéticas que configuram possibilidades de resistência e afirmação da existência, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidades sociais, morais e psicológicas. Esta pesquisa será fundamentada em referenciais teóricos como Ana Mae Barbosa, Lilian Pacheco e Luiz Rufino, com o objetivo de construir um panorama poético-pedagógico da arte contemporânea brasileira a partir da perspectiva de uma artista-educadora negra. As reflexões propostas buscam ampliar o entendimento sobre os atravessamentos entre arte, educação e subjetividade na prática artística de Gabriella Marinho, evidenciando os modos como sua atuação instaura epistemologias singulares no campo da formação estética e social.

Palavras-chave: cerâmica; Gabriella Marinho; arte educação.

Oficinas de cartografia social e da memória da liberdade, cambuci e vila mariana na cidade de São Paulo: patrimônio e participação

*Fernanda Eiras Rubio
Pedro Luiz Stevolo*

Resumo

O GERAR (Grupo de Estudos Rios da Aclimação e Região) se constitui como um coletivo de vizinhos, pesquisa-ação e ativismo urbano e parte da Escola Comunitária – Integração Escola e Comunidade, formada por uma rede polifônica de trabalho territorial colaborativo na região da Aclimação, na cidade de São Paulo. Os membros do GERAR são: Alef Adrian, Beatriz Sampaio, Fábio dos Santos, Fernanda Rubio, Luciana Rizzo, Pedro Stevolo e Tamires Oliveira. Na Jornada do Patrimônio Municipal de 2022 com o tema “Tão perto, tão longe”, o Fábio conduziu a mediação da oficina “Cartografia social e da memória da Liberdade, Cambuci e Vila Mariana” junto ao coletivo, no Espaço Cultural Nair Bello, pertencente à Escola Municipal de Educação Infantil Regente Feijó no Cambuci. A partir da experiência dessa oficina, que teve como intuito a construção de um mapeamento social com a participação dos moradores da região, realizando uma análise sobre a história dos bairros, suas paisagens, seus recursos, dinâmicas, cotidianos e relações; o grupo de estudos e participantes sentiu a necessidade de realizar mais oficinas em diferentes espaços públicos no bairro para ampliar e aprofundar as discussões sobre o território e suas territorialidades. O objetivo deste trabalho é relatar e refletir sobre essas oficinas como prática educativa com a metodologia da autoetnografia. Entre os anos 2022 e 2024, dez oficinas foram realizadas no total, duas abertas ao público em 2022, no Espaço Cultural Nair Bello, como mencionada anteriormente, e no Parque da Aclimação, mediadas pelo GERAR, ambas aos finais de semana. Em 2023 foi realizada uma oficina com a comunidade escolar da Escola Estadual Professor Roldão Lopes de Barros, na Vila Mariana, em um sábado letivo, pela Fernanda, professora na escola, e também na Biblioteca Raul Bopp com turmas do ensino médio da EE Caetano de Campos, na Aclimação, mediada pela Luciana e Fernanda. No ano de 2024 foram realizadas seis oficinas na EE Caetano De Campos com turmas do ensino médio no

componente Projeto de Vida, ministrado pela Fernanda, e ao final do projeto, os estudantes pintaram um mapa coletivo do bairro em um tecido, inserindo as informações principais da região com técnica mista, o trabalho foi exposto na sala de leitura. Em todas as oficinas foi utilizado como base para intervenções um mapa grande impresso da região com a delimitação das ruas, os participantes contavam seus conhecimentos locais e escreviam com canetas coloridas e post it os nomes das ruas, praças, parques, córregos, escolas, cemitério, comércio, moradias, centros culturais, lugares de memória, entre outros locais, também desenhavam e pintavam detalhes da biodiversidade, sociabilidades e infraestrutura urbana com de lápis de cor e giz de cera. Imagens antigas impressas da região também foram apresentadas para destacar as mudanças espaciais. Algumas memórias afetivas da infância e em comum foram trazidas pelos grupos ressaltando mudanças nos espaços públicos, no bairro e na cidade. Desse modo, a arte educação tem o potencial de aproximar as pessoas e os lugares para tratar de diversos temas com ludicidades, linguagens, elaborações e criações, e desenvolvendo criticidades.

Palavras-chave: cartografia social, memória, arte educação, patrimônio, participação, São Paulo.

Caminhada como Prática Estética, Identitária e Educativa

*Nuana Câmara Soares
Maria Luiza Ramos Tonussi
Tatiane Regielle de Moraes*

Resumo

A prática da caminhada é ancestral e possibilitou o intercâmbio cultural, além de explorar novos territórios (Careri, 2013). A caminhada como metodologia é possibilitadora de aprendizado que vai além dos limites físicos da escola, utilizando a cidade como recurso pedagógico e espaço de pesquisa. Essa prática permite que os educandos sejam inseridos nos espaços muitas vezes negligenciados pelo costume do olhar, dando vida e transformando esses lugares. “O caminhar [...] implica uma transformação do lugar e dos significados” (Careri, 2013 p 51). Assim, a caminhada, além de ferramenta pedagógica e intervenção artística, produz lugares de memória e transformação. O presente resumo apresenta uma reflexão acerca da caminhada enquanto prática artística e pedagógica, partindo da experiência de três professoras-artistas-pesquisadoras, que, apesar das suas diferentes territorialidades, compartilham vivências da caminhada como recurso estético, identitário e reflexivo. O objetivo deste trabalho é evidenciar a potência da caminhada como recurso no campo da Arte/educação, trazendo experiências que compartilham do mesmo referencial teórico, de maneira a construir uma abordagem em que caminhar torna-se uma linguagem artística e pedagógica. Utilizamos como referenciais teóricos o livro Walkscapes (2013), de Careri, Tópicos Utópicos (1998) de Barbosa e Mediação Cultural para Professores Andarilhos (2022), de Celeste e Picosque. Barbosa revela a importância dos educandos reconhecerem-se como sujeitos através dos lugares que ocupam, apontando que, “A educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local” (1998, p.13). Neste sentido, entendemos que através da caminhada pela cidade em que as escolas estão inseridas, é possível que os educandos entendam-se parte deste território, e, ao mesmo tempo, construam um sentimento de identidade e pertencimento. Celeste e Picosque propõem uma

concepção de mediação cultural que ultrapassa a ideia de simples transmissão de conteúdos, valorizando um caminhar atento, sensível e poético pelos territórios e pelas experiências. Nessa perspectiva, caminhar transforma-se em gesto de escuta e encontro, no qual professores e educandos se tornam andarilhos, explorando o espaço com curiosidade e abertura para o que emerge. A mediação, nesse sentido, é feita com os pés, com os olhos e com o corpo todo, implicando uma presença afetiva e estética nos territórios percorridos. Como afirmam as autoras Celeste; Picosque (2022, p. 52): “Sair com um grupo de alunos para além dos muros da escola é um grande desafio. Por um lado, abre espaço para outros tipos de vínculo entre professor e aluno, pois estar ao lado, no mesmo nível, sem estrados, sem as mesas que podem se tornar couraças protetoras, permite uma outra experiência coletiva, já que o professor é também, como os alunos, um viajante atento [...]”. Assim, caminhar é mediar sentidos, afetos e memórias nos espaços percorridos, ativando o olhar e o corpo como instrumentos de aprendizado. A mediação, nesse caso, não está centrada na explicação de obras, mas na criação de vínculos entre pessoas e lugares, entre o vivido e o imaginado.

Palavras-chave: caminhada, arte/educação, mediação, território e pertencimento.



Entre rios e raízes:
Arte Educação como
semente

Entrelaçando ventos e marés - a escuta do eu/ambiente

EIXO 6

(ações, culturas e
territórios)

Ação Educativa - Mini Pantanal Paulista: conhecer para preservar

Autora

Resumo

Neste trabalho relatamos parte de um Projeto de Extensão sobre Educação Ambiental e materiais didáticos, desenvolvido no Departamento de Economia, Administração e Sociologia, na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ, com financiamento pelo Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo. O objetivo central do projeto é levantar, analisar e, principalmente, produzir materiais didáticos destinados a subsidiar processos de Educação Ambiental em contextos escolares. A ideia é desenvolver novos materiais didáticos para professores em atuação na Educação Básica e para estudantes em formação inicial, com intuito de promover a formação cidadã e a consciência socioambiental para escolares. O projeto prioriza a definição, a abrangência, os usos, a diversidade e as diversas concepções de materiais didáticos, incluindo sua relação com as novas tecnologias. Com abordagem qualitativa, focada no ensino-aprendizagem de noções e conteúdos de Educação Ambiental, o projeto envolve a Arte, numa perspectiva interdisciplinar. Vinculado ao Laboratório Didático de Licenciatura e Trabalho Docente da ESALQ – USP, o material produzido no projeto pode ser considerado artesanal e inédito. Neste sentido, configurado como um cartilha intitulada como "Tanquã: o mini Pantanal Paulista", o material explicita noções e conceitos de Educação Ambiental. A cartilha apresenta o Tanquã como um importante refúgio ecológico inserido no município de Piracicaba – SP. O Tanquã é popularmente denominado como Mini Pantanal Paulista. Na cartilha, ele é explicitado como uma área resultante da construção da barragem de Barra Bonita, na década de 1960, e que está inserido, nas Bacias Hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí. É, ainda, enfatizado na cartilha, que se trata de uma região com forte atividade agrícola e com grande potencial turístico. O material didático detalha que se trata de um espaço protegido pela Área de Proteção Ambiental -APA Tanquã-Rio Piracicaba, uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável - SNUC. A APA busca proteger a biodiversidade (com destaque para as aves, os peixes,

os mamíferos e os répteis), cuidar da qualidade da água, promover o turismo sustentável e buscar o equilíbrio entre atividades humanas e da própria natureza. Aspectos ainda pouco conhecidos pela população da região metropolitana de Piracicaba e, portanto, que justificam a produção do citado material didático. A cartilha também aborda os desafios ambientais enfrentados no Tanquã, como poluição, mortandade de peixes, assoreamento, caça/pesca predatória e expansão agrícola. Enfatiza a importância da participação coletiva na proteção da área, mencionando a aprovação do Plano de Manejo da APA, um marco legal. Trata-se de um material didático que busca cumprir com o objetivo do projeto que diz respeito a produzir novos materiais para a reflexão educativa sobre sustentabilidade, ressignificando uma Educação Ambiental Escolar. No presente projeto, o Tanquã é tratado como um estudo de caso para levantar reflexões sobre ecossistemas, bacias hidrográficas, unidades de conservação, biodiversidade, impactos ambientais e ações para a preservação ambiental e sociocultural. Consideramos pertinente apresentar a citada cartilha, voltada para a temática da Educação Ambiental no contexto da localidade de Piracicaba- SP, no IV Congresso da OPAE: entre rios e raízes: Arte Educação como semente.

Palavras-chave: educação ambiental, Tanquã, materiais didáticos.

Rios que escutam, raízes que cantam: práticas musicais colaborativas no contraturno escolar

*Fernando Roberto Videira Batista
Danieli Longo Benedetti*

Resumo

Este trabalho apresenta a proposta pedagógica de um projeto de educação musical em andamento, desenvolvido com turmas do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública municipal de São Paulo, no contraturno escolar, no âmbito do programa “Mais Educação”. A iniciativa tem como eixo central a escuta ativa do ambiente, a criação musical colaborativa e a valorização da autoria discente como práticas de sensibilização estética e pertencimento escolar. Inspirado no tema do congresso “Entre rios e raízes: Arte Educação como semente”, o projeto parte da ideia de que a escuta é um gesto ético, estético e político, capaz de conectar os sujeitos ao seu território, à sua memória e à coletividade. Assim como os rios desenham caminhos e as raízes sustentam o invisível, a escuta e a criação musical, neste contexto, alimentam práticas que florescem em processos de construção de identidade e comunidade. A proposta está estruturada em quatro eixos complementares: (1) Diário Sonoro, voltado à escuta do cotidiano e à cartografia sensível do espaço escolar; (2) Exploração de Repertório, com foco na música popular brasileira e no diálogo com obras de artistas locais; (3) Criação Colaborativa, que propõe a composição de músicas a partir da vivência dos alunos; e (4) Culminância, que prevê a gravação de um fonograma coletivo e seu registro autoral em parceria com uma instituição de direitos autorais. Embora ainda em fase inicial, a proposta já foi apresentada às turmas, e está sendo incorporada gradualmente às práticas pedagógicas semanais. A etapa atual envolve exercícios de escuta orientada, caminhadas sonoras pelo espaço da escola e a coleta de sons significativos por meio de celulares e gravadores simples. A intenção é que essa escuta fundadora possa se tornar o solo fértil para a composição coletiva e a expressão de afetos, histórias e identidades. A fundamentação teórica do trabalho articula contribuições de R. Murray Schafer (paisagem sonora), Marisa Fonterrada (educação musical crítica), Paulo Freire

(educação como prática da liberdade), Jorge Larrosa (experiência e sensibilidade) e referências em metodologias como a pesquisa baseada em arte e a a/r/tografia. Mais do que ensinar música, o projeto busca escutar com os alunos, por meio da arte, o que a escola carrega em seus silêncios, ruídos e sons. Ao colocar o corpo e o ouvido como instrumentos pedagógicos, semear práticas de escuta é, aqui, um gesto de cuidado com a vida e com a potência criativa de cada estudante.

Palavras-chave: escuta ativa; educação musical; paisagem sonora; criação colaborativa; contraturno escolar.

Semeando consciência ambiental: arte e ação na gestão de resíduos sólidos

*Amanda Aparecida Carlos
Andrea Coelho Lastória
Muryllo Benevente Batista
Lais Vitória Oliveira Campion
Júlia Vanucci Nasareth Menezes
Felipe Souza de Almeida
Catarina de Campos Dutra
Nathalia Rizzato da Silva
Madson Oliveria Rocha
Isadora Feltrin Rodrigues*

Resumo

Este trabalho apresenta o projeto de extensão do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), intitulado “Conscientização da comunidade escolar acerca dos resíduos sólidos”, desenvolvido por licenciandos da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP) na Escola Estadual Doutor Prudente, em Piracicaba (SP). A iniciativa parte da constatação de que a temática dos resíduos sólidos é urgente, mas muitas vezes marcada por estereótipos e desconhecimento. Alinhado ao tema do IV OPAE (Organização Paulista de Arte Educação), “Entre rios e raízes: Arte Educação como semente”, o projeto entende a educação ambiental, associada à arte, como ferramenta de sensibilização e transformação social e ecológica. O objetivo central foi promover a formação socioambiental dos alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, estimulando-os a se tornarem agentes multiplicadores de práticas sustentáveis. As atividades pedagógicas começaram com o diagnóstico do conhecimento prévio dos estudantes, seguido de ações de conscientização. Uma das primeiras etapas ocorreu na praça General Carlos Machado Bittencourt, no entorno da escola, onde foi realizado um mutirão de coleta de resíduos. Esse material foi utilizado em atividades práticas de análises qualitativa e quantitativa dos resíduos recicláveis presentes no entorno escolar. Nesse mutirão, os alunos participaram ativamente da coleta e categorização dos resíduos em plástico, papel, metal, vidro, orgânico e comum. Em seguida, houve apresentações dialogadas

sobre o conceito de resíduos sólidos para que existisse um melhor entendimento por parte dos estudantes. E assim, a análise dos dados obtidos nas pesagens e a classificação dos resíduos serviram para aprofundar o conhecimento dos estudantes e desconstruir percepções equivocadas. Na etapa final do projeto, os conteúdos serão consolidados com atividades lúdico-expressivas. Uma gincana, baseada em perguntas sobre os temas trabalhados, reforçará os aprendizados de forma divertida e participativa. Em paralelo, será proposta uma atividade de arte educação que convida os alunos a expressarem sua percepção ambiental por meio do desenho: retratando, inicialmente, a praça como está e, depois, como a idealizariam após as reflexões do projeto. Essa atividade estimulará o pensamento crítico e a visualização de futuros desejáveis. Ao integrar arte, educação ambiental e práticas pedagógicas participativas, o projeto reafirmou o papel da escola pública como espaço de formação cidadã e de desenvolvimento de uma consciência ambiental ativa.

Palavras-chave: educação ambiental, resíduos sólidos, arte, práticas pedagógicas lúdicas, conscientização socioambiental.

Papel transformado em arte sustentável: uma prática na sala de aula

*Karina Corrêa Costa Servette
Juliana Davanzo Dionisio Bueno de Camargo*

Resumo

Este trabalho visa relatar a experiência de uma Eletiva desenvolvida em uma escola estadual do Programa ensino Integral do Município de Piracicaba, SP com alunos do Ensino Médio. Trata-se de uma disciplina na qual houve a intencionalidade de desenvolver a educação ambiental, promovendo o conhecimento e a conscientização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), com enfoque na ODS 12 -Consumo e Produção Responsáveis, a qual é a pauta no momento do planeta. Com base nesses conceitos foi desenvolvida uma ação pedagógica de conscientização que contribuiu para que os estudantes transformem o lixo (papel) gerado na unidade escolar em uma oportunidade de empreendedorismo, e ao mesmo tempo colaborou com o projeto “Salas Limpas” transformando atitudes do convívio escolar em uma nova realidade social local e para sua comunidade. Além disso, articulou-se com o meio ambiente respeitando o limite da natureza com os seres humanos, no ato de conservar, cuidar do meio ambiente e manter e apoiar a sustentabilidade. Nesse intuito, durante as aulas, os estudantes desenvolveram um procedimento operacional de reciclagem do papel e planejamento de organização. Distribuí-se caixas coletoras nas salas de aula e explicou-se detalhes do material a ser descartado, estas caixas foram retiradas após uma semana e encaminhadas para tratamento prévio antes da prática. Na prática, preparou-se a massa de papel seguindo o procedimento previamente elaborado por eles. Após o período de secagem do papel, os mesmos foram disponibilizados para atividades com Lettering, aula de Arte, onde desenvolveram-se convites de formatura da própria escola. Com os retalhos de papel confeccionou-se marcadores de páginas decorados com tintas naturais, utilizando: cola, água e repolho roxo, beterraba, cúrcuma, colorau, café solúvel e carvão; e ainda confeccionou-se papel semente com

caixas de ovos e sementes de cravos, que foram entregues aos visitantes como agradecimento durante a Culminância deste projeto.

Palavras-chave: sustentabilidade, reciclagem, ODS, Educação.

Arte educação ambiental: ciênciarte & bioarte em toda parte!

Paulo E. Diaz Rocha

Resumo

Venho desenvolvendo este campo transdisciplinar da ARTE EDUCAÇÃO AMBIENTAL - AEA desde 1995, quando atuei com ribeirinhos de comunidades dos rios Amazonas, Tapajós e Arapiuns, no entorno de Santarém - PA, junto à ONG Saúde & Alegria. Desde então, nestes 30 anos, por meio de práticas, oficinas, experimentações com diversos materiais orgânicos e inorgânicos, passei também a ler teorias e a publicar artigos, desenvolvendo uma práxis própria, bebendo de inúmeras e riquíssimas fontes. Assim, trago neste novo artigo, além de uma breve retrospectiva deste caminhar, um pouco das leituras atuais, buscando reunir ideias, conceitos e perspectivas originadas de novos campos integrados, tais como ciênciarte, bioarte e outras. Como bom freireano, sempre envolto com o ativismo - embora praticante também da chamada "arte pela arte" -, vejo a AEA como área de conhecimento e ação de suma importância no atual momento da história humana. Não uma panaceia, claro, mas um espaço único de sentir-pensar-fazer que deve ser considerado em inúmeras e diversas instâncias de realizações humanas junto aos demais seres (vivos ou não) co-habitantes do planeta Terra: afinal, há bio & arte em toda parte!

Palavras-chave: arte, educação, meio ambiente, ativismo, ciência.

Literatura, Folclore e Arte: Será que dá jogo?

*Charles Albert Medeiros
Levi De Zen Itapan
Rosebelly Nunes Marques*

Resumo

O folclore brasileiro é proveniente de uma trajetória de fusões culturais, desde os povos originários, passando por modificações nos processos de colonização, perdurando até os dias atuais, sempre em constante mudança. Definido como um conjunto de expressões culturais que abrangem a história de um povo, são parte da identidade nacional, reconhecidos como patrimônio imaterial, sendo consideradas danças, festas, histórias, lendas, artes, dentre outros. Apesar de sua diversidade, é comum recordar de figuras específicas, principalmente pela popularização por relatos orais, formatos literários e televisivos como a lara, Cuca, Curupira, Boitatá, etc. Nesse sentido, apesar de sua presença em recursos didáticos, há dificuldade em inserir obras e jogos alternativos às convencionais que abordam a relação com os recursos naturais, como é o caso de parte do conteúdo no livro “As Aventuras de Tibor Lobato. O Oitavo Vilarejo”, obra nacional que utiliza do folclore como plano principal da narrativa. Com uma facilidade de entendimento sobre a temática, associada à clareza da compreensão das lições de moral e aprendizado, a obra apresenta possibilidades da correlação do folclore e preservação ambiental. Assim, este trabalho teve por objetivo adaptar a narrativa do livro em um jogo de tabuleiro moderno, para disponibilização como recurso didático. Para isso, escolheram-se pontos da obra para a composição do material e a dinâmica da pesquisa realizada para a escrita, concomitante a revisões bibliográficas sobre produção de jogos e recursos didáticos. Para a confecção das narrativas, mecânicas e regras, foram estudadas e definidas tanto as figuras folclóricas quanto os conteúdos de ciências da natureza que fizessem sentido com os elementos da obra, sendo inseridos em artes no tabuleiro e cartas por meio de figuras e textos, utilizando do trabalho de uma ilustradora profissional. Nesta etapa, foram dimensionados os portes dos componentes, as cores a serem aplicadas, testado o conforto de manuseio e o tamanho das fontes, bem como realizados testes

internos para fluidez e correções de possíveis necessidades dentro das regras. Assim, resultou-se em um jogo colaborativo para até 4 jogadores, com um tabuleiro composto por espaços de movimento, com ilustrações que permeiam a obra ressaltando locais, elementos e figuras folclóricas e personagens nela presentes. Para as mecânicas das cartas, foram divididas entre bônus, ônus, desafios e recompensas, que inserem o fator da aleatoriedade, criando uma diversidade de jogadas e transformando a experiência de cada grupo em algo único. Sobre os conteúdos, foram inseridos tópicos como recursos hídricos, preservação de matas, biodiversidade, agricultura familiar, representações de lendas, sustentabilidade, dentre outros. Deste modo, um jogo de tabuleiro pode não apenas auxiliar na transposição do conhecimento como um recurso didático, mas também ampara no processo de ressaltar temas e conteúdos abordados, valorizando assim o aprender brincando. Já o tema do folclore, associado a essas metodologias, apresenta um potencial como figura central como exemplos ou situações em que há uma facilidade de se prender a atenção e destacar a cultura como agente responsável por elencar debates e demandas de um povo, bem como preservar nossa identidade como um país diverso e plural.

Palavras-chave: leitura, lendas, jogo de tabuleiro.

O jogo dos deuses gregos: mitologia e aprendizagem criativa no ensino

*Larissa Barcelos Plaques
Vitória de Oliveira Filgueiras
Maria Rita Gomes da Silva
Maxine Mitie Machado Ishizaki
Rosebelly Nunes Marques*

Resumo

A utilização de arte alinhada ao desenvolvimento de jogos no ensino de história é uma abordagem pouco frequente dentro do ambiente escolar. Porém, quando utilizada em conjunto com metodologias ativas, exerce grande impacto no processo de ensino-aprendizagem do indivíduo. O jogo em si pode ser considerado uma atividade livre, que pode envolver o jogador em conteúdos e temas mais profundos de maneira lúdica e descontraída, tendo em vista a imersão do estudante enquanto trabalha tópicos de disciplinas. Outro aspecto importante é a possibilidade de se utilizar de recursos visuais e manuais para a promoção de uma vivência única, estimulando o desenvolvimento cognitivo e uma aprendizagem autônoma, capaz de interligar a realidade a diferentes temas. Assim, partindo destes fatores, este trabalho abordou a mitologia grega de uma forma lúdica, aplicando recursos como ilustrações, conteúdos e roteiros adaptados a diferentes idades, com o foco no ensino de história e de ciências agrárias. A produção do jogo iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica sobre figuras mitológicas e suas influências na história da Grécia Antiga, na arte, na astronomia e nas ciências agrárias. O tabuleiro e as fichas foram confeccionados utilizando o Canva®, uma ferramenta gratuita de design gráfico online. Após essa etapa, os materiais foram impressos e passaram pelo processo de recorte, plastificação e fixação em CDs. Assim, o jogo intitulado “Figuras Gregas”, contém trinta fichas ilustradas (frente e verso) e cinco peças de tabuleiros. Os jogadores desafiam seus conhecimentos ao associar estas fichas, com a imagem e o nome das figuras gregas, aos seus domínios correspondentes, representados nos tabuleiros por palavras específicas. Com essa dinâmica, a cada turno novas conexões são feitas, estimulando a memorização, o raciocínio lógico e a interconexão entre diversos

temas, além de ensinar sobre as figuras mitológicas por meio de história e de inferências, explorando reflexões sobre a influência da mitologia grega em diversas áreas do conhecimento como história e agricultura. O jogo apresentado é uma ferramenta criativa, que promove a interdisciplinaridade entre arte e história difundindo o aprendizado de forma interativa e estimulante, revelando-se como uma abordagem pedagógica, ao unir arte e educação no ensino da mitologia grega. Esse diálogo foi essencial para a construção didática e visual dos componentes do jogo, tornando o aprendizado mais dinâmico, significativo e acessível. Com isso, mais do que ensinar conteúdos, o jogo promove uma vivência rica e interdisciplinar, que fortalece o conhecimento sobre mitologia e suas relações, ao mesmo tempo que valoriza a expressão artística de criatividade e o prazer de aprender.

Palavras-chave: metodologias ativas, recurso didático, ensino de história.

Das margens do Mogi Guaçu à sala de aula, arte-educação como semente de saberes ancestrais

*Karina Marchiori
Eliane Patricia Grandini Serrano*

Resumo

Este relato descreve uma experiência pedagógica desenvolvida com alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I (6-7 anos) em uma escola rural de Pirassununga (SP), nas proximidades do Rio Mogi Guaçu. Articulando arte-educação, sustentabilidade e memória cultural. A proposta, investigou o potencial pedagógico da argila e de tintas botânicas como ferramentas de conexão com o território e os saberes ancestrais numa perspectiva de ensino decolonial, partindo da lenda tupi do rio – cujo nome significa "grande rio que serpenteia" e carrega histórias indígenas de luto e resistência. O Rio Mogi Guaçu tem suas nascentes na Serra da Mantiqueira, em território mineiro, onde é conhecido como Ribeirão do Corisco. Etimologicamente, seu nome deriva do tupi antigo moî'ygûasu, significando "grande rio que serpenteia" (moîa, "serpente" + 'y, "rio" + ûasu, "grande"). É neste território, onde geografia e memória se entrelaçam, que desenvolvemos nossa experiência pedagógica com pigmentos naturais, utilizando justamente os matizes cromáticos oferecidos pelas margens deste curso d'água carregado de significação cultural. Apesar de pertencerem a bacias hidrográficas distintas, os rios Mogi Guaçu e Piracicaba irrigam o mesmo imaginário pedagógico - onde águas, histórias e saberes convergem para uma ecologia artística geradora de novos mundos em que criação e preservação são gestos indissociáveis. Na oficina de tintas naturais, o Rio Mogi Guaçu deixou de ser paisagem para tornar-se mestre: suas argilas e pigmentos guiaram as crianças numa jornada de redescoberta do território através do gesto ancestral de amassar, misturar e criar. Cada cor extraída da terra reforçava o entendimento de que arte, ecologia e memória são raízes entrelaçadas de um mesmo saber. A jornada começou com histórias que teciam o Rio Mogi Guaçu como ser vivo da comunidade. Alunos e famílias então se tornaram coletores de argila, mapeando as diferentes tonalidades oferecidas pelo território. Na escola, observaram pacientemente a decantação das terras em garrafas

transparentes, filtragem e secagem - revelando aos poucos a memória cromática do rio. Com as mãos na massa (literalmente), as crianças misturaram essas argilas com urucum, açafrão e jenipapo, numa alquimia que uniu ciência, arte e tradição. A produção da tinta ocorre com a mistura de argila e aglutinantes, nessa experiência optamos pela glicerina vegetal para manter a consciência ecológica ao mesmo tempo que oferecemos uma opção vegana para a produção da tinta. Esta experiência concretiza o chamado do congresso ao demonstrar como a arte-educação pode ser semente de transformação socioecológica. Ao trabalhar com tintas naturais do Rio Mogi Guaçu, as crianças não apenas resgataram saberes ancestrais, mas redefiniram seu lugar no ecossistema – percebendo o rio como extensão de seus corpos e histórias. A prática, intencionalmente decolonial, desafiou a noção de arte dissociada da natureza, provando que o ato criativo é também um gesto político de preservação. Assim como os rios Piracicaba e Mogi Guaçu seguem cursos distintos mas nutrem o mesmo chão, esta experiência propõe que a arte-educação teça redes entre saberes locais e transformação global, fazendo da sala de aula um leito onde fluem futuros possíveis.

Palavras-chave: arte-educação decolonial, tintas naturais, saberes ancestrais, rio mogi guaçu, educação ecológica.

Poéticas contracoloniais na arte-educação

Osvaldo Pinheiro Da Silva

Resumo

A presente pesquisa segue em busca de rastros contracoloniais, a partir do território indígena de Pindorama (Brasil), como possibilidade educativa de uma outra forma de olhar e se relacionar com práticas ancestrais que foram subalternizadas pela colonização. A partir de uma escrita de si e ampliada para múltiplas vozes, o trabalho busca rastros ancestrais da árvore genealógica do docente/narrador, assim como das(os) docentes que foram convidadas(os) a participarem em consonância com inúmeras vozes de lideranças indígenas de todo o país. Apresenta um estudo e ações sobre práticas curriculares e metodológicas desenvolvidas no Ensino Fundamental da EMEF Prof.^a Célia Regina Andery Braga, em São Paulo (SP), como importante contribuição para entender como se efetivam os processos sobre cultura indígena no ensino formal, ampliando as bases teóricas e metodológicas da arte-educação.

Palavras-chave: currículo; educação; formação de docentes e discentes e relações étnico-raciais.

Cortejo do Boi - manifestação de encatamentos nas ruas do centro de São Paulo

Sheila Cruz

Resumo

O projeto Cortejo do Boi é uma experiência artístico-pedagógica desenvolvida desde 2014 com as crianças de 4 e 5 anos da EMEI Armando de Arruda Pereira, situada no centro histórico de São Paulo. Inspirado no Bumba Meu Boi e nas manifestações da cultura popular brasileira e latino-americana, o projeto nasce do desejo de aproximar as crianças de suas origens, identidades e territórios por meio de experiências vivas, afetivas e coletivas. Desde 2015, o Cortejo integra o Projeto Político-Pedagógico da escola como uma prática anual que articula diversas linguagens — como dança, música, bordado, grafismo indígena, teatro e expressão corporal — permitindo que as crianças ampliem seus repertórios culturais e emocionais em um processo de pesquisa, criação e escuta. Cada turma realiza uma investigação singular, explorando personagens, lendas brasileiras, indígenas e de outras culturas, criando instrumentos e indumentárias, confeccionando bois de empapelamento e participando de dramatizações. Um dos momentos centrais do projeto é a escuta e apreciação das toadas do Bumba Meu Boi, em seus diferentes sotaques maranhenses — matraca, orquestra, zabumba, baixada, costa de mão — além de toadas paraenses, amazônicas e pernambucanas. Essa diversidade sonora amplia os horizontes culturais das crianças, mostrando que o nosso boi canta e dança com vozes de muitos territórios. A relevância do projeto se intensifica no contexto da escola, que atende crianças oriundas de diferentes regiões do Brasil e de outros países como Bolívia, Peru, Colômbia, China, Serra Leoa, Congo, Síria e Palestina. A proposta valoriza as memórias familiares, conectando lendas brasileiras com imaginários de outras culturas: o Mapinguari dialoga com narrativas bolivianas, o Homem Jacaré é reconhecido por crianças colombianas, e a Dama de Branco remete à La Llorona mexicana. Essa interligação de histórias promove a construção de uma identidade coletiva, aberta e plural. A culminância acontece nas ruas do centro de São Paulo, em

cortejo por instituições com as quais a escola mantém vínculos afetivos e educativos, como as bibliotecas Monteiro Lobato e Mário de Andrade, o Sesc 24 de Maio, o Museu da Diversidade, o Museu do Circo e o Theatro Municipal. É uma celebração da infância, da arte e da cultura. Em 2024, o projeto celebrou 10 anos com uma edição especial que reuniu o Boi Menino Pretinho, o Batimeduca da FEUSP, o artista indígena Tiago Tapajós, oficinas de bordado com famílias, e as já tradicionais oficinas de percussão com mestre Buzaka. O evento contou com a presença de outras EMEIs, foi registrado pela TV Cultura e mencionado como referência pela COPED estadual. Mais que uma apresentação, o Cortejo do Boi é um processo vivo de formação sensível, crítica e afetiva. Ao reafirmar que infância é cultura, memória e pertencimento, o projeto se estabelece como um ato de resistência e celebração da cultura popular como direito.

Palavras-chave: cortejo, boi, manifestação, encantamento, toada, buzaka.



Entre rios e raízes:
Arte Educação como
semente

**Ambientes fortes
(natureza/eu) e sensíveis**

EIXO 7

(eu/natureza) (projetos)

PIME -Atividades Extensionista Curricularizada

Débora Gigli

Resumo

No Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, a extensão universitária recebe total atenção e compromisso, seguindo as orientações do Ministério da Educação (MEC). Em conformidade com a Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, os projetos de extensão tornaram-se obrigatórios para todos os cursos de graduação, sejam presenciais, à distância ou híbridos (Phygital). A partir de 2023, o MEC passou a considerar a curricularização da extensão como um critério essencial nas avaliações acadêmicas. Além disso, a Lei 13.005/2014 determina que pelo menos 10% da carga horária total dos cursos de graduação seja composta por atividades extensionistas. Para atender a essa determinação, o Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, por meio de sua política interna, desenvolve o PIME, que requer aprovação da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão. PIME: Projetos obrigatórios que atendem à Resolução nº 7/2018, compondo pelo menos 10% da carga horária dos cursos de graduação, independentemente do formato. Também necessitam aprovação da Pró-reitoria. A extensão universitária busca conectar o conhecimento acadêmico com a sociedade, permitindo que os estudantes apliquem na prática o que aprendem em sala de aula. Os projetos desenvolvidos têm como principais objetivos: Democratizar o conhecimento, ampliando o acesso à educação e à cultura para diferentes grupos sociais; estimular o engajamento comunitário, formando cidadãos críticos e participantes ativos na transformação social. Gerar inovação e desenvolvimento regional, aplicando conhecimentos acadêmicos na solução de desafios locais. Fortalecer políticas públicas, colaborando com governos e organizações na criação de iniciativas mais eficazes. Com essa abordagem, o Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, reforça seu compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e participativa, garantindo que a formação acadêmica seja transformadora tanto para os estudantes quanto para a comunidade. No curso de Bacharelado em Artes Visuais, e Licenciatura em Artes, durante o 1º semestre de

2025, foram desenvolvidos mais de 10 projetos extensionistas, e no dia 15 de junho de 2025, foram apresentados a comunidade, em formato de painéis e projeções, em grande evento chamado “Saberes Criativos”. Como descrito no relatório final de um dos projetos PIME, os participantes emocionados destacaram: "A atividade, portanto, não apenas promoveu momentos de afeto e expressão, mas também funcionou como uma ferramenta concreta de aprendizagem e desenvolvimento escolar."

Palavras-chave: PIME, curricularização, extensão universitária.

O ensino das artes na educação básica e a decolonialidade dos saberes: uma proposta de ação emancipatória

Simone Laiz de Moraes Lima

Resumo

Entende-se que há uma complexidade na formação inicial e atuação do/a professor/a de Arte do Ensino Básico para ministrar um componente curricular que envolve estudos, reflexões e ações relacionadas às diferentes linguagens e aos campos artísticos e culturais presentes na sociedade e na vida dos/das estudantes. Compreendemos a necessidade urgente de ações formativas voltadas para ativar a participação de professores/as e, conseqüentemente, de estudantes na construção de seus conhecimentos e currículos (Mendes da Silva, Giovedi, 2021), e para o debate acerca da colonialidade (Walsh, Oliveira, Candau, 2018) e seus impactos nas construções das subjetividades de professores/as e estudantes, de modo a identificar e compreender preconceitos historicamente construídos, como o racismo e o capacitismo, e as relações de poder estabelecidas na escola, e em sala de aula, que envolvem a alteridade e o adultocentrismo. Assim como, reflexões acerca das referências artísticas e conteúdos apresentados, uma vez que o caráter dominante da colonialidade, atravessa as referências e chega nos/nas estudantes, estigmatizando suas culturas, seus modos de ser e suas especificidades. Neste sentido, esta pesquisa visa compreender quais reflexões e saberes os/as professores/as de Arte do Ensino Fundamental, de uma escola pública, dos Anos Finais, mobilizam ao construir suas práticas, articulando também as diferentes linguagens proposta pelo componente, uma vez que possuem formações iniciais em uma única linguagem. Para combater a lógica da polivalência e da colonialidade, almejamos uma pedagogia decolonial em Arte (Walsh, Oliveira, Candau, 2018), uma vez que a decolonialidade, numa perspectiva intercultural (Walsh, 2019), oferece possibilidades de refletir sobre os diferentes contextos e os processos de segregações, e de se construir conhecimentos na coletividade e em diálogo com a vida, na busca por valores emancipatórios da justiça cognitiva, racial e social (Reis, 2022). Esta possibilidade de

ensino-aprendizagem crítica da realidade, questiona os modelos existentes na busca por transformações nas condições de desigualdades. Em Arte, esta perspectiva, se relaciona com o desenvolvimento de processos criativos relacionais, participativos, dialógicos e horizontalizados entre estudantes e professores/as, almejando o “ser mais” e a democratização escolar (Freire 1980, 1997). Trata-se de uma pesquisa em andamento, que se fundamenta em Freire (1967, 1980, 1997); Josso (2004); Barbosa (2008, 2007, 2012, 2014, 2015); Candau (2006, 2008, 2009, 2010, 2012, 2013), dentre outros/as. Tem como premissa realizar uma pesquisa-ação (Abdalla, 2005) por meio de encontros periódicos, entrevistas, construção de narrativas e de processos e materialidades artísticas. A pesquisa se encontra, no estudo das referências bibliográficas, e já apresentam como resultados preliminares: a) a necessidade de professores/as de problematizarem saberes e conhecimentos, de modo a serem críticos e compromissados em relação às suas próprias práticas (Josso, 2004; Abdalla, 2006, 2015; Walsh 2019); b) a importância que os/as professores/as dão em trabalhar em sintonia com o desenvolvimento de aprendizagens significativas e participativas (Freire, 1967, 1980, 1997). Diante desses resultados, as reflexões desenvolvidas até aqui nos levam a pensar, na necessidade de se repensar a construção dos currículos escolares e a formação/atuação de professores, em especial, quando estão desenvolvendo práticas pedagógicas para os anos finais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem de arte, formação de professores, currículo, pedagogia decolonial.

O ateliê-laboratório do museu afro Brasil Emanuel Araújo no contexto didático - pedagógico para estágios supervisionados em artes visuais

Dália Rosenthal

Resumo

Os estágios supervisionados no curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Plásticas (CAP), da Universidade de São Paulo (USP), são oferecidos de maneira compartilhada com a Faculdade de Educação (FEUSP). No CAP são ofertadas quatro disciplinas com estágios supervisionados, sendo que essas, no seu conjunto, atendem aos conhecimentos específicos relacionados ao ensino das artes visuais compreendendo a observação do território escolar e educativo, a preparação de atividades artísticas, a regência de processos em arte educação, as discussões em supervisões, a elaboração e a apresentação de relatórios. É a partir deste olhar complexo para a formação de professores de artes visuais que nos anos finais, o curso propicia além da vivência escolar os Laboratórios Didático Pedagógicos de Ensino e Aprendizagem da Arte com experiências supervisionadas em cursos de extensão voltados para comunidade externa à universidade e que são organizados dentro do departamento e/ou em parcerias com museus e instituições culturais distribuídas em equipamentos públicos da cidade de São Paulo. Nesse texto, focaremos em experiências realizadas no Museu Afro Brasil Emanuel Araújo. O projeto pedagógico desenhado para os estágios supervisionados do curso de Licenciatura em Artes Visuais do CAP segue as recomendações do Programa de Formação de Professores da Universidade de São Paulo (PFPUSP) e é neste contexto que nasceu o projeto “Ateliê-Laboratório do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo”. O Museu Afro Brasil Emanuel Araújo foi criado no ano de 2004, inicialmente, a partir da coleção particular do seu criador e diretor, Emanuel Araújo (1940-2022). A proposta de criação de um Ateliê-Laboratório no Museu Afro Brasil bem como a concepção metodológica do projeto foram elaboradas em conjunto com o Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, coordenado pela pesquisadora Simeia Araújo. Iniciada em 2022, a cada semestre os estagiários (as) passem por uma

formação completa no que tange ao exercício da docência no contexto museal, desde o estudo bibliográfico específico passando por diferentes práticas reflexivas coletivas e individuais, que estimulam a criação autoral para cada ação pedagógica planejada e, por fim, aplicando todos esses conhecimentos na práxis educativa. Após seis semestres de trabalho, é possível constatar como essa experiência tem atuado positivamente como possibilidade para o desenvolvimento dos estágios supervisionados na formação de futuros professores e professoras de artes visuais por meio da ampliação dos cenários pedagógicos compreendendo o ensino e a aprendizagem da arte como uma prática eminentemente crítica e cidadã alinhada com a realidade plural da sociedade contemporânea, na qual a arte e o fazer artístico se tornam cada vez mais imprescindíveis e a arte educação é observada como igualmente necessária para a construção de uma cidadania criativa, crítica, diversa, inclusiva e democrática.

Palavras-chave: diversidade; arte educação; estágios supervisionados.

Projeto Gota D'água: 30 anos de sensibilização sobre gestão da água nas bacias hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí

*Priscila Marcon
Eduardo Paniguel Oliveira
Andréa Borges
Murilo Ferreira de Sant'Anna*

Resumo

Este artigo apresenta os resultados dos trinta anos de aplicação do Projeto Gota d'Água, realizado pelo Consórcio Intermunicipal das Bacias Hidrográficas dos Rios Piracicaba Capivari e Jundiaí (Consórcio PCJ), por meio do seu Programa de Educação e Sensibilização Ambiental, o qual tem como objetivo de capacitar públicos formal e não formal sobre a gestão da água nas bacias hidrográficas. A iniciativa teve como base o modelo francês de educação ambiental voltada a gestão de recursos hídricos, intitulado "Les Classes de l'Eau". Após intercâmbios técnicos entre o Consórcio PCJ e a L'agence de l'eau Seine-Normandie (agência de água francesa Sena-Normandia), foi estruturado o programa de ação do projeto e sua primeira aplicação em uma turma do ensino fundamental II, com cerca de 40, de Valinhos (SP), em 1994. No começo, o projeto era intitulado Semana da Água, nome que foi reformulado em 2015 para Gota d'Água, a fim de intensificar as ações de educação ambiental nas Bacias PCJ extrapolando as semanas da água dos municípios, que já ocorriam na prática. Em 30 anos de realização, já participaram mais de 4,2 milhões de pessoas, com uma média 136.558 participantes por ano. Além disso, já foram formados mais de 167.055 educadores, com 52 municípios já atendidos. A cada ano, são trabalhados diferentes temas conectados à temática da gestão das águas e meio ambiente. As edições anuais envolvem a disponibilização de materiais de apoio e promoção de encontros mensais de formação (remotos e virtuais) com palestras de especialistas, visitas técnicas, workshops, mesas redondas etc. O tema de formação deste ano, 2025, é "Água: Guardiã da Biodiversidade", mas outros conceitos já foram abordados como a justiça ambiental, resiliência hídrica, efeitos das mudanças climáticas à vida humana e outros relacionados com a sustentabilidade

socioambiental. O projeto é focado na formação de educadores sobre o tema explorado no ano. Estes, por sua vez, replicam os aprendizados em suas escolas e em outros espaços educativos do seu município. Como resultado, os educandos desenvolvem materiais artísticos e educacionais (desenhos, podcasts e vídeos). Ainda como parte do projeto, é realizado um seminário de avaliação da execução do projeto, juntamente com o prêmio "Sua Gota faz a Diferença". Nesta ocasião, são promovidas trocas de experiências, certificações das atividades realizadas e premiações, por faixa etária, materiais desenvolvidos. Após três décadas de história, o Projeto Gota d'Água é reconhecido por seu pioneirismo em promover educação ambiental voltada à gestão da água, que fomentou a criação de projetos e programas similares em outras bacias hidrográficas do Estado de São Paulo. O Consórcio PCJ, com a realização deste projeto, permanece focado em seu propósito de sensibilizar e capacitar atores sobre a importância da conservação e do uso sustentável da água para preservação do meio ambiente, para as gerações atuais e futuras, dando atenção aos desafios impostos pelas mudanças climáticas.

Palavras-chave: educação ambiental, ensino fundamental, gestão hídrica, educação, bacias PCJ.

Princípios e referências da Arte/Educação na realização de projetos socioambientais e ações pelo clima no terceiro setor

Carolina Teixeira Pires

Resumo

Para evidenciar como princípios e referências da arte/educação podem ser utilizados para fundamentar o design e a implementação de projetos socioambientais no terceiro setor e colaborar com a mitigação da crise climática atual, serão compartilhadas experiências desenvolvidas recentemente pela pesquisadora Carolina Pires e sua equipe no Instituto Sabiá e alguns resultados de ações realizadas na biorregião da Serra da Mantiqueira Paulista e Vale do Paraíba (SP), por meio de parcerias entre os setores públicos e privados e a sociedade civil. O Instituto Sabiá é uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCI), sediada em São Paulo (SP) que, desde 2002, busca favorecer a modelagem de realidades saudáveis e alinhadas com os princípios do Bem Viver, atuando de forma sistêmica e dialógica, integrando em seus projetos cultura, arte/educação, saúde e temáticas socioambientais e promovendo colaborações intersetoriais, com os territórios e com seus habitantes. Os projetos e programas realizados a partir de 2014 foram estruturados e implementados utilizando como referência primeira a Abordagem Triangular para o Ensino das Artes e Culturas Visuais, sistematizada pela Profa. Dra. Ana Mae Barbosa, e compreendida como princípio, a partir dos desdobramentos elaborados nos estudos e pesquisas desenvolvidas pela Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi e seus orientandos; o que viabiliza sua utilização em contextos diversos como, por exemplo, o terceiro setor. Outras referências fundamentais são o Conceito Ampliado de Arte e a Teoria da Escultura ou Escultura Social, de Joseph Beuys, o trabalho do artista e ativista ambiental Friederich Hundertwasser, e os saberes e fazeres de representantes das culturas tradicionais e povos originários que, há milênios, vivem e convivem em harmonia com a natureza em nosso planeta. Diante do agravamento dos desafios que corroboram com a degradação dos ecossistemas e ameaçam a vida na Terra, as atividades mais recentes do instituto, como o "Projeto Cultura, Infância e Natureza:

Educação a favor da vida”, de 2018, e o “Programa Mov.Cicla: Consumo Consciente e Gestão de Resíduos”, iniciado em 2022, enfatizam pautas socioambientais, refletindo a crescente preocupação global com as mudanças climáticas, e buscam soluções para colaborar com sua mitigação. Estas iniciativas incluem ações de conscientização, ampliação de repertórios de referência e possibilidades de ação, atividades práticas de elaboração e implementação de propostas que potencializam o engajamento e a mobilização individual e coletiva em benefício de causas comuns, produção de eventos culturais e ecopedagógicos, ocupação e revitalização de espaços públicos, elaboração e compartilhamento de campanhas e materiais informativos e educativos, democratização do acesso a conhecimentos sobre práticas sustentáveis e regenerativas e articulações com lideranças dos diversos setores e segmentos da sociedade para viabilizar o trabalho em rede, integrar a diversidade e ampliar o alcance das ações realizadas. A cada ciclo, as redes de parceria do instituto vem se expandindo, o potencial de impacto das ações desenvolvidas está ganhando amplitude e as estratégias vem sendo aprimoradas a partir desta rica ecologia de saberes que ganha corpo quando as iniciativas estruturam-se fundamentadas por UBUNTO, que traduz a compreensão de que “eu sou por que nós somos”.

Palavras-chave: arte/educação, projetos socioambientais, ação pelo clima, terceiro setor, crise climática.

Criação de curta-metragem como forma de ressignificação da autoimagem

*Guilherme Massau de Moraes Santos
Eliane Patricia Grandini Serrano*

Resumo

Atuando numa escola de periferia de uma cidade muito pequena notei que meus alunos de Ensino Fundamental I, em sua grande parte, tinham poucas pretensões ou desejos de vida que não fossem muito próximos ao que era desempenhado por seus familiares, geralmente em empregos pouco valorizados ou exploratórios. Isso não significa desmerecer a atividade essencial de quem atua nesses espaços, mas explicitar a falta de um ímpeto de ocupar outras situações que não aquelas, muito por encarar sua própria imagem como de alguém destinado a permanecer daquela mesma forma. Como trabalho com dinâmicas de ateliê com as séries maiores, propondo atividades próximas às praticadas por artistas nas diferentes representações artísticas, decidi por transformar a sala numa equipe de produção de um curta metragem, baseando a proposta na Base Nacional Comum Curricular (BNNC–Artes, 2018), a partir das aptidões de cada um e dividindo aqueles que se sentiam mais propensos a escrever, a filmar ou a atuar para assumir postos que se valessem de suas habilidades sem constrangê-los. Expondo técnicas simplificadas de roteiro, McKee (2014), apresentei a divisão de trama em atos e conduzi a escrita coletiva de uma história que pudesse ser filmada. Após isso, alguns alunos se prontificaram a assumir a direção e as câmeras, algo que foi realizado com meu próprio celular, e outros para atuar nos vários papéis da trama. Durante o processo os próprios alunos se organizavam para rediscutir cenas, alterar rumos de personagens ou direcionar a si e a seus colegas, isso foi trazendo uma maior autonomia e senso de união ao grupo que perdurou até depois do fim das filmagens. Encerramos com um dia de pipoca na sala de aula para assistir a estreia do curta produzido por eles. A tônica maior foi ver a si e seus semelhantes projetados numa tela, atuando e se divertindo, a essência do que pretendia com o trabalho. Nunca cogitei sanar tudo aquilo que os meandros sociais e políticos acabaram por sedimentar nessas crianças

como sendo seu espaço e aquilo que lhes caberia fazer, mas com essa atividade pude experimentar como se daria a visão deles mesmos numa outra personificação, cheia de atenções, louros e destaques, e com ela espero ter, ao menos, oferecido uma forma de enxergar a si como capazes de muito mais.

Palavras-chave: arte-educação, curta metragem, ensino fundamental I.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2018.
McKEE, Robert. Story. **Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**. Curitiba: Arte e Letra, 2014.

Projetos Artístico-político-pedagógicos do Teatro de Grupo - um olhar sobre a práxis na educação não formal

Caio Sérgio de Castro Armada Floret Franzolin

Resumo

Entre as características marcantes do Teatro de Grupo lido como prática e fenômeno cultural da contemporaneidade temos os processos pedagógicos e seu modo de existir prático. O sujeito-histórico Teatro de Grupo se constitui como agente crítico e atuante de seu tempo, realizando proposições a partir de seu contexto, sua elaboração teórica, suas experiências, seu entorno, bem como atua associado à sua esteira histórica. Estes elementos fazem com que possa ser definida como práxis sua ação, de acordo com Moacir Gadotti (1995) e Adolfo Vázquez (2011). Pensar a Pedagogia da Práxis do Teatro de Grupo é entender seus processos não-formais de educação, pensando os coletivos como formadores de artistas imbricados com uma visão dialética e que atuam de forma a nutrir novas gerações em um movimento contínuo e que se modifica a partir do momento histórico e de seu contexto geográfico. A ação pedagógica e a práxis do Teatro de Grupo não constituem em si uma única modalidade estética e conceitual rígida. Essa referida categoria de organização artística teatral tem como definição essencial a pluralidade e uma concepção de processo envolvendo diversas frentes e uma forma particular que se manifesta em cada coletivo. Os grupos não apenas realizam suas criações artísticas, mas seus projetos de pesquisa continuada associam tanto sua intencionalidade crítica quanto pedagógica. Pensar as múltiplas ações realizadas pelas coletividades justamente como ação cultural é ampliar os olhares para outras existências da arte-educação que estão muitas vezes em diálogo com ensino formal, mas que agem em outros espaços e com suas particularidades. Para auxiliar no percurso dessa reflexão temos como autores além de Moacir Gadotti (1995) e Adolfo Vázquez (2011), Carmina Mendes André (2014), Alexandre Mate (2020, 2024), Maria Tendlau (2010), entre outros.

Palavras-chave: pedagogia da práxis; teatro de grupo; processos colaborativos; pedagogia do teatro.

O teatro fórum na bacia do Rio Juquery - projeto de pesquisa - reflexão 1º bimestre

Lucas Rosario Joia Chrispim

Resumo

Esse trabalho se inicia no primeiro dia letivo de 2025, na sala do 1º ano do Ensino Fundamental I; seriam 4 (quatro) salas de 1º ano. Estudantes ansiosos pelo novo...e querendo mostrar tudo o que sabem: brincar. A primeira estratégia metodológica para o desenvolvimento desse projeto de pesquisa concentra-se na experimentação de jogos teatrais na sala de aula com o objetivo de sensibilizar o olhar dos estudantes para o contexto social, geográfico e político no qual se encontram: CIMBAJU (Consórcio Intermunicipal dos Municípios da Bacia do Juquery) , grande São Paulo. O primeiro obstáculo: a maior parte das crianças são de 1º e 2º ano (5, 6 e 7 anos) não sabem ler, não estão habituadas ao espaço formal da sala de aula e muito menos habituadas às regras do jogo teatral.

>Primeira Interferências<

- Optar por jogos dramáticos, explorar o lúdico e a imaginação;
- Como reelaborar o espaço de aula sendo que há polaridades mais intensas que reforçam o ambiente escolar/ escolarizante?
- Não deixar a bagunça interferir na escola e rotina dos outros professores.
- Reinventar a roda.

A escrita desse trabalho se formaliza após o primeiro dia de aula da disciplina eletiva “Educação e Culturas Indígenas” (organização professora Carminda Mendes André).

- Você é indígena em retomada?

Sempre levei em consideração que vivemos em um território cultural amplo, que as comunidades originárias constituem nosso país, que todo Brasil é terra indígena...Mas essa questão nunca tinha se passado pela minha cabeça. Ao me deparar com essa pergunta tão direta eu entrei em pequeno pane*ERR0R404** ; a primeira conclusão é “sou sujeito formador e sujeito em formação” — CONSTANTE — e nesse sentido sinto um grande alívio que mais uma vez, em meus estudos acadêmicos, fui convidado a

olhar para minha trajetória pessoal. E isso quer dizer que poderei e precisarei observar minhas raízes e minha principal referência: Dona Carmem. Carmem Cecília do Rosário Braga Veloso Joia. Minha avó. * O objetivo desta pesquisa é realizar um estudo de caso em uma das turmas de 1ºano de Ensino Fundamental, no qual permita o observar e mediar, a partir do teatro fórum o olhar dos estudantes diante da representação de si dentro do contexto regional no qual vivem.

Palavras-chave: jogo-teatral, teatro-fórum, ensino fundamental, escola pública, estudo de caso, Juquery, jogo, brinquedo, ensino de arte, teatro.

Referências

- ALMEIDA, L. M. **Nós fizemos isso para vocês, brancos, saberem que nós existimos:** imagens de luta dos povos originários do Brasil (2013-2015). Dissertação de mestrado (UDESC/ 2016).
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores.** São Paulo: Sesc/Cosac Naify, 2015.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Estéticas Políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro. Provocação e Dialogismo.** São Paulo: Hucitec, 2003.
- KOUDELA, Ingrid. **Brecht: um jogo de aprendizagem.** São Paulo: Perspectiva, 1989.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Para Alimentar o Desejo de Teatro.** São Paulo: Hucitec, 2016.
- SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no caderno do diretor.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

Projeto Folclorear: educação patrimonial e cultura caipira no ambiente escolar

Fernanda Colli

Resumo

O Projeto Folclorear é uma iniciativa sociocultural e pedagógica idealizada e desenvolvida na cidade de Araçatuba, interior de São Paulo, que visa integrar práticas da cultura popular brasileira ao cotidiano escolar, com ênfase na cultura caipira paulista. A proposta surge da necessidade de valorizar os saberes tradicionais e promover uma educação que dialogue com a identidade local dos estudantes. A metodologia do projeto tem como eixo principal a catira, dança tradicional do interior, inserida nas práticas escolares como ferramenta de ensino interdisciplinar. O projeto foi concebido por uma arte-educadora, pesquisadora da cultura popular e membro de instituições voltadas à valorização do folclore, e conta com atuação em escolas públicas, instituições assistenciais e colégios particulares da região. A partir da arte-educação, o Folclorear promove o ensino da cultura popular por meio da música caipira, da contação de histórias, das danças tradicionais, das parlendas, adivinhas e brincadeiras, proporcionando vivências que despertam o pertencimento, o respeito às tradições e o reconhecimento da diversidade cultural brasileira. As práticas desenvolvidas no projeto são fundamentadas em teorias da educação patrimonial, da educação popular e da arte-educação, buscando ressignificar os saberes ancestrais por meio de metodologias ativas e participativas. Além disso, os conteúdos são planejados para se conectar com o currículo escolar, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos alunos. O projeto também promove oficinas com mestres da cultura popular e apresentações culturais abertas à comunidade, fortalecendo os vínculos entre escola, família e território. Os resultados observados apontam para o fortalecimento da identidade cultural, maior engajamento dos estudantes nas atividades escolares, inclusão de alunos com deficiência e a construção de uma escola mais afetiva, criativa e inclusiva. Por meio da articulação entre educação, cultura, assistência social e preservação do patrimônio imaterial, o

Projeto Folclorear se consolida como uma prática inovadora, que inspira novas possibilidades pedagógicas a partir das manifestações populares. Sua aplicação tem sido reconhecida como referência em educação patrimonial, sendo, inclusive, considerada modelo para replicação em outros contextos territoriais, respeitando-se as especificidades de cada comunidade.

Palavras-chave: cultura popular; arte-educação; inclusão; escola pública.

Pedagogias das Re[x]istências: por uma educação antirracista e decolonial

Janaína Farias de Souza Ferreira

Resumo

Pensando no chão da escola e da universidade como espaços de possibilidades para ampliar diálogos entre comunidade escolar e pedagogias que inspiram outras formas de experienciar Arte na educação básica e superior, este artigo provoca com teorias e práticas vividas, um olhar de Re[x]istências (1) possíveis dentro de uma escola pública de educação básica no município de Osasco, São Paulo e movimentos que acontecem nas universidades públicas, principalmente com o aumento de pessoas negras/indígenas nos cursos de graduação e pós-graduação, que inserem nestes contextos suas realidades a fim de propor fissuras no projeto atual de educação, principalmente em contextos periféricos de grandes cidades. Em uma das propostas vivenciadas, relatamos a construção de um forno tradicional à lenha para a queima das peças de argila produzidas pelos estudantes, no ano de 2024, onde trabalhamos com as referências das panelas de barro do povo da etnia Macuxi da terra indígena Raposa Terra do sol, localizada no município de Normandia, estado de Roraima. Trazemos para o diálogo com essa prática, reflexões e provocações de autores como bell hooks (2017), FREIRE (2021), KRENAK (2020) e PIORSKI (2016). Neste ano de 2025, ampliamos nosso território ancestral dentro da escola, com a construção de um redário e a aquisição de 40 títulos sobre questões negras e/ou indígenas, iniciando assim, nossa biblioteca antirracista e decolonial e construindo um espaço acolhedor de leitura, sarau e outras atividades de diálogos sobre estes temas, que são tão importantes para a realidade de nossa comunidade escolar. Pensando nas aulas de Arte, também referenciamos a abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, propondo cruzos entre Territorialidades (contextos), Ancestralidades (fruições) e Militâncias (produções), movimentando saberes a fim de ressignificar o que é mais importante para arte educadores antirracistas e estudantes em seus contextos educacionais.

Palavras-chave: ensino de Arte; decolonialidade; educação antirracista; educação transgressora.

(1) uso a palavra reXistência, destacando a letra X, para indicar dois significados para a mesma palavra: o de resistir, suportar as dificuldades, ultrapassar o que é imposto e o de existir, tornar presente e como posto na grafia, entendo que o ato de resistir ao que nos é colocado como verdade, traça novos caminhos de existência que nos permitem conhecer e contar outras histórias que por muitas vezes nos foram negadas e apagadas, propondo assim, esse diálogo dentro do ensino de Arte.



Entre rios e raízes:
Arte Educação como
semente

Colorindo mundos

EIXO 8

(reflexões, poesias e
contos)

IV CONGRESSO DA
OPAE
Piracicaba

Jogo do Belo - Educar através do desconforto artístico

Kiara Azevedo

Resumo

Utilizo o jogo educativo como instrumento pedagógico para trabalhar com os estudantes os conceitos de crítica de arte e eurocentrismo, com o intuito de ser uma aula que os estudantes, por si mesmo, trouxesse o seu próprio esclarecimento em cima dos objetos de mediação apresentados a eles e, com eles, também questionar o próprio material apresentado. O jogo, em si, foi feito a partir de uma curadoria de forma a apresentar, para os estudantes, obras de arte de artistas considerados marginalizados. Tendo, em sua totalidade, trinta e cinco cartas, dedicando 7 cartas a sete artistas de cada continente (África, América, Europa, Ásia e Oceania), para os alunos poderem ter um panorama descentralizado da arte. Além disso, os artistas europeus utilizados na curadoria do jogo são, em sua esmagadora maioria, mulheres, descentralizando também a hegemonia masculina dentro do espaço artístico. Além disso, as representações das obras utilizadas no jogo são em sua totalidade, de obras do século XX, pelo motivo de que, no século XX havia um movimento global de rompimento com a arte dita academicista e, ainda mais, euro centrada, como o movimento antropofágico no Brasil, o muralismo no México ou o renascimento Harley nos Estados Unidos. A atividade foi, primeiramente, pensada para turmas do sexto ano da educação básica, mas como foi observado em outras vivências, o Jogo do Belo também foi um instrumento de educação crítica para estudantes do sétimo ao nono ano da educação básica até dentro de espaços de educação superior da ECA na Universidade de São (USP).

Palavras-chave: pensamento crítico, eurocentrismo, educação lúdica.

Sementes Aladas

Magna Ivone Azevedo Sousa Silva

Resumo

A Creche e Pré-Escola Saúde está localizada dentro dos muros da Faculdade de Saúde Pública da USP. Estamos cercados por árvores gigantescas com muitos ninhos e cantos de passarinhos, um jardim com um gramado imenso, povoado de muitos bichinhos de jardim que se misturam com a folhagem, flores, gravetos e sementes das árvores, cenários de muitas pesquisas e descobertas das crianças que frequentam essa unidade de educação infantil. Diante desses espetáculos da natureza é que brotam ideias e palcos de atuação por parte das crianças de três a seis anos de idade. Como frutos desses contextos em que brincávamos e explorávamos esse ambiente externos, foi que observamos que as crianças paravam para explorar, manipular e brincar, levando para creche uma folha, uma flor, um graveto ou até mesmo uma semente que encontrava ali diante da natureza que deu sentido ao projeto chamado “Sementes Aladas”, germinando um jardim artísticos de muitas criações significativas entrelaçando muitas linguagens. As experiências se deram de várias formas: pinturas, colagens, confecções de mandalas e por fim as sementes ganharam vida na imaginação das crianças, transformando-se em besouros, animais, príncipes e princesas na criação de pequenas narrativas. Caminhando juntos com essas pesquisas, pensamos em trazer possibilidades que pudessem deixar as crianças mais próximas da natureza, partindo da perspectiva de interações com o meio ambiente e possibilidades de aproximação com a natureza, conhecimento e pesquisas, desenvolvemos propostas em que as crianças pudessem brincar, conhecer, explorar, criar e recriar, respeitando e ampliando seus conhecimentos através desse cenário natural e elementar para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e sustentável, desse encontro com a natureza e com o outro, ampliando seu conhecimento de mundo.

Palavras-chave: sementes, pesquisar, crianças, brincar, explorar e recriar.

Retratos em trânsito: uma percepção do eu

Simeia Silva Greb

Mirian Celeste Ferreira Dias Martins

Resumo

Retratos em trânsito apresenta uma reflexão teórico-poética sobre o processo de criação artística a partir da prática do autorretrato. A proposta nasce de uma experiência pessoal do autor com o gesto de se retratar em diferentes suportes e linguagens, abordando a autoimagem como campo de escuta, experimentação e elaboração simbólica de si. E se organiza em três movimentos — fazer, refletir e compartilhar —, compondo uma narrativa atravessada por desenhos, pinturas e registros visuais que habitam cadernos, papéis e telas. Com inspiração rizomática e caráter processual, a escrita assume um formato híbrido entre relato sensível e reflexão teórica. O percurso descrito busca compreender o autorretrato não como representação verossímil do eu, mas como campo de transitoriedade, gesto inacabado e presença em construção. A fundamentação se dá por meio de autores como Cecília Salles (1998), Fayga Ostrower (2001), Katia Canton (2003) e John Dewey (2010), que contribuem para pensar o processo artístico como forma de conhecimento, experiência estética e prática pedagógica. É um lugar de escuta, de enraizamento e de vôo (ou algo do gênero, pois a imaginação faz voar): é a partir da vivência do autorretrato que emergem os temas da subjetividade, da fruição e da mediação estética. O trabalho aponta para a importância de compreender a autoimagem como linguagem e como uma contribuição potente no campo da arte-educação. Ao partilhar o processo de criação e reflexão em torno do próprio rosto, o autor propõe uma leitura do autorretrato como prática formadora, que estimula o autoconhecimento, a expressão sensível e o diálogo com o outro. Nesse sentido, se estabelecem relações diretas com a fruição artística como experiência formativa que se aprofunda em uma dissertação de mestrado. O olhar sobre si, o registro do gesto e a construção imagética tornam-se dispositivos que abrem espaço para a escuta, a relação e o afeto — aspectos essenciais no campo da educação em arte. Ao valorizar

o inacabado, o processo e a repetição, o autorretrato ultrapassa o campo da representação e se transforma em plataforma sensível de encontro, imaginação e construção de presença. Um gesto que se prolonga e se reconfigura ao longo do processo, reafirmando que na arte — e especialmente na arte que se permite refletir sobre si mesma — o processo é, por si, forma de conhecimento e de partilha.

Palavras-chave: autorretrato, autoimagem, processo de criação artística, fruição estética, arte-educação, gesto inacabado.

Jardim colorido de todo mundo

Ana Helena Rizzi Cintra

Resumo

O “Jardim colorido de todo mundo”, também chamado “Natureza das crianças”, (nomes por elas escolhidos), é um pequeno ambiente da Creche Pré-Escola Saúde da Universidade de São Paulo onde, desde 2023, têm lugar vivências coletivas significativas com as crianças de todas as idades (1 a 6), a partir do cuidado de diversas espécies, plantadas ou nascidas espontaneamente nos vasos e floreiras. No jardim, acontecem brincadeiras, experimentos, observações, diálogos e muitas expressões infantis integrando os diversos campos de experiência. Apesar de estar cercada pelo jardim do campus da Faculdade de Saúde Pública, essa unidade de Educação infantil não possuía muitos espaços com terra e plantas muro adentro. Assim, um dos principais objetivos da proposta foi trazer às crianças a possibilidade de estar cotidianamente num espaço mais provido de elementos da natureza, mais acolhedor, cheio de possibilidades sensoriais e, claro, mais bonito. Além disso, era notório que os grupos de crianças da unidade, após a pandemia de covid-19, tinham maior dificuldade de se envolver em propostas coletivas em geral, e de lidar com tempos mais orgânicos de desenvolvimento de atividades cotidianas e pedagógicas. Presenciar as transformações que acontecem, em si próprios e no jardim, se tornou uma forma de lidar com essas questões. Avaliou-se que aprender a ver seu entorno, distinguir diferentes formas de vida, observar as plantas e insetos em sua dinâmica e interação, e expressar essas descobertas em suas brincadeiras, por meio de diversas linguagens, inclusive com o apoio de recursos materiais do próprio jardim, como folhas e sementes, aproximou as crianças entre si e ampliou sua experiência estética e crítica de leitura do mundo, suscitando questões e fomentando a elaboração de respostas.

Palavras-chave: educação infantil, arte educação, educação ambiental, horta escolar, campos de experiência.

Criação de brechas como abordagem para pensar relações multiespécie como novas formas de aprendizado

Camila Reginaldo Johansen Longo

Resumo

A existência é líquida, o gesto, a percepção e a criatividade são fluidas e evaporadas pelo corpo que umedece o entorno, ocupando o espaço e o outro, entrando nos pulmões ficando na superfície dos seres ao redor, sendo absorvida e também transformada em suporte de trânsito dos sons, das palavras, dos movimentos e do contato, como coloca o autor Gandhi Piorski em “A Criança E As Água” (2024). Este resumo busca pensar a arte educação nessas águas, nas brechas que são abertas por elas nas rochas do espaço e tempo e na remodelação contínua destas brechas, na formação de paisagens a partir delas, na alteração do mundo pelo contato com corpos que o integram e interagem entre si em momentos fugazes, como a árvore que assiste à uma aula através da janela do lado de fora da sala de aula e também troca conhecimentos. A dessacralização da concepção de ensino e aprendizagem é importante para a compreensão de que essas instâncias foram feitas à forma e imagem humana, estamos acostumados a designar o conhecimento e a arte à humanidade, o que de fato é dela, e afastar o entorno colocando-o como objeto de investigação e trânsito humano. Neste sentido, toda a ação que descende da produção de conhecimento previamente concebida como parte da evolução e curiosidade humana, reafirma violências mantidas pelo neoliberalismo e pela busca constante da modernidade e do avanço do mundo, colapsando em si o tempo e a memória. Proponho pensar em arte educação fora desses moldes, o que é, em realidade, pensar no avesso do que consideramos educação e arte, dar um passo para trás para que possamos enxergar o que está em volta da ideia de ensino, aprendizagem e arte e que integram o cenário onde o corpo se situa, incluir em si todas as relações inter-corpóreas e multiespecíficas que constituem a existência e como o conhecimento transita pelo espaço molhado por estes seres. Uma vez que toda ação humana em ambientes de aprendizagem são permeados pelo

antropocentrismo sistêmico, o questionamento das nossas relações e posições entra como criador de frestas, mesmo que estas sejam fechadas em seguida por forças do entorno capitalista e ocidental em que nos encontramos, assim o acúmulo desmedido de dúvidas e passos para trás entra como uma abordagem onde o jogo de criação de brechas é a chave para situar continuamente o corpo em meio ao mundo e perceber como esse mundo também ensina. Nessa perspectiva, entendendo a percepção e o gesto dos corpos como já uma forma de conhecimento completo em si mesmo e sempre com espaço para se aglutinar a mais experiências corpóreas, as fronteiras que limitam nossa experiência com outras espécies e formas de aprender são afinadas, desgastadas pela umidade e movimento, fazendo transbordar a arte e o ensino para uma nova forma de atravessar a vida, inundando o mundo.

Palavras-chave: arte, corpo, educação, multiespécie.

Trajetórias na arte-educação: um olhar a partir da escrevivência

*Sara Guimarães da Silva
Camila Josefa Nunes Rossato*

Resumo

O artigo propõe a reflexão sobre como a trajetória e a ancestralidade individual podem influenciar a arte-educação, os arte-educadores e estudantes, sendo um estudo sobre a transformação ecológica e social a partir de narrativas pessoais nascidas do encontro entre as pessoas presentes no espaço escolar e universitário. A proposta está pautada em estudar a relevância da escrevivência, conceito desenvolvido pela escritora Conceição Evaristo, do qual consiste no registro pela escrita de vivências, lembranças e sonhos particulares, em especial de mulheres negras e pessoas que se encontram em lugares de marginalização social. O objetivo é reverenciar o espaço de encontro e de possibilidades para sonhar com um futuro mais democrático e igualitário, e, reunir diferentes perspectivas para questionar o futuro que nos aguarda. A pesquisa pretende promover estudos teóricos baseados em educadores como Ana Mae Barbosa, Silvana Mendes, bell hooks e Paulo Freire como ponto de partida e fundamento para pensar a prática de uma educação que aproxima e compreende que todas as pessoas presentes na sala de aula têm espaço para serem protagonistas. Como foco, as escrevivências pretendem responder às seguintes perguntas disparadoras: Como começou a sua história de vida? e Como você sonha o seu futuro? e a partir delas, no ambiente educativo, mapear as raízes dessas pessoas e para onde elas e seus rios querem fluir.

Palavras-chave: escrevivência, arte-educação, trajetória, saberes.

Brincando com o mundo: buscando formas de resgatar a experiência

Helena Tavares Coutinho Pinto da Silva

Resumo

A experiência, aquela através da qual nos conectamos com o mundo, com os outros e com nós mesmo, morreu. É isso que argumentam Walter Benjamin e Giorgio Agamben em muitos de seus textos. Este trabalho, desta forma, pretende investigar a morte e as possíveis formas de reavivar esta experiência. Desde a modernidade, as guerras e catástrofes teriam minguado a possibilidade de compartilhar experiências — o “minúsculo corpo humano” teria sido engolido pelo campo de forças destrutivas. Atualmente, percebemos que a morte da experiência vem a partir de uma catástrofe que aparenta ser muito mais ‘pacífica’ — que não se apresenta como guerras e explosões —, mas que, na verdade, é tão destrutiva quanto: as grandes cidades. Muitas vezes a urbanização exacerbada não nos parece tão desorientadora, apenas porque já estamos anestesiados por seu bombardeio de estímulos. O cotidiano da pessoa contemporânea é afogado pela velocidade exigida por um sistema capitalista: não se anda na cidade como um ‘flâneur’ e sim se corre ao trabalho, com os sentidos atormentados por edifícios e carros; não se lê um livro ou assiste à televisão sem ser bombardeado de informações e notícias às quais não se consegue se relacionar pela distância não apenas física mas também pela indiferença ao mundo coletivo. O que chamo de ‘resgate à experiência’ é, desta forma, uma tentativa de buscar maneiras pelas quais seja possível reavivar, ao mínimo, uma forma de experimentar o mundo, ou, pelo menos, reinventar. Busco na infância e no brinquedo um esforço de rever as formas de experimentar desde os princípios da vida humana. Ver o mundo com certa ludicidade é especialidade das crianças, e é essa ludicidade que talvez possa salvar a experiência. Compreendo aqui todos os desafios que esse tópico carrega: de certa forma, está sendo sugado, também, pela fugacidade da ‘experiência’ capitalista. Deste modo, tento pensar maneiras de repensá-lo de forma a resgatar uma ‘experiência verdadeira’, buscando saídas, muitas vezes, num passado distante de toda a pressa

de viver, ou então, em formas atuais de viver que se fazem presentes e divergem do sistema em que estamos inseridos. O resgate ao passado, aqui, não se coloca como uma rejeição da modernidade, mas sim, como menciona Svetlana Boym, uma anti-modernidade. Resgatar o passado se assemelha, assim, ao sentimento de nostalgia relatado pela autora. Resgatar o passado não pode ser de fato relacionado ao que já passou, mas só pode dizer respeito ao futuro: não se pode resgatar o passado quando se pensa sobre as questões do presente, é possível, sim, tangenciá-lo, mas nunca retomá-lo inteiramente. O passado e o futuro são codependentes entre si, e a estrutura temporal se mescla no momento em que a experiência — passado — não pode existir sem uma expectativa retroativa — futuro. Olhar pro passado nada mais é que ansiar um futuro diferente. E no resgate ao lúdico infantil, ao brincar na rua, aos brinquedos do chão, poderíamos imaginar, e experimentar, um mundo novo.

Palavras-chave: brinquedos, experiência, lúdico.

Minidicionário Ilustrado do Dialeto Caipiracicabano

*Viviane Rodrigues Mestre Ruiz
Tânia Cristina Desiderio da Silva
Tatiane Vieira Martins
Luciene de Albuquerque Santos
Gabriela Aparecida Antônia da Silva
Michelle Damásio da Silva*

Resumo

Este trabalho apresenta o percurso desenvolvido para elaboração do Minidicionário Ilustrado do Dialeto Caipiracicabano, desenvolvido na disciplina Projeto Integrador I, do Curso de Pedagogia da Universidade Virtual do Estado de São Paulo- UNIVESP- em 2024 com estudantes do terceiro ano de uma escola municipal da cidade de Piracicaba. O objetivo geral foi utilizar elementos da cultura “caipiracicabano” como ferramenta para facilitar o processo de aprendizado de leitura e escrita de estudantes. Como objetivos específicos se pretendeu identificar junto aos estudantes seus conhecimentos e experiências vivenciadas na cidade de Piracicaba; conhecer a história da fundação da cidade de Piracicaba e seus reflexos socioculturais que levaram a criação do dialeto caipira; e demonstrar por meio da produção do Minidicionário Ilustrado junto aos estudantes as impressões vivenciadas por eles no processo de imersão na cultura de Piracicaba. Foi adotada uma abordagem histórico-cultural sobre a formação da cidade de Piracicaba e suas implicações no surgimento do dialeto “caipiracicabano” patrimônio imaterial da cidade. Foi elaborada pesquisa bibliográfica sobre a cultura de Piracicaba, seleção dos lugares (turísticos ou não) considerados importantes, personalidades de destaque nas mais diversas áreas de atuação e das manifestações culturais características de Piracicaba. Adotou-se como metodologia múltiplas linguagens: obras ilustradas de autores de Piracicaba, pinturas de José de Almeida Junior, música caipira, literatura infantil com destaque para as lendas da cidade de Piracicaba e oficina de desenho com importante artista local, João Paulo Arioze (Peixe Pichado). Foram realizados cinco encontros presenciais com os estudantes para explorar a cultura de Piracicaba por meio de pinturas, fotografias, elementos culturais, e paisagens como: Rua do Porto, passeio de balão, navegação

no Rio de Piracicaba, Prédio do Engenho, Festa do Divino, Casa do Povoador, mascote do Quinze de Piracicaba; comidas típicas como a pamonha, cuscuz, churrasco de peixe assado, Elevador Turístico do Alto do Mirante, xilogravura, de Ricardo Lemaire de Moraes, com imagens de violeiros caipiras, pássaro, o peixe e a vida cotidiana; Foi elaborada uma Reta Histórica Ilustrada para conhecer a fundação da cidade com ilustrações de Olavo Costa do livro “Piracicaba a cidade da Gente”. A elaboração do Minidicionário Ilustrado priorizou a leitura de mundo dos estudantes que selecionaram as palavras do Dicionário do Dialeto Caipiracicabano, de Cecílio Elias Netto e ilustraram seus significados, após vivenciarem a cultura produzida na cidade. O Minidicionário foi impresso e encadernado em capa dura confeccionada pelo artista João Paulo Arioze (Peixe Pichado). Os estudantes ficaram comovidos ao ver o resultado de um trabalho produzido por eles sobre a cultura de sua cidade que estará disponível na biblioteca da escola para o aprendizado de outros colegas. Os resultados indicaram que o contato com a cultura e o modo de ser e falar de Piracicaba, ampliou o repertório linguístico, histórico e cultural dos estudantes com reflexos significativos em sua leitura e escrita, aprofundou a percepção dos estudantes sobre si próprios, sobre o outro, e os colocaram no centro da história como partes integrantes da cultura caipiracicabano. A utilização da arte conferiu sentido e significado ao aprendizado.

Palavras-chave: multiculturalismo, linguagem, arte, pertencimento, dialeto caipiracicabano.

Marepe: arte sem medo de errar

Ronaldo Bertaco

Resumo

A arte de Marepe é reconhecida por sua capacidade de provocar reflexões e diálogos sobre temas contemporâneos, utilizando materiais e formas que dialogam com a cultura popular e o cotidiano. Sempre esteve ligado ao seu local de origem, Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano. Iniciou os cursos de Arte e de Agronomia, mas não os concluiu e nem foi para a Alemanha quando ganhou uma bolsa de estudos para artistas premiados. Olha para o próprio território, valorizando matérias e pessoas do entorno dele, a partir do que sua obra abre possibilidades de múltiplas leituras. Ao verificar que utiliza elementos da cultura local e materiais do cotidiano para criar seus objetos e instalações, transformando o comum em algo que instiga a reflexão, suas obras convidam o espectador a não apenas observar, mas a interagir e a se questionar onde está. Essa interatividade pode despertar o interesse dos estudantes, em sala de aula, para diferentes temas, incluindo o medo de criar, seja ele individual ou coletivo. Pode servir como exemplo para mudanças de atitude frente ao medo de criar, pois apresenta elementos que evocam a fragilidade, a incerteza e a vulnerabilidade. Sua obra pode ajudar pessoas a se confrontarem e refletirem sobre esses sentimentos de maneira construtiva. Ao desmistificar o medo de criar e apresenta-lo de uma forma que possa ser discutida e contemplada, a obra de Marepe pode incentivar o espectador a enfrentar suas próprias inseguranças e a perceber que o medo pode ser uma parte da experiência humana, mas não deve ser um obstáculo. A instalação "Cânone ", apresentada na 27a. Bienal de São Paulo, em 2006, tornou-se icônica e facilmente reconhecida pelos guarda-chuvas pendurados de forma simples para que as pessoas circulassem sob sua suposta "proteção ". Esse é um dos muitos exemplos estéticos disponíveis e ofertados pela obra de Marepe, todos instigantes, que permitem interpretações acessíveis a todos, e, assim, facilmente permeáveis à aceitação estudantil. E, necessário dizer, sempre está presente nas intenções desse artista baiano uma irresistível pitada de bom-humor. Isso pode servir de inspiração

para que as pessoas reavaliem suas próprias experiências e reações, o que não só passa a ser uma expressão estética, mas também uma ferramenta interdisciplinar de diálogo e transformação pessoal e social. Abrindo espaço para reflexões sobre o medo de criar proporciona oportunidades para que todos possam encontrar novas formas de agir e de se relacionar com suas emoções.

Palavras-chave: arte, inspiração, medo de criar, ação estética, interdisciplinaridade.

Reflexões didáticas no estágio de arte para pessoas com deficiência

*Eliane Aparecida Andreoli
Andressa Sant'Ana Santos Ribeiro
Isadora Coelho da Rocha
Jose Americo Fortunato Ferreira
Roberta Pereira da Silva*

Resumo

Este resumo apresenta as experiências didático-pedagógicas das oficinas de arte desenvolvidas no estágio supervisionado na Associação de Pais e Amigos da Pessoa com Deficiência (APADE). Com a supervisão de um grupo de quatro estagiários licenciandos em artes, busca-se compreender como suas expectativas, receios e interesses foram ressignificados ao longo do processo educativo. O estágio, em andamento há mais de dois meses, tem se consolidado como um espaço dinâmico de aprendizado e experimentação. Inicialmente, os estagiários acreditavam que seu papel se restringiria à observação e assistência nas atividades. No entanto, a autonomia concedida pela instituição permitiu que participassem ativamente no desenvolvimento de práticas criativas, sem barreiras, contribuindo para metodologias adaptadas ao perfil dos alunos. Esse processo ampliou o repertório pedagógico dos estagiários e transformou suas percepções sobre o ensino da arte para pessoas com deficiência. A descoberta do potencial criativo dos alunos da APADE foi um dos aspectos mais marcantes. O contato com suas produções revelou a intensidade do processo criativo e a sensibilidade com que se envolvem nas atividades. Além das técnicas ensinadas, a arte-educação mostrou-se fundamental na mediação do conhecimento, fortalecendo a inclusão social, a expressão artística e o pensamento crítico. A experiência também influenciou a criação de um projeto de pesquisa no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O estudo busca analisar estratégias e atividades adaptadas ao ensino da arte, avaliar o impacto das propostas desenvolvidas e organizar uma exposição coletiva dos trabalhos dos alunos. Essa abordagem integrada reforça o compromisso com o ensino inclusivo e engajado. Ao longo das oficinas, os estagiários identificaram desafios inerentes à diversidade dos

alunos. Cada participante traz sua subjetividade e ritmo próprio, exigindo adaptações contínuas na condução das atividades. A observação cuidadosa e a interação direta permitiram um ensino mais personalizado, favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento artístico dos alunos. Mais do que um estágio acadêmico, essa experiência tem sido um exercício de construção de conhecimento e de transformação de perspectivas. O aprendizado mútuo reafirma o papel da arte como ferramenta pedagógica e de inclusão. A afetividade na relação educador-aluno, como defendido por Paulo Freire, fortalece os vínculos e torna o ensino mais significativo. A troca de saberes evidencia o impacto do estágio supervisionado na formação dos licenciandos e na ampliação de espaços para que pessoas com deficiência ocupem seu lugar na sociedade, seja na educação, na cultura ou em outras áreas. O desafio não está apenas na adaptação das metodologias, mas na construção de um ambiente acolhedor, onde cada indivíduo possa reconhecer e expressar seu potencial criativo. A vivência reforça a necessidade de atuar como arte-educadores em espaços que promovam a inclusão e o desenvolvimento humano por meio da arte.

Palavras-chave: inclusão, arte-educação, estágio supervisionado, criatividade, transformação.

Arte Def: o jardim urbano pintado por Ana Amália

*Ana Amália Tavares Bastos Barbosa
José Minerini Neto*

Resumo

O edifício sede do Itaú Cultural situado na Avenida Paulista nº149 em São Paulo – SP possui em sua fachada um assento de concreto, que desde 2018 recebe de três em três meses pinturas de artistas convidados pelo Núcleo de Artes Visuais e Acervos deste instituto cultural. Trata-se do Projeto Arte Urbana, que em 2025 tem como tema Jardim Urbano e dentre os artistas convidados está Ana Amália, artista visual DEF (com deficiência), que em 2002 teve um acidente vascular cerebral (AVC) e desde então tornou-se tetraplégica, muda e disfágica, porém, com a intelectualidade totalmente preservada. Com ampla formação nacional e internacional, antes disso Ana Amália dedicava-se ao universo da gravura. Pós AVC passou a pintar com o queixo, uma das poucas partes de seu corpo que possui movimentos voluntários. De imediato, essa prática - feita em sessões de terapia ocupacional - tinha por objetivo reestabelecer a gustação perdida por ela no AVC. Aos poucos, tornou-se sua nova atividade artística, dando origem à sua incursão no universo da pintura que desenvolve até hoje. Ao ser convidada para pintar o referido assento e perceber que as dimensões são muito maiores do que ela em sua imobilidade corporal, escolheu pinturas feitas previamente em pequenas dimensões e que foram projetadas e pintadas no espaço por dois assistentes, sendo planejada para ficar exposta entre maio e julho de 2025, quando outro artista pintará no mesmo lugar. Todo o feito dessa pintura foi registrado e documentando pela artista em seu diário virtual, que foi a base para um podcast gerado por inteligência artificial no qual este processo é narrado. Nele se explora essa notável jornada de Ana Amália, que, além de ser artista visual é também arte/educadora e enfrentou os desafios postos pela vasta dimensão do assento pintado, o que configura essa obra como pintura colaborativa e que simboliza a complexa interação da artista entre mobilidade e fixidez ao apresentar flores e árvores enraizadas junto a cadeiras de rodas que florescem. Com duração de 5'45",

o referido podcast será apresentado para escuta no IV Congresso da Organização Paulista de Arte Educação ConOPAE junto às fotografias que documentam o processo e às pinturas que deram origem ao jardim urbano da artista, que, mesmo imobilizada não fixa raízes e, caudalosa, espalha sementes de arte, educação, inclusão e colaboração por onde passa.

Palavras-chave: arte DEF, educação, inclusão, colaboração.



Entre rios e raízes:
Arte Educação como
semente

Territórios do hoje e do amanhã

EIXO 9

(ciências ambientais)

O projeto Combinando Palavras e os saberes docentes: os possíveis entrelaçamentos entre a arte, a literatura, as diversidades e a Geografia

*Odair Ribeiro de Carvalho Filho
Caroline Vieira de Souza
Andrea Coelho Lastória
Sandra Maria Maciel Nunes*

Resumo

A profissão docente carrega consideráveis expressões, sentidos e saberes que são pensados e praticados na escola para o desenvolvimento social e intelectual das crianças e jovens no Brasil. Partindo desta premissa, este trabalho objetiva relatar e analisar um conjunto de práticas pedagógicas realizadas, entre os anos de 2019 ao 2025, em uma escola do Centro Paula Souza, no município de Ribeirão Preto/SP. Estas práticas estão vinculadas ao projeto Combinando Palavras, uma das atividades educativas da Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto/SP (FIL). O referido projeto elege autores brasileiros cujas obras e biografias são pesquisadas por estudantes das escolas participantes para, em seguida, construírem releituras artísticas e culturais por meio de vídeos, esculturas, desenhos, pinturas, apresentações musicais, de dança e de teatro, as quais são entregues para o próprio autor no Teatro Municipal de Ribeirão Preto. A escola ETEC José Martimiano da Silva participa desde o ano de 2019, com os seguintes autores: Renan Inquerito (2019), Luisa Romão (2021), Sérgio Vaz (2022), Cristiane Sobral (2023), Márcia Kambeba (2024) e Cidinha da Silva (2025). As práticas desenvolvidas buscam a materialização de uma práxis pedagógica de Geografia, ancorada em conteúdos do campo da literatura e da arte afro-indígena brasileira, de forma contextualizada e interdisciplinar. O projeto alinha-se a prática da educação das relações étnico-raciais quando busca reconhecer e valorizar a história, a cultura e a identidade das populações afro-indígenas, destacando a importância da pluralidade e diversidade étnico-racial que compõe a população brasileira. Neste sentido, as práticas pedagógicas desenvolvidas por meio do projeto Combinando Palavras promovem uma educação antirracista ao incluir no currículo oficial/real/oculto o ensino da história e cultura da população afro-

indígena. Reconhecemos que a escola tem papel fundamental nesta luta quando desenvolve pedagogias de combate ao racismo e todas as formas de discriminação e preconceito. Reconhecemos, ainda, a centralidade do professor, mediador do processo de formação dos sujeitos escolares, na construção de saberes e de consciência crítica dos(as) estudantes, dotando-os de autonomia e de capacidade de intervenção no mundo. Além de atuar na condução de práticas educativas, em projetos como esse, o professor tem a oportunidade de explorar os mais diferentes saberes que constituem sua profissionalidade docente, especialmente aqueles provenientes da experiência, agora ressignificados segundo os saberes da sua formação profissional, dos saberes disciplinares apreendidos ao longo de sua formação e, também, de seus saberes curriculares. Este trabalho é desenvolvido em uma abordagem qualitativa por meio de revisão bibliográfica, apresentação e discussão de releituras artísticas dos estudantes e reflexões autorais com base na experiência acumulada em relação a docência e o projeto Combinando Palavras. Consideramos, preliminarmente, que as práticas pedagógicas realizadas proporcionam o acesso a cultura, arte e literatura afro-indígenas e marginais para os estudantes da ETEC e os(as) auxiliam a (re)pensarem seu papel no mundo de forma autoral, protagonista, pró-ativa e esclarecida, frente ao cenário de disparidades presentes na sociedade.

Palavras-chave: combinando palavras, saberes docentes, geografia, arte, literatura.

Do espaço vivido à expressão artística: interdisciplinaridade e sustentabilidade no ensino de geografia

*Juliana Davanzo Dionisio Bueno de Camargo
Joana Gabriela Coutinho Soares
Andrea Coelho Lastória*

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma possibilidade de interdisciplinaridade entre Geografia e Artes a partir da BNCC e Currículo Paulista da disciplina de Geografia. Para este estudo será analisado o resultado de uma atividade desenvolvida durante a aula de Geografia, envolvendo desenhos e colagens de uma paisagem preservada e uma paisagem degradada utilizando elementos naturais coletados na própria escola. Essa prática foi aplicada por uma estudante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do núcleo de Licenciatura em Ciências Agrárias da ESALQ/USP e sua professora supervisora em uma turma do sexto ano do ensino fundamental da escola estadual Programa Ensino Integral Comendador Luciano Guidotti, no Município de Piracicaba no ano de 2025. No ensino de Geografia, entende-se que a observação das formas, funções, processos e estrutura da paisagem podem contribuir para aproximar o aluno ao objeto estudado, proporcionando o entendimento de sua dinâmica a fim de tornar a aprendizagem mais significativa. Dessa forma, o docente deve utilizar recursos metodológicos para que, a mediação entre o aluno e o objeto de estudo promova a formação de saberes. A Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa fundamenta-se em três pontos: Leitura, Prática e Contextualização, propondo uma aproximação com a vivência artística, valorizando o contexto do educando de forma significativa no processo de ensino-aprendizagem. Desenvolver o estudo a partir do espaço vivido e aliando-se com as artes é possível estimular a criatividade, expressão individual e coletiva, ajuda os alunos a tornar o conhecimento mais significativos, desperta no estudante o sentimento de pertencimento do seu local e promove a cidadania. Sendo assim, os estudantes fizeram uma atividade para comparar três imagens que mostraram o projeto de retificação do Rio Pinheiros, em São Paulo – SP, nos anos de 1930, 1936

e 2017. A partir desse estudo, fizeram também a análise de imagens da canalização do Córrego Itapeva, em Piracicaba – SP, onde foi construída a avenida Armando de Salles Oliveira sobre o córrego, em 1957 pelo prefeito Luciano Guidotti, patrono da escola objeto de estudo. Como proposta de atividade, os alunos foram convidados a representar uma paisagem preservada e uma paisagem degradada através de desenhos e colagens com elementos da natureza como folhas, terra, sementes de paineira, pedra, frutos que foram coletados no espaço da própria escola. Após a atividade prática, foi promovido uma roda de conversa, em que os estudantes puderam refletir sobre os impactos causados pelo ser humano na paisagem, como as enchentes e desenvolver a consciência de sustentabilidade. Ao fim, foi realizado uma exposição dos trabalhos. Um debate interdisciplinar oferece melhor aproveitamento e aprofundamento dos questionamentos. No caso desta atividade, a contextualização oferecida pela geografia dialogou com a abordagem triangular das artes. Nota-se que a prática artística em ambiente externo a sala de aula aproximou a geografia das metodologias ativas o que pode tornar o aprendizado efetivo e mais conectado a realidade do aluno.

Palavras-chave: artes, sustentabilidade, geografia, interdisciplinaridade, paisagem.

Gabinete da Bagunça Curiosa: Arte-educação-ambiental e geociências em diálogo no território.

Ana Karoline de Oliveira Costa

Resumo

A proposta deste trabalho é apresentar os resultados de uma pesquisa interventiva realizada com arte-educadores do Programa de Iniciação Artística da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (PIÁ-SMC), que investigou de que maneira a arte pode contribuir para uma educação ambiental crítica e contextualizada. Partindo do entendimento de que o ensino das geociências, aliado à educação ambiental, favorece uma leitura sistêmica do território, o projeto buscou integrar linguagens artísticas às temáticas ambientais por meio de um recurso didático inédito: o Gabinete da Bagunça Curiosa, desenvolvido durante os estágios das disciplinas de Metodologia do Ensino em Geociências II e Práticas do Ensino em Educação Ambiental, do curso de graduação do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (IGC-USP). O Gabinete da Bagunça Curiosa é um recurso lúdico e visual que articula categorias como “Planeta Terra”, “Polêmicas Ambientais” e “Ciclos e Sistemas”, organizadas em cartas que convidam os educadores a criarem narrativas e atividades artísticas com base em conceitos geocientíficos. Seu objetivo é estimular práticas pedagógicas interdisciplinares que traduzam fenômenos naturais e questões ambientais em experiências sensoriais e reflexivas, fortalecendo a consciência ecológica a partir da realidade local. A metodologia empregada foi a da pesquisa-intervenção, com observação participante das oficinas e posterior aplicação do Gabinete como ferramenta catalisadora de diálogo entre arte, ciência e território. Os dados foram registrados em diário de campo e sistematizados em tabelas e gráficos. Os resultados revelaram, por um lado, o potencial do recurso para fomentar a interdisciplinaridade entre arte e geociências, favorecendo uma abordagem mais sensível e territorializada da educação ambiental. Por outro lado, evidenciaram a limitação conceitual dos arte-educadores em relação às geociências e aos processos naturais do planeta, o que compromete a profundidade das conexões possíveis. A análise apontou que, embora

haja abertura para integrar essas temáticas às práticas artísticas, é necessário fortalecer a formação dos educadores quanto aos fundamentos das ciências da Terra. Assim, o Gabinete da Bagunça Curiosa revelou-se uma ferramenta potente para provocar reflexão e diálogo entre arte, ciência e território, mas também indicou a urgência de processos formativos contínuos que sustentem essa integração. A experiência confirma que, para que a interdisciplinaridade se concretize de maneira crítica e transformadora, é essencial investir tanto na criação de materiais inovadores quanto na capacitação dos profissionais que os utilizam.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, educação ambiental crítica, arte-educação, geociências, recurso didático, território.

Mapa mental colaborativo: percepções de intervenção de Educação Ambiental no Museu de Geociências da USP

*Priscila de Cassia Silva
Leonardo José Cappucci*

Resumo

O presente estudo teve por objetivo avaliar as percepções dos visitantes do Museu de Geociências da USP, campus Butantã – SP, em relação a uma atividade lúdica oferecida após a visita mediada à nova exposição. A proposta consiste em um mapa mental colaborativo, elaborado como complemento à área dedicada ao Antropoceno, que se encontra disposta em armários expositivos com elementos extraídos da terra e suas finalidades na indústria e nos objetos do cotidiano. O material é composto por um layout de mapa mental em branco, impresso e plastificado, no qual são inseridas ilustrações temáticas – também impressas e plastificadas – que permitem a criação de diferentes cenários. A atividade propõe a escolha de temas como “consumismo”, “mineração realizada de maneira indiscriminada” e “superpopulação e moradias irregulares”. A partir da seleção de um tema central, os participantes escolhem, entre diversas imagens, os desdobramentos dessas situações, culminando em uma breve discussão orientada sobre os impactos socioambientais associados. Ao trabalhar questões como poluição, riscos e desastres socioambientais, preservação da biodiversidade, consumo responsável e mudanças climáticas, a atividade visa estimular o pensamento crítico dos visitantes, promovendo uma reflexão sobre a forma como os recursos naturais vêm sendo utilizados e sobre caminhos possíveis para um uso mais consciente e sustentável. Mais do que transmitir informações, a proposta busca dialogar com o público de forma acessível, despertando o interesse e o engajamento ativo dos participantes, independentemente de sua formação prévia. A criação de um espaço de escuta e troca, aliado ao caráter interativo da atividade, fortalece a Educação Ambiental crítica, aproximando o conteúdo científico do cotidiano das pessoas e incentivando a construção de uma consciência ambiental mais reflexiva e transformadora. A intervenção se insere a partir de uma análise da nova exposição do Museu de Geociências, que apresenta uma linha do tempo desde a origem do

universo até as transformações geológicas da Terra. Embora a seção dedicada ao Antropoceno seja pequena em relação às demais, ela tem se destacado como um ponto de interesse e debate, oferecendo oportunidades valiosas para refletir sobre a atuação humana no planeta e os desafios para o futuro.

Palavras-chave: educação ambiental, museus e mediação, geociências.

Arte educação na formação de professores de ciências

*Mateus Hurbano Bomfim Moreno
Taitiany Karita Bonzanini*

Resumo

O Ensino de Ciências requer dos professores a mobilização de competências e a seleção de recursos de ensino atrativos e dinâmicos, que diferem das aulas tradicionalmente expositivas. Nesse sentido, a arte educação estar presente nos cursos de licenciatura favorece a sensibilização de futuros professores sobre formas de ensinar que sejam criativas, envolventes e motivadoras, à medida que constitui um elo de ligação entre o ser e o fazer docente. Para discutir essas questões, no presente artigo, são analisados registros de observações participantes realizadas no período de um semestre, na disciplina Didática, em duas turmas de estudantes de um curso de Licenciatura de uma Universidade Pública do Estado de São Paulo: turma 1 constituída por 45 estudantes, observada no ano de 2023, e turma 2, com 26 estudantes, observada no ano de 2024. A disciplina em questão aborda Arte e Ciência na formação de professores, utilizando seus diversos formatos, como fotografias, filmes, curta-metragem, músicas, poemas, pinturas, esculturas e teatro tanto para abordar conteúdos específicos presentes no programa curricular como também para que os estudantes pudessem planejar aulas a serem ministradas nas atividades de estágio curricular obrigatório em escolas de Educação Básica. O objetivo era que os alunos pudessem compreender a relação entre a Arte e o Ensino de Ciências de uma forma prática e intrínseca ao fazer docente, para que, enquanto futuros professores entendessem tal relação como fundamental para o desenvolvimento humano e social, e como uma ferramenta didática favorecedora da construção de competências e habilidades que ultrapassam a mera aquisição de um conhecimento científico de forma técnica, mecanizada, e desconectado das diferentes formas de interagir, expressar, comunicar e refletir sobre o papel de cada ser no ambiente que habita. Observou-se, durante as aulas, uma atitude participativa dos licenciandos, os quais eram orientados a analisar o papel da Arte na Educação em Ciências e suas

contribuições para o ensino e a aprendizagem, criando novas possibilidades de conectar o conteúdo com os educandos à medida que essas duas áreas compartilham formas de provocar a curiosidade humana, a criatividade e o desejo de entender o mundo. Muitos recursos artísticos foram utilizados, também, para discussões sobre formas viáveis de estabelecer maiores conexões entre estudantes e professores, principalmente com relação a valorização da diversidade e heterogeneidade, já que a aprendizagem é individual e requer a mobilização de diferentes sentidos, e a inclusão de pessoas com deficiência ao considerar que uso de objetos táteis, diferentes tipos de sons, imagens, representações artísticas, configuram instrumentos para que o professor apresente de forma concreta determinados conceitos científicos abstratos. Outra características observada nas aulas foram as propostas de inserção de diferentes artes em um planejamento didático, desafiando os licenciandos a pensarem organizações de aula que não se limitassem ao formato tradicional de ensino, mas que através de um recurso artístico os conteúdos de Ciências pudessem ser estudados. A organização da disciplina considerou o uso da Arte para que os participantes vivenciassem experiências educativas de arte educação e, assim, recebessem uma formação teórica e prática capacitando-os para o exercício da profissão.

Palavras-chave: formação de professores, arte e ciência, ensino.

A presença do ensino de Geografia nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): aproximações possíveis nos Anos Iniciais

*Thais Angela Cavalheiro de Azevedo
Andrea Coelho Lastória
Sonara Souza
José Faustino de Almeida Santos*

Resumo

Neste trabalho, propomos uma reflexão teórica sobre as aproximações entre o ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), estabelecidos pela Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). Com abordagem qualitativa, realizamos uma análise documental da própria Agenda 2030 e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que se refere à etapa dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo de identificar interfaces entre os princípios formativos dos ODS e o currículo educacional voltado à Geografia escolar. Em diálogo com autores como Freire (1996), Cavalcanti (2019) e Gadotti (2008), discutimos o papel da Geografia na construção de uma consciência socioespacial desde os primeiros anos da escolarização, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, sensíveis às dinâmicas territoriais e comprometidos com os valores da cooperação, da diversidade, da justiça social e da sustentabilidade. Destacamos, entre os ODS com maior afinidade ao ensino geográfico, o ODS 4 (Educação de qualidade), o ODS 6 (Água potável e saneamento), o ODS 11 (Cidades e comunidades sustentáveis), o ODS 13 (Ação contra a mudança global do clima) e o ODS 15 (Vida terrestre). Argumentamos que o ensino de Geografia, ao favorecer a compreensão das relações entre sociedade e natureza, das transformações espaciais e das desigualdades socioambientais, apresenta-se como campo privilegiado para o desenvolvimento de práticas educativas que dialoguem com os ODS. Concluimos que inserir os ODS de forma significativa no trabalho geográfico com crianças pode fortalecer aprendizagens conectadas às realidades locais, promover o engajamento dos(as) estudantes com os desafios do tempo presente e contribuir para a formação de uma cidadania crítica, ética e territorialmente situada.

Palavras-chave: ensino de geografia; ODS; anos iniciais; sustentabilidade.

Nossos mapas, nossos mares: trançando ideias de novas conquistas para o mundo

*Sandra Maria Navarro Carnesecca
Andrea Coelho Lastória*

Resumo

O presente resumo relata um trabalho realizado em uma escola particular da cidade de Ribeirão Preto, SP, com estudantes do 4º ano. Trata-se de uma produção artística que compôs um evento que envolvia toda a escola: XV Mostra Miro: FIO Toda Mostra traz consigo um tema, cuja principal função é a de unir todos os segmentos da escola, em uma mesma ideia, neste caso: FIO! A partir deste ponto, cada ano busca, realizar um trabalho artístico unindo o tema a um conteúdo trabalhado no período em que ocorre a Mostra. Imersos nas discussões sobre o contexto das Grandes Navegações e nos legados deixados pelos navegadores da época, nos propusemos a pensar sobre qual conquista desejamos para o mundo. Isso nos colocou diante de um movimento que olha, impreterivelmente, para a atualidade (em sua relação com o passado), para o coletivo e para problemas sociais mais amplos. Para aprimorar o repertório das crianças com ideias de como poderiam representar, com elementos, as conquistas que desejavam para o mundo, buscamos no site, “Mapas de crianças”, diferentes imagens dentro desta perspectiva. Inspirados na técnica String Art (técnica artesanal que utiliza linhas e pregos para criar diferentes imagens), o projeto envolveu a construção de mapas com fios, partindo de uma reflexão sobre as Grandes Navegações e a pergunta: “Qual conquista você deseja para o mundo?”. As crianças foram incentivadas a criar representações cartográficas de suas ideias, unindo áreas de conhecimentos da História, Geografia, Matemática, Arte e trabalho em grupo. O processo incluiu esboços, ampliação de desenhos, uso de moldes e alfinetes, além da execução final nos quadros. A atividade promoveu engajamento, criatividade, cooperação e consciência social. Os resultados foram diversos, uma produção estética e simbólica significativa, refletindo as conquistas desejadas pelas crianças para um mundo melhor, possibilitou desdobramentos de discussões multidisciplinares desde os problemas sociais levantados pelos estudantes, as problematizações que

as professoras puderam propor, a execução da técnica utilizada que envolveu a necessidade de conhecimentos matemáticos e criatividade. Muitas trocas de ideias para solução de problemas como: fiar de maneira forte, na mesma direção, em diferentes direções, tudo sendo feito de modo coletivo, colaborativo e cooperativo, além de, através do uso da cartografia, possibilitar a ampliação dos estudantes atuarem como protagonistas na formação de uma mentalidade cartográfica, nas novas gerações, com a leitura e interpretação de mapas.

Palavras-chave: string art, arte educação, cartografia criativa, interdisciplinaridade, conquistas sociais.

Territórios do Amanhã: um material didático propositor de conexões com as territorialidades e cidadanias

*Cau Palavicini Gallardi
Isabella de Oliveira Facin
Rosebelly Nunes Marques
Andrea Coelho Lastória*

Resumo

Neste trabalho, apresenta-se o material didático Territórios do Amanhã, um jogo de tabuleiro educativo que provoca os olhares e as interações para se voltarem a sua relação com o ambiente, ao seu redor e com os seres que o habitam. O objetivo central do material é o de articular possíveis “amanhãs”, imaginados coletivamente em uma frente agroecológica e ancestral de enfrentamento à fragmentação dos territórios e das comunidades, estas causada pelo modelo de produção vigente. A partir da proposição de simulações lúdicas busca-se gerar conexões – entre pessoas e territórios – e formar para o exercício de uma cidadania ativa e crítica. Desenvolvido pedagógica e artisticamente, o material inédito é composto por nove partes de tabuleiro conectáveis que contêm representações da paisagem do interior paulista (elementos hidrográficos, geológicos, sociais e econômicos que alteram significativamente seu entorno), e peças representando intervenções antrópicas típicas (silvicultura, pastagem, urbanização); conta também com um manual de regras, um guia para a pessoa mediadora e uma cartilha de aprofundamentos conceituais e teóricos nas temáticas abordadas pelo material. Territórios do Amanhã foi desenvolvido no contexto do Grupo de Extensão e Pesquisa em Ecologia e Manejo de Florestas Tropicais Nativas (GEPEM), do Laboratório de Silvicultura Tropical (LASTROP), do Departamento de Ciências Florestais (LCF - ESALQ/USP), sob orientação do Professor Doutor Edson Vidal, vinculado ao projeto “EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DE DENTRO PARA FORA DA UNIVERSIDADE: Parceria com o GEPEM para o Desenvolvimento de Materiais e Oficinas para Educação Ambiental e Envolvimento da População de Piracicaba-SP nas Atividades Universitárias”, entre os anos de 2022 e 2023. Ademais, contou-se com a parceria do Projeto Corredor Caipira

(Nace Pteca/ESALQ), coordenado pelo mesmo professor. Entre os anos de 2023 e 2025, o material tomou sua forma final com apoio financeiro oferecido pela Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (FEALQ) para a compra dos materiais e do Centro Avançado de Desenvolvimento de Produtos da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (CADEP/UNESP) para sua produção. Em seu período de teste (2024-2025), observou-se que o jogo, em suas dinâmicas, prioriza a cooperação e o trabalho em grupo, e mobiliza o diálogo e o respeito à diversidade. Ademais, favorece as aprendizagens ativas sobre desenvolvimento territorial, sustentabilidade, participação social e conexão e conservação de territórios. Conclui-se, portanto, que o material didático Territórios do Amanhã, delineado como um jogo, dispõe de potencialidades educativas na formação social, política, cultural e ambiental.

Palavras-chave: transdisciplinaridade, educação ambiental transformadora, sustentabilidade, impactos antrópicos, recurso didático.

Pesquisa, arte, política em rede: ações formativas, transformação e impacto ambiental

*Lilian do Amaral Nunes
Ana Marcia Akauí Moreira*

Resumo

O presente relato compartilha as idéias norteadoras da realização do FÓRUM-OPAE 2025, que está completando um ano e faz parte das ações promovidas pela Organização Paulista de Arte/Educação. Durante o ano de 2024 foram discutidas as políticas públicas de formação em âmbito geral e neste ano serão debatidas as atuais agendas na formação e práxis da arte educação ambiental, em um momento de urgências glocais. O Fórum-OPAE 2025 apresenta como tema: Pesquisa, arte, política em rede: ações formativas, transformação e impacto ambiental e propõe a realização de encontros públicos com pesquisadores/as, educadores/as, artistas e público interessado em Educação e Arte para a promoção de um debate ampliado sobre práticas formativas e suas implicações socioculturais, considerando-se as mutações climáticas e os desafios da arte/educação na contemporaneidade. O Fórum aborda a urgente necessidade de estimular a consciência socioambiental por meio da prática da arte educação e do patrimônio biocultural na formação docente, na sala de aula e em ações extra-muros escolares/museológicos. O Fórum é estruturado por quatro encontros/eixos, um a cada mês e apresenta o seguinte cronograma e temáticas: 24/05: trans-forma-ção: arte pública e educação ambiental; 21/06: Ecomuseu urbano e ações arte/educativas no contexto das cidades; 10/07: IV ConOPAE – Piracicaba (10 a 12 de julho 2025); 23/08: Arte Educação Ambiental, Arte Participativa e gestão do território. O Fórum OPAÊ tem a coordenação geral da Profª Drª. Ana Marcia Akauí e em 2025 conta com a co-elaboração e coordenação conjunta da Profª Drª Lilian Amaral. Considerando-se o cronograma dos encontros que integram o Fórum Opaê 2025, estamos em meio aos encontros 1 e 2, ou seja, em junho de 2025, antecedendo e extrapolando a realização do ConOpaê, a realizar-se entre 10 e 12 de julho do corrente ano, assim, o presente resumo, não aponta a complexidade das relação que pretendemos estabelecer, valorizando as conexões espaço temporais que localizam

o Encontro de Arte e Meio Ambiente ocorrido em 1991 no Museu de Arte Contemporânea da USP, no contexto que antecedeu a ECO 92 e o Fórum OPAÊ 2025, no contexto anterior à realização no Brasil da COP30 em novembro deste ano, constituindo um arco espaço-temporal analítico. O referencial teórico que inspira a realização do presente espaço de discussões processuais coloca em diálogo as ideias de autores como Paulo Freire, Ana Mae Barbosa, Nêgo Bispo, Ailton Krenak e Donna Haraway, entre outros.

Palavras-chave: palavras-chave: arte/educação, educação ambiental, formação docente em arte, crise climática e sustentabilidade.

Conexão entre educação, ciência e sociedade: divulgação científica em redes sociais

*Laura Vitória Montouro Reis
Levi De Zen Itepan
Charles Albert Medeiros
Rosebelly Nunes Marques*

Resumo

A necessidade de transformar conteúdos frequentemente tratados de forma tradicional em sala de aula em postagens envolventes, visuais e educativas vem crescendo constantemente nas redes sociais. As plataformas, especialmente o Instagram, podem ser um canal potente para essa mediação, sendo esse espaço digital frequentado por estudantes, professores, pesquisadores e pela sociedade em geral, possibilitando a conexão entre o universo científico, a linguagem artística e as práticas pedagógicas. Este trabalho apresenta e discute uma experiência que intercomunica arte, educação e redes sociais a partir da atuação do grupo Centro de Referência em Ensino de Ciências da Natureza (CRECIN), (@crecin.esalq) na plataforma Instagram®. Este perfil foi consolidado como um espaço de experimentação educativa, que explora de formas criativas e acessíveis a transposição de saberes escolares e científicos para os ambientes digitais. A seleção dos temas ocorre por meio de reuniões de equipe e de análise das demandas do público-alvo, priorizando assuntos com potencial de articulação entre ciência, sociedade e linguagem digital, havendo também a necessidade de se alinhar com o contexto escolar e com debates contemporâneos — como o Dia Mundial da Água, o Ano Internacional da Geleira e a sustentabilidade. O desenvolvimento dos conteúdos parte de uma metodologia colaborativa, em que são definidas as temáticas de interesse. As publicações envolvem principalmente a divulgação científica, projetos e ações educativas do grupo, além de datas comemorativas relevantes, eventos científicos e assuntos de interesse da sociedade. Os conteúdos são desenvolvidos no Canva®, uma ferramenta gratuita de design gráfico online, sendo estruturados no formato de carrosséis educativos. O processo inclui as seguintes etapas: (1) definição do tema; (2) pesquisa

científica e pedagógica sobre o assunto; (3) elaboração do roteiro textual; (4) criação da identidade visual do post; e (5) publicação e monitoramento do engajamento. Somente no primeiro semestre de 2025, foram publicados mais de 36 conteúdos inéditos e diversos, que abordaram temáticas educacionais em áreas como ciências naturais, astronomia, educação ambiental, história da ciência e cultura digital, com uma abordagem interdisciplinar, articulando conteúdo e forma. Assim, este trabalho envolveu pesquisa, escuta e sensibilidade — elementos fundamentais ao se pensar na articulação entre arte e educação. A dimensão estética está presente tanto no design gráfico quanto na forma de apresentar o conteúdo, o que contribui para tornar o conhecimento mais acessível, instigante e significativo. Mais do que divulgar informações, o perfil do CRECIN busca criar experiências educativas que provoquem reflexão, despertem a curiosidade e incentivem práticas mais críticas, participativas e conectadas ao cotidiano das pessoas, como é o caso das redes sociais. Assim, essa experiência demonstra que educar no ambiente digital vai além de informar: trata-se de criar vínculos, construir narrativas sensíveis e valorizar a intersecção entre arte, ciência e educação.

Palavras-chave: popularização científica, mídias digitais, Instagram®.

IV CONGRESSO DA OPAE Piracicaba

* Designer Edu Grosso



Entre rios e raízes:
Arte Educação como
semente

